

**REPRESENTATIVIDADE
FEMININA NA
ARQUITETURA:**

MODELOS PARA
DIFUSÃO DE OBRAS
E ANÁLISE HISTÓRICA

FERNANDA FAHL

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

fernanda.fahl@usp.br

Catálogo na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Fahl, Fernanda Alves

Representatividade feminina na arquitetura: modelos para difusão de obras e análise histórica / Fernanda Alves Fahl; orientador Juliana Braga. - São Paulo, 2020.

160.

Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

1. Arquitetura e Gênero. 2. Arquitetas. 3. Feminismo. 4. Divulgação Arquitetas. I. Braga, Juliana, orient. II. Título.

Representatividade feminina na arquitetura

modelos para difusão de obras e análise histórica

Fernanda Alves Fahl
2020

Resumo

3

O papel da mulher arquiteta vem sendo progressivamente mais discutido e estudado nos últimos anos, com a percepção de que elas também fizeram e fazem parte da história. Este trabalho final de graduação se deu em duas proposições claras. A primeira propõe visitar a discussão a partir de uma pesquisa teórica sobre a arquitetura e gênero, especialmente sobre a inserção da mulher no campo profissional. A outra se dá através de um trabalho prático para a divulgação e reconhecimento das obras destas arquitetas, em específico as brasileiras, a partir do desenvolvimento de modelos que utilizam a estrutura das peças de montar LEGO, inspirado em sua coleção "LEGO Architecture". O trabalho apresenta o estudo e desenvolvimento dos modelos de duas obras de arquitetas pertencentes a diferentes gerações - Lina Bo Bardi e Carla Juaçaba - como um ensaio de difusão das arquitetas em esferas mais amplas.

Abstract

The role of women in architecture has been more openly discussed and studied over the last few years, with the current understanding that they were and are part of history. This final graduation work has happened in two distinct steps. The first proposes an overview of this discussion through the (more theoretical) lens of gender and architecture, mainly on the insertion of women on the job market. The other is a more "hands on approach", to foment the promotion of the life and work of these woman architects, more specifically Brazilians, by the creation of personalized LEGO instruction sets inspired by the "LEGO Architecture" series. With the intention of experimenting new ways of diffusion of the work of women designers in wider spheres, this essay presents the study and development of two models based on the work of two Brazilian architects, Lina Bo Bardi and Carla Juaçaba.

Bem Vindo

Por muito tempo não me senti capaz de produzir arquitetura, e isso se aprofundou imensamente durante a graduação. Não sendo uma entusiasta completa do meio acadêmico, não havia procurado por iniciativa própria entender como ou porque isto acontecia.

Em 2015, em um evento de nível universitário, o EREA Minas (encontro regional de estudantes de arquitetura), me encontrei em uma roda de conversa que questionava brevemente sobre quem eram as arquitetas mulheres. Em uma resposta óbvia, foi compreendido naquele momento que as arquitetas participavam especialmente de áreas diversas, como urbanismo, paisagismo e acadêmica, mas eram pouco lembradas nos projetos de edifícios.

Em 2018, fui confrontada com o fato de que não conhecia nenhuma arquiteta brasileira que tivesse sua produção de obras reconhecidas, e, perdida, procurei pesquisar mais sobre o assunto. Havia algumas informações dispersas, e, por diversas razões, não consegui encontrar uma resposta que fosse imediata e solucionasse este problema.

Fui retomar esse questionamento novamente quando precisei levantar quais temas me interessariam dentro da arquitetura, de forma a produzir um trabalho final de graduação. Então, deste modo, encontrei o meu tema. Porém, sabia dentro de mim que o que eu queria não era realizar um levantamento histórico e teórico apenas.

O mais importante era divulgar essas mulheres e as suas obras.

Então em 2019 defini como seria o trabalho, o que eu faria e como o faria. Definitivamente seria sobre a produção de arquitetura por mulheres no Brasil. A princípio teria um recorte histórico, concentrado de 1950-1990, com mulheres nascidas no país e aqui formadas. Este não se tratava de um trabalho teórico, em que a pesquisa fosse seu fim. O objetivo do trabalho era pensar um modo de tornar a produção das arquitetas mais conhecida, especialmente por um público mais amplo, através de uma ferramenta de divulgação que circulasse fora do ambiente especializado e dos círculos acadêmicos.

Porém, não contava com a realidade imposta pela pandemia de 2020. Com a FAU USP e as outras universidades tendo suas bibliotecas fechadas para o acesso, e a minha maior ferramenta para a pesquisa pensada inicialmente sendo as revistas publicadas nesta época, os parâmetros definidos precisavam ser revistos.

Após a definição das arquitetas escolhidas, o trabalho passou a se dedicar a tornar suas obras arquitetônicas o elemento físico de divulgação, tendo como foco sua difusão. Assim, decidi que a ferramenta de divulgação apropriada seria transformar as obras das arquitetas em modelos similares aos da linha de Arquitetura dos blocos de montar LEGO.



Sumário

Reconhecimentos	9
Início	12
Elucidando o tema	18
Assombreamento feminino	23
Feminismo na história	24
Onde estão as arquitetas?	36
Campo profissional	54
Reconhecimento das arquitetas	64
Mudando paradigmas	73
Arquitetura e o estudo de gênero	74
As arquitetas	80

Mão na massa	87
Escolha das arquitetas	88
Arquitetas Brasileiras	96
Por que Lego?	110
Fazendo os modelos	114
Sobre os textos escolhidos	126
 Finalmente	 129
Conclusões finais	130
Bibliografia	138
Fontes das Imagens	150
 Anexos	 152
Lygia Fernandes	153
Lista das obras de arquitetas encontradas no IAB, mas sem maiores informações na internet	157



Reconhecimentos

Este trabalho não existiria sem todo esforço das mulheres, arquitetas ou não, algumas citadas neste, que ajudaram a pavimentar o caminho lento para um mundo mais justo, que lutaram pelos seus e os nossos direitos. Hoje tornaram possível que este trabalho pudesse existir.

Feito por uma mulher sobre mulheres.

A todos os professores que tive durante toda a minha vida. Eu admiro muito todo o esforço que tem com o comprometimento de ensinar. Vocês são incríveis e a razão de eu estar aqui. Especialmente à Juliana Braga, que me auxiliou em todo o processo de compreender o tema e tratar ele de maneira clara e objetiva, meu muito obrigada.

À minha família, que me apoiou durante tudo, e está comigo até hoje, seja neste ou em outros planos.

Aos meus amigos, que me aguentaram e ajudaram tantas vezes, sabendo disso ou não. Em especial aos meliores pessoas, vocês sabem quem são e por que de estarem aqui (seria uma monografia para explicar cada um).

À todos que me ajudaram de diversas formas durante a pesquisa, edição, produção deste trabalho. Matheus, Carolina, Gabriela, Maryana, Ana, Angela, Vinicius, Artur, especialmente grata à ajuda de cada um.

A todos, colegas da faculdade, estranhos, conhecidos, que em algum momento me estenderam a mão e auxiliaram, sem pedir nada em troca, e sem nenhuma pretensão.

Agradeço principalmente ao meu pai, por possibilitar que eu pudesse entrar e completar meus estudos na FAU USP. Por todo apoio incondicional e todas as horas que precisei desabafar por qualquer tipo de motivo. Gratíssima por nunca desistir de mim e nunca me deixar desistir.

Não teria conseguido se algum de vocês não tivesse feito parte da minha vida.

Meu grata, grata, gratíssima.



Rosa Grena Kliass
- por Fernanda Fahl

Início

Ao longo dos últimos anos, em diversas mídias têm sido discutidos os papéis das mulheres na história geral do mundo, um assunto cada vez mais recorrente, em jornais grandes como NY Times e ArchDaily, e em diversas universidades, como UnB, USP, Princeton, entre outras. No mês de março é possível observar diversos meios de comunicação resgatando este assunto, querendo nomear e apontar mulheres ao longo da história e a sua importância nesta.

Ao refletir sobre minha própria trajetória e a minha formação, não apenas durante FAU USP, assim como desde o início da escola, percebi que nos anos de estudo do fundamental, eram raras as ocasiões nas quais as mulheres eram mencionadas como figuras majoritariamente responsáveis por alguma grande descoberta, quando sequer mencionadas, usualmente eram “loucas”, (Marie Antoinette, Dona Carlota Joaquina) ou mencionadas quase que como “mitos” (Elizabeth I, Joana D’Arc, Princesa Isabel).

Teve início, nas últimas décadas, um movimento de retomar este discurso, compreender onde estiveram estas mulheres na produção da história. Em muitos textos¹ se mencionam as mulheres que sempre existiram, mas que foram pouco ou nada reconhecidas ao longo dos acontecimentos, como, por exemplo, a escritora Olympe de Gouges, que em 1791 escreveu a “Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã”, além de peças teatrais² que explicavam os princípios da Revolução Francesa à enorme massa de analfabetos.

Relembrando e compreendendo o histórico destas mulheres assombreadas, percebo, como mulher, o quão importantes são as referências de poder em todo um desenvolvimento pessoal. É necessário compreender que só se aprende com o universo de referências que se disponibiliza para tal, e, deste modo, só pode se criar uma igualdade quando se estuda e mostra quem são as mulheres existentes.

Além dos fatos que serão trabalhados em seu tempo, em minha opinião, a arquitetura em si sofre com um grande desinteresse de grande parcela da população, tendo sido referida como um assunto de uma elite que se isola, fazendo com que dificilmente uma pessoa leiga na área sabe mencionar mais de três arquitetos de edificações na ponta da língua. Esse cenário se mostra mais complicado quando são questionados sobre mulheres da mesma área. E esse assombreamento persiste ainda, no momento em que estudantes de arquitetura, ou mesmo professores, não sabem mencionar as mulheres que produziram a arquitetura no Brasil.

*"Por um século e meio, mulheres vem provando a sua paixão e talento por construção e, nas décadas recentes, o envolvimento delas nas escolas de arquitetura aumentou muito. Porém, o número de mulheres trabalhando como arquitetas continua teimosamente baixo, e o quanto mais alto se olha na profissão, menos mulheres são vistas."*³
(STRATIGAKOS, 2016)

Este assunto vem sendo tratado desde a década de 1970 nos Estados Unidos e na Europa pelo meio acadêmico. Porém, no

Brasil, o tema ainda não é estabelecido. De longe, não sou a única⁴ e questionar esse papel das mulheres no desenvolvimento da Arquitetura ao longo dos anos. Existem algumas iniciativas coletivas, no mundo todo⁵, que tentam localizar e entender em que momento essas mulheres estiveram e existiram. Fazem parte de uma busca de referências, de identidade, de compreender a história como ela é.

Entre as iniciativas recentes, podemos destacar o site *Arquitetas Invisíveis*, o seminário de 2016 “Onde estão as mulheres arquitetas?”, algumas monografias com este tema, como a de Ana Gabriela Godinho, “Arquitetas e arquiteturas na América Latina do Século XX”, o de Marina Lima de Fontes “Mulheres invisíveis: a produção feminina brasileira na arquitetura impressa no século XX por uma perspectiva feminista”, entre outras, citadas ao decorrer deste trabalho. A intenção é que este trabalho ajude a somar a este quadro, de forma a divulgar a existência mulheres arquitetas e seus projetos.

14

“Independentemente da natureza impressionante produzido por mulheres que sabemos, não deveríamos confiar simplesmente na visibilidade de poucas como um sinal de progresso significativo. Isso é importante porque o processo de falar sobre ser uma mulher na arquitetura não é sobre ganhar igualdade nos termos de números, mas também é uma estratégia para pensar melhor o que significa ser uma arquiteta vivendo e trabalhando nos dias de hoje.”⁶ (HALL, 2019)

A intenção aqui não é a de produzir uma pesquisa histórica ou um trabalho teórico. Entre tantos princípios que se dão na tentativa

de expandir o conhecimento, na minha opinião, falta a aproximação com o público leigo, algo que demonstre para pessoas iniciantes ou que desconhecem o mundo da arquitetura que as mulheres arquitetas existiram e existem. Por isto, criaram-se dois modelos a partir do LEGO® Architecture, de obras de arquitetura com autoria de mulheres.

Neste trabalho final de graduação será tratado como foram escolhidas as obras, como foram produzidas e, mais expansivamente, o porquê este tema é importante. Composto por três principais temas, o trabalho irá decorrer inicialmente pelo Assombreamento Feminino, começando sobre a história do feminismo, e então tentando compreender a invisibilidade das mulheres na arquitetura em diversas áreas. Após esta etapa, será o momento de falar sobre as mudanças no cenário sobre os estudos de arquitetura e gênero, brevemente comentando sobre os trabalhos e projetos que visam mudar o cenário de assombreamento feminino na arquitetura. Finalmente, o trabalho falará sobre a produção prática já definida, explicando suas etapas e decisões.

O produto final foi produzido a partir de duas obras escolhidas, no modelo LEGO, com livretos inspirados nos da coleção Architecture, contando mais sobre suas histórias e construções, e também apresentando as arquitetas responsáveis por elas.

Notas

- 1 Uma simples procura no google sobre feminismo levanta diversos textos acerca do tema, de modo a discutir e entender a história.
- 2 Olympe de Gauges escreveu diversas peças de teatro, como uma anti-escravagista *L'Esclavage des Nègres* (1774), e *Les trois urnes, ou le salut de la Patrie, par un voyageur aérien* (1793), que a levou à ser presa.
- 3 Tradução da autora. STRATIGAKOS, Despina - *Where are the Women Architects*; 2016
- 4 Algumas outras que levantam o mesmo questionamento: Ana Gabriela Godinho de Lima em *Gênero e processo de projeto e Revendo a história da arquitetura: uma perspectiva feminista*; Flavia Sá em *Arquiteta. Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero*, Marina Lima de Fontes em *Mulheres Invisíveis*.
- 5 No Reino Unido, o grupo feminista MATRIX, um produto da liberação feminina dos anos 1980, trabalhou em conjunto pra empoderar mulheres para tomar controle do espaço por elas contribuído pela exploração da crença que a construção social de gênero construiu necessidades fundamentais diferentes para mulheres. O legado do grupo é visto mais efetivamente no ensino e publicações da época, e agora pode ser encontrado no trabalho de grupos subsequentes como o TAKING PLACE. (Jane Hall, 2019)
- 6 Tradução da autora. HALL, Jane– *Groundbreaking: Architecture by Women*; 2019



Lygia Fernandes
- por Fernanda Fahl

Elucidando o tema

Assim como Marina Lima de Fontes comenta no prefácio de *Mulheres Invisíveis*, “nenhuma pesquisa se dá ao acaso, que geralmente é movida por interesse pessoal e que a busca pelos questionamentos propostos é também uma procura por respostas internas”¹, este trabalho se deu com uma grande necessidade pessoal, desde antes mesmo de decidir fazê-lo.

Em um primeiro momento, o tema surgiu como um questionamento que me foi proposto: “*qual obra arquitetônica brasileira, feita por um arquiteto de formação brasileira também, eu gostaria de estudar?*” Para a qual eu não tive uma resposta. Pela primeira vez, dentro da faculdade de arquitetura fui confrontada e me vi tentando compreender o que eu gostava ou não. Em uma lista, com obras possíveis de serem estudadas, observei com uma certa amargura, que não havia nomes femininos.

Questionei então, se haveria a possibilidade de fazer o estudo sobre uma obra de uma arquiteta mulher. Recebi a resposta que sim, poderia, se pudesse encontrar uma arquiteta que se encaixasse no parâmetro estabelecido: com obra consolidada até a década de 1980, nascimento e formação brasileiros. Eu, então no quarto ano de faculdade, não sabia dizer nenhum nome. Questionei então meus colegas e amigos, e então alguns professores. Ninguém soube apontar alguma arquiteta dentro deste recorte. Por razões pessoais

diversas, não solidifiquei esse questionamento com uma pesquisa devida neste momento, e a dúvida persistiu, interna.

Pessoalmente, o momento durante a graduação no qual eu mais me aproximei da arquitetura, foi quando fui presenteada com um kit LEGO Architecture do Brandenburg Gate. Mostrou o tema por outro ângulo, algo que possibilitou que pudesse compreender melhor sobre estruturas e história. A partir deste momento, comecei a colecionar os conjuntos da série, encontrando neles uma curiosidade profunda de como funcionavam para refletir alguma característica específica da estrutura, em uma tentativa clara de aproximar os leigos de uma área muito considerada isolada.

O Trabalho Final de Graduação se propõe de modo aberto, para ser algo que o estudante tenha plena escolha do que vai trabalhar no mesmo. Sendo assim, depois de muita análise e questionamentos, defini que gostaria de fazer um trabalho desenvolvendo modelos com peças do LEGO que fossem de obras de arquitetas mulheres. Porém, era até aí que havia definido. Após conversas e compreensões muito necessárias, compreendi que, maior do que a minha vontade de fazer um trabalho prático, seria a necessidade de compreender como se deu esse assombreamento das mulheres na arquitetura.

Então, uma indagação estendida levantada: até onde o tema *Arquitetura e Mulheres* é uma proposição de estudo ou uma questão pessoal? E a resposta encontrada foi os limites entre ambos se confundem e se esticam.

A questão pessoal se dá a partir do contexto do sentimento de adequação perante a profissão de arquiteta. De quanto significa ter exemplos, tanto de comportamento quanto de sucesso. Algo que

durante a faculdade seria ideal ser mostrado, já que é uma época de crescimento, na qual se mostra essencial para que haja motivação e onde essas arquitetas poderiam marcar caminhos de modo geral para outras mulheres querendo percorrer o mesmo caminho.

Pensando pela frente da proposição de estudo, algumas questões chaves foram levantadas: "já que as arquitetas existem, onde estão inseridas?"; "quais são as obras que realizaram ou os projetos em que estiveram envolvidas?"; "como seria possível melhorar a visibilidade as obras nas quais as mulheres estão à frente como autoras ou colaboradoras nas equipes de projeto?"

Olhando as referências que se aparecem mais rapidamente,



Figura 1. Ilustração por Renata Eloah

tanto durante o curso quanto entre os leigos, são poucas as arquitetas mulheres que aparecem, sendo em sua maioria, excepcionais às regras dadas. Elas se destacam não só em meio a sua geração, mas em meio a homens que tem mais força em nome do que elas nas respectivas épocas. Através de discussões e leituras, é propício argumentar que a arquiteta comum, nada pode ter de comum se quer entrar no mercado de trabalho. Existem diversas imposições - faladas mais adiante - que a impedem, dificultam este caminho. E justamente por este motivo, é tão importante discutir, enaltecer e publicar as mulheres que produzem a arquitetura.

Deste modo, a pesquisa de onde estiveram, quais obras fizeram se deu de forma a encontrar as referências nas publicações das décadas de 1960-1990. Tentar encontrar as arquitetas e onde estiveram.

A forma de melhorar a visibilidade das arquitetas e suas obras com este trabalho foi com o desenvolvimento de um modelo de LEGO. Isto é relevante para que, diversas entusiastas da arquitetura ou do brinquedo LEGO, que mesmo sem ter um conhecimento aprofundado das obras, possam encontrar e se entreter com algo que seja representativo da produção feminina. Assim como Despina Stratigakos, que em 2011 ajudou a lançar a boneca "Barbie Arquiteta", da coleção "tudo que você pode ser" da Mattel, acredito no entendimento que, com representatividade em meios que são consumidos, as garotas podem sonhar em mais alto, sem se prender à amarras psicológicas do que podem ou não fazer.

É imperativo mostrar que existem, quem foram e o que fizeram as mulheres arquitetas, para que possam exceder à regra, e em

conjunto, como uma força repleta de sororidade, mudar as regras da sociedade atual.

Dentro deste estudo, é importante, também, contribuir para os estudos de gênero e arquitetura, aproximar tanto o estudante, quanto o entusiasta da área, criando visibilidade nas obras já existentes feitas por mulheres.

Figura 2. Roda de conversa sobre papel feminino, ENEA São Paulo, 2016



22

Notas

1 FONTES, Marina de Lima – Mulheres invisíveis; 2016



Assombramento femminile

Feminismo na história

"Todos sabem que a diferença dos sexos só é relativa ao corpo e não existe mais que nas partes propagadoras da espécie humana; porém, a alma que não concorre senão por sua união com o corpo, obra em tudo da mesma maneira sem atenção ao sexo. Nenhuma diferença existe entre a alma de um tolo e de um homem de espírito, ou de um ignorante e de um sábio, ou a de um menino de quatro anos e um homem de quarenta. Ora, como esta diferença não é maior entre as almas dos homens e a das mulheres, não se pode dizer que o corpo constitui alguma diferença real nas almas. Toda sua diferença, pois, vem da educação, do exercício e da impressão dos objetos externos, que nos cercam nas diversas circunstâncias da vida." (FLORESTA, 1989)¹

24

Para que possa haver maior clareza sobre o assombreamento feminino ao longo dos anos, é necessário traçar um panorama sobre o movimento feminista, especialmente no Brasil, que é o lugar de estudo neste trabalho. Deste modo, precisamos rever brevemente a história do feminismo no mundo.

Alguns estudiosos do tema apontam que o surgimento pode estar associado à Revolução Francesa e ao texto *"Declaração dos*

Direitos do Homem e do Cidadão" de 1789, mas que a primeira declaração se deu por Olympe de Gouges, uma revolucionária e feminista francesa, que compôs a "*Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*" em 1791. Neste, proclamava que as mulheres tinham os mesmos direitos que os homens, reclamando seu direito de participar da política. (MENDONÇA, 2019). Embora seu texto não tenha sido reconhecido na época, atualmente passou a ser considerada na historiografia por trazer de modo pioneiro atenção à questão feminina. No ano seguinte, Mary Wollstonecraft escreveu "*Uma Reivindicação pelos Direitos da Mulher*" (*A Vindication of the Rights of Woman*)², que se tornou um trabalho precursor sobre feminismo na língua inglesa. Desafiando a noção de que as mulheres existem apenas para agradar aos homens, ela propôs que mulheres e homens tenham oportunidades iguais na educação, no trabalho e na política. "As mulheres", escreveu ela, "são tão naturalmente racionais quanto os homens. Se eles são tolos, é apenas porque a sociedade os treina para serem irrelevantes."

No século XIX, a Revolução Industrial na Europa fez com que as mulheres fossem obrigadas a trabalhar nas fábricas, um trabalho deveras insalubre independente de gênero. A partir deste momento, várias rebeliões proletárias tomaram espaço, exigindo melhores condições de trabalho. Aliado a este momento, surgiu o primeiro movimento feminista entre mulheres brancas e de classe média, que lutavam pela participação ativa no cenário político e econômico do país, protestavam pelo direito à educação, ao contrato, à propriedade, ao divórcio, à igualdade de salário, entre outros. (MENDONÇA, 2019)

Este cenário culminou na realização da primeira convenção pelos direitos das mulheres, em 1848, nos Estados Unidos. Nesta, Elizabeth Cady Stanton publicou 11 resoluções baseadas na

proclamação da Declaração da Independência de que “todos homens e mulheres são criados iguais”. Este movimento trouxe à tona também os problemas das disparidades raciais, levantado por Sojourner Truth, uma escrava liberta, que mostrava a diferença sociais entre os *ordinários* e a elite. Mesmo tendo sido vitoriosos no estado de Nova York, com as onze resoluções sendo aprovadas, e seguido por alguns outros estados, logo se apagou, pois naquele momento começava a Guerra Civil dos Estados Unidos.

“A modernidade, momento de inesgotáveis e diversas reflexões, carrega, entretanto, uma característica inegável: a contradição. Não seria diferente em relação à história das mulheres. Avanços por um lado e retrocessos por outro, é durante o século XX que muitas mudanças de pensamento e comportamento, iniciadas antes mesmo dele, vão eclodir.”
(FONTES, 2016)

26

O movimento feminista voltou a ser discutido em 1890, porém com discordâncias entre si. Algumas participantes mais radicais, acreditavam que era necessário o uso de força para serem ouvidos, e, assim, promoviam boicotes, bombeamentos e piquetes. Em 1918 o Parlamento Inglês estendeu o voto para mulheres donas de casa, casadas e universitárias após os 30 anos. Em 1920, as feministas conseguiram sua primeira grande vitória com a aprovação da 19ª Emenda na Constituição Americana, garantindo o direito ao voto.

Logo que objetivo principal do movimento sufragista foi alcançado, o movimento feminista se fragmentou nos Estados Unidos e na Europa. Alguns movimentos de mulheres existiram, mas não foram de natureza feminista. Houve discussões filosóficas

e movimentos sobre a igualdade nas leis e ao trabalho, que foram limitadas a círculos relativamente pequenos. Norte-americanos e europeus acreditavam que as mulheres haviam alcançado a sua liberação, estavam votando, mesmo que em números menores, igual os homens da época. Suzanne LaFollette, uma feminista radical, concluiu em 1926 que a dificuldade das Mulheres era “amplamente ganho” (tradução livre de: *is very largely won*).

Em sequência, os Estados Unidos e o mundo entraram na Grande Depressão e na Segunda Guerra Mundial. O cenário mundial fez com que o ativismo feminista fosse obliterado em todos os continentes. A guerra abriu as portas para que mulheres trabalhassem em diversos campos, portas que foram fechadas logo após o fim da guerra, quando elas perderam seus trabalhos para homens dispensados do serviço militar. Isto causou diversas questões, mas nenhuma que tenha sido motivo de protestos organizados. Nos 15 anos seguintes, a cultura da domesticidade iniciou-se de forma disseminada. Mulheres se casavam mais jovens e tinham mais filhos. Em 1960, a percentagem de mulheres empregadas estava menor do que a década de 1930. (BRUNELL, BURKETT, 2020)

Neste cenário, a segunda onda do feminismo surgiu, vinda dos movimentos dos direitos civis, igualdade e justiça, e dos protestos contra a Guerra do Vietnã. O Presidente John F. Kennedy teve as preocupações das mulheres em sua agenda antes da discussão surgir, tendo montado uma Comissão do Status da Mulher, com Eleanor Roosevelt liderando a mesma. As ações, sendo a Lei de Igualdade Salarial de 1963 e a Lei dos Direitos Civis de 1964, foram consideradas insuficientes no país, e na mesma década mais tarde, o assunto se expandiu ao mesmo tempo do movimento pelos direitos civis. (BRUNELL, BURKETT, 2020)

Sixty-sixth Congress of the United States of America;

At the First Session,

Begun and held at the City of Washington on Monday, the nineteenth day of May,
one thousand nine hundred and nineteen.

JOINT RESOLUTION

Proposing an amendment to the Constitution extending the right of suffrage
to women.

*Resolved by the Senate and House of Representatives of the United States
of America in Congress assembled (two-thirds of each House concurring therein),
That the following article is proposed as an amendment to the Constitution,
which shall be valid to all intents and purposes as part of the Constitution when
ratified by the legislatures of three-fourths of the several States.*

"ARTICLE ————"

"The right of citizens of the United States to vote shall not be denied or
abridged by the United States or by any State on account of sex.

"Congress shall have power to enforce this article by appropriate
legislation."

J. H. Gillett

Speaker of the House of Representatives.

Thos. R. Marshall

Vice President of the United States and
President of the Senate.

DÉCLARATION DES DROITS DE LA FEMME ET DE LA CITOYENNE,

*A décréter par l'Assemblée nationale dans
ses dernières séances ou dans celle de
la prochaine législature.*

PRÉAMBULE.

Les mères, les filles, les soeurs, repré-
sentantes de la nation, demandent d'être cons-
tituées en assemblée nationale. Considérant
que l'ignorance, l'oubli ou le mépris des
droits de la femme, sont les seules causes
des malheurs publics et de la corruption des
gouvernements, ont résolu d'exposer dans
une déclaration solennelle, les droits natu-
rels, inaliénables et sacrés de la femme,
afin que cette déclaration, constamment
présente à tous les membres du corps social,
leur rappelle sans cesse leurs droits et leurs
devoirs, afin que les actes du pouvoir des
femmes, et ceux du pouvoir des hommes
pouvant être à chaque instant comparés avec
le but de toute institution politique, en soient
plus respectés, afin que les réclamations
des citoyennes, fondées désormais sur des
principes simples et incontestables, tournent
toujours au maintien de la constitution, des
bonnes moeurs, et au bonheur de tous.

En conséquence, le sexe supérieur en beauté
comme en courage, dans les souffrances
maternelles, reconnaît et déclare, en présence

Figura 3. Déclaration des droits de la
femme et de la citoyenne

Figura 4. Nineteenth Amendment - Rights
of Women

“História não é simplesmente meritocrática: é uma narrativa do passado escrita e revisada – ou sequer escrita – por pessoas com agendas.” (STRATIGAKOS, 2020)

A segunda onda provocou uma discussão teórica extensiva sobre a origem da opressão contra a mulher, a natureza do gênero e o papel da família. Assim, criou-se diversas frentes de discussão. A francesa Simone Beauvoir foi uma importante representante para o feminismo no final da década de 60 e 70. Ela se tornou uma das maiores teóricas do feminismo moderno, além de filósofa, professora e escritora. (MENDONÇA, 2019)

A partir deste momento histórico, o feminismo fragmenta-se em várias frentes, tendo algumas questões como direito ao estudo, igualdade de salários e de oportunidades como temas iguais, mas tratados de formas diversas. Foram levantadas muitas discussões, sobre gênero, raça, sexualidade e outros temas, nas quais geralmente polêmicas surgem, de modo a questionar o papel da mulher na sociedade e o papel da sociedade para a mulher. Diversos direitos foram ganhos, leis de proteção feitas, questões sobre sociedade e religião interligadas.

Como em todo outro movimento social e político, fissuras e desacordos eram presentes em todas as ondas do feminismo. A terceira onda, que foi em uma extensão jamais imaginada pelas mulheres da primeira e segunda onda antes dele, foi plural e multifacetada, englobando pessoas de diversos gêneros, etnicidade e identidades de classes, experiências e interesses. Assim, a sua grande força, a multipluridade, foi atacada como sua grande fraqueza. (BRUNELL, BURKETT, 2020)

Dessa maneira, o movimento feminista se expandiu e surgiram

outras preocupações relacionadas ao corpo da mulher e quanto ao uso desse corpo feito por ela ou pela sociedade. Com muita controvérsia ainda, o feminismo cria resistência. Algumas mulheres, a maioria jovens, que consideram o feminismo ultrapassado, radical e desnecessário nos dias de hoje. Esse grupo cresce na esteira das redes sociais – há uma profusão de comunidades sobre o tema na internet – e, amparado em lemas como “homens e mulheres são diferentes sim e têm de ser tratados como tal”. (PEREZ, 2014)

As redes sociais também auxiliaram nos últimos anos ao discurso feminista a se expandir e criar força, com os temas de assédio sexual, “body shaming” e a cultura do estupro em foco. Destes, sobressaem-se os movimentos “Me Too” de 2006, que denunciava diversas formas de abuso nas redes sociais em todo o mundo, trazendo condenação para dúzias de homens em diversas áreas, e o “Women’s March”, que em 2017, nos Estados Unidos, foi o maior protesto feminista da história do país, reunindo 4.6 milhões de pessoas. (BRUNELL. BURKET, 2020)

“Na historiografia, as mulheres têm a individualidade de personagens históricas. São forças misteriosas, desconhecidas, às vezes perigosas.” (DIAS, 1983)

Nos dias de hoje, é estranho e até absurdo pensar que em algum momento ocorreu tanta disparidade de gênero que as mulheres não eram permitidas estudarem além da escola primária. Mas o fato é que, antes de 1827, no Brasil, este direito básico era negado às meninas, somente revertido a partir do momento que a Lei Geral de 15 de outubro foi promulgada e autorizou as mulheres a ingressarem nos colégios. Nísia Floresta (Dionísia Gonçalves Pin, 1819-1885) foi

a grande percursora da emancipação feminista no país, fundando a primeira escola para meninas no Brasil e publicando o livro "*Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens*" que é considerado o pioneiro do feminismo brasileiro por reforçar que a mulher é tão capaz quanto qualquer homem de assumir cargos de liderança ou desempenharem quaisquer atividades na sociedade.³

Mais próximo ao final do século XIX surgiram os primeiros núcleos em defesa dos ideais feministas em toda a América Latina. Em 1879, as mulheres conquistam então o direito de acesso às universidades. Só que o machismo estrutural da sociedade continuou impedindo o acesso das mulheres, fazendo com que o preconceito atingisse as estudantes da época.⁴

No Brasil, o surgimento do movimento estava bastante relacionado com as greves de 1907 e 1917, juntamente com a chegada dos ideais anarquistas e socialistas trazidos da Europa pelos imigrantes. Em 1910 é criado o Partido Republicano Feminino, por Leolinda Figueiredo Daltro, como ferramenta de defesa do direito ao voto e emancipação das mulheres na sociedade. Já no ano de 1922, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino é fundada, onde os principais objetivos eram a batalha pelo voto e livre acesso das mulheres ao campo de trabalho. O movimento sufragista brasileiro foi encabeçado por Bertha Lutz, que liderava a Federação Brasileira para o Progresso Feminino (FBPF). A atuação do sufragismo no Brasil fez com que as mulheres tivessem o direito ao voto decretado em 1932, durante o governo de Getúlio Vargas. Em 1946 é eleita a primeira deputada federal brasileira, Carlota Pereira de Queiróz.

Durante o período que anterior à Ditadura Militar, as militantes do feminismo divulgavam suas ideias por meio de reuniões, jornais, explicativos, e da arte de maneira geral. Eram válidas todas as formas

de divulgação da repressão sofrida e os direitos que não eram levados em consideração. Desta forma, muitas vezes aproveitam greves e periódicos sindicalistas e anarquistas para manifestarem sua luta, conquistas e carências. (FAHS, 2018)

Somente com a pressão do movimento de mulheres, o Congresso Nacional aprovou, dez anos depois, as mudanças indicadas por Romy Medeiros e Ormind Bastos. O novo Código Civil de 27 de agosto de 1962, terminava com a tutela dos maridos sobre as suas esposas. Agora, as mulheres não precisariam mais da autorização do marido se quisessem trabalhar fora de casa, receber herança, ou viajar. (BEZERRA)

No fim da década de 70, as ações feministas do país engajaram-se aos movimentos de luta e resistência contra a Ditadura Militar no Brasil. Também houve uma aproximação com movimentos sociais de negros e homossexuais. Assim, o feminismo se alastrou por várias cidades, ganhou espaço na televisão e propôs debates com questões relacionadas à sexualidade feminina, a violência contra a mulher, a equiparação de salários, entre outros. (MENDONÇA)

Quando a democracia cria força novamente no Brasil, as mulheres ganham mais protagonismo no governo em 1985, do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM). Também foi aberta a Delegacia de Atendimento Especializado à Mulher (DEAM) surge em São Paulo e, logo depois, outras unidades começam a ser implantadas em outros estados. (BEZERRA)

Com a Constituição de 1988, as mulheres passaram a ser vistas pela legislação brasileira como iguais aos homens. Foram incorporados, além da igualdade jurídica entre homens e mulheres, licença-maternidade com duração superior à da licença-paternidade;

o incentivo ao trabalho da mulher, mediante normas protetoras; prazo mais curto para a aposentadoria por tempo de serviço e contribuição da mulher.

Assim como no feminismo mundial, no século XXI, o feminismo brasileiro toma diferentes proporções quando entra em contato com a internet. Agrega ao mesmo tempo que separa. Não se deve deixar de esquecer algumas leis criadas: em 2002 o Código Civil extinguiu o artigo que permitia que um homem solicitasse a anulação do seu casamento caso descobrisse que a esposa não era virgem antes do matrimônio; em 2006 é sancionada a Lei Maria da Penha, nº 11.340/2002, que foi sancionada para combater a violência contra a mulher; em 2015 a Lei nº 13.104 reconhece o feminicídio como um crime de homicídio; mais recentemente, em 2018, foi aprovada a Lei nº 13.718/2018, que caracteriza o assédio como crime, esta legislação garante proteção às pessoas de todos os gêneros, mas a força do movimento feminista foi essencial para que ela se tornasse uma realidade em nossa sociedade.⁵



Figura 5. Marcha das mulheres, montagem VEJA.

Notas

- 1 Autora brasileira, precursora do feminismo no Brasil, Nísia Floresta, texto encontrado em: Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens.
- 2 Texto escrito em 1792.
- 3 Nossa causa – Conquistas do Feminismo no Brasil, 09/03/2020 (internet)
- 4 IDEM
- 5 Conquistas do feminismo no Brasil: uma linha do tempo; Nossa Causa, 09/03/2020 (internet)



Onde estão as arquitetas?

"A ausência das mulheres da profissão da arquitetura permanece, a despeito de várias teorias, muito difícil de explicar e muito lenta para mudar. Demarca uma falha da qual a profissão se tornou adepta ao encará-la com um olhar cego, a despeito do fato de que este olhar coloca a arquitetura muito atrás de outras profissões com as quais, frequentemente, os arquitetos procuram alinhar-se. Se considerarmos a arquitetura como uma construção cultural, ao mesmo tempo receptáculo e resíduo, nós não podemos senão indagar o que esta sintomática ausência sugere sobre nossa cultura e as regras que regem a produção de sua arquitetura. Uma coisa está clara, entretanto: assim como a ausência de qualquer sexo em um grande grupo representativo deve indicar alguma crise interna na qual o gênero tem um papel essencial, a ausência das mulheres da profissão aponta para uma profunda crise relacionada ao gênero na base da arquitetura." (HUGHES, 1996)¹

36

O gênero e a arquitetura tem uma relação que não é muito clara, e que levanta muitas questões dentro do mesmo campo. A indagação 'onde estão as mulheres arquitetas' vem se aprofundando de um modo sutil e cada vez mais começa a se mostrar presente. No cenário europeu e norte-americano os estudos acadêmicos sobre estas mulheres vem sendo organizados desde a década de

1970. Mas na América Latina, esta reflexão parece ser mais recente, e ainda não vemos tais estudos sendo organizados de modo tão sistemático, nem tão aprofundados. (LIMA, 2013)

As pesquisas, palestras, discussões e publicações sobre o tema da mulher na arquitetura evoluem lentamente no cenário brasileiro, mas são essenciais para podermos compreender as transformações no campo de trabalho, nos espaços de formação e nos debates recorrentes. Ao mesmo tempo, esse rareamento do material de pesquisa, nos leva a necessidade de recorrer constantemente a bibliografia estrangeira.

“Se nos baseamos em bibliografias e referenciais estrangeiros é porque ainda carecemos destes materiais produzidos especificamente sobre a nossa realidade. Há um lado negativo neste fato, por dificultar a obtenção da profundidade e densidade desejáveis nos trabalhos sobre o tema. Por outro lado, nos dá a oportunidade de lançar um olhar mais abrangente, de situar o assunto não de uma forma restrita e absolutamente regional, mas de forma ampla e global. De qualquer forma, é preciso não perder de vista o fato de que a história das arquitetas latino-americanas é a história das colonizadas, e não das colonizadoras.” (LIMA, 1999)

A história do assombreamento feminino na arquitetura é muito antigo. Em 1880, Margaret Hicks foi a primeira mulher a se formar no programa de graduação em arquitetura da Universidade Cornell,² provocando na época diversos questionamentos sobre o tema, como: “deviam as mulheres fazer arquitetura?”, “porque não faziam desde antes?”. O *Washington Post* publicava “Se alguém sabe como uma casa deve ser, é a mulher que vive nela.”, enquanto



Figura 6. Estúdio de Le Corbusier e os colaboradores (mulheres incluídas)

o *Cincinnati Enquirer* sugeria que as mulheres deveriam se manter apenas nas áreas do cuidado da casa, e não nos espaços comuns. Em 1902, Thomas Raggles Davison, editor do *British Architect*, publicou um artigo em que ele considerou que as mulheres não deveriam praticar arquitetura, argumentando que os traços naturais de uma mulher a fazia incapaz de estar na profissão de construção. Esta opinião reverberou então por outros críticos, como Otto Bartning, que reforçavam a ideia de que as mulheres não eram feitas para a arquitetura. (STRATIGAKOS, 2016)

"A forte resistência aos esforços da mulher de se integrar à arquitetura, que se estendia tanto por políticas individuais, educacionais, admissões nas faculdades, e associações profissionais, tiveram um profundo impacto na profissão." (STRATIGAKOS, 2016)³

Pode-se ver então, pelas publicações da época, que à mulher foi designada a arquitetura doméstica, pela competência das mesmas de fazer “projetos mulheris, delicados, ornamentais e com ênfase nos detalhes.” (OTONDO, 2017)⁴ Desse modo, a casa assume um papel essencial como espaço de trabalho para a arquiteta no campo arquitetônico. Sendo entendida como um assunto feminino natural, pois o papel da mulher na sociedade é o da dona de casa, se tornaria o primeiro campo no qual conseguem desenvolver algum papel. (LIMA, 2013)

“Nestes casos, a contratação das mulheres, durante várias décadas do século XX no Ocidente, foi dificultada por uma série de razões, como o fato de que o número de arquitetas nas primeiras décadas deste século era muito menor do que o de arquitetos. O preconceito contra as mulheres como profissionais atuando no espaço público, em geral, e, neste caso, contra as arquitetas em particular. Era muito comum a ideia de que as arquitetas ainda poderiam ter alguma competência em projetos relacionados ao lar, à casa, à habitação, mas que perderiam o pé em projetos envolvendo outros tipos de funções.” (IDEM, 2013)

As arquitetas se ressentiam com a mídia e sobre colegas homens que as apresentavam como “degeneradas sexuais” (por estarem fora de seu “lugar”), ou como designers dos “armários de vassoura”. Ocasionalmente alguma arquiteta fazia um esforço além do comum para tentar mudar a percepção da sociedade. Foi o caso de Fay Kellogg, uma arquiteta de sucesso de Nova York em 1911, que insistiu em ter uma foto de si mesma no nono andar de um prédio que estava construindo. Disse, ainda sobre o tópico “Não acho que as arquitetas mulheres devem se satisfazer com pequenos

*pedaços, mas se lançar a fazer prédios. É aqui que nome e dinheiro são feitos. Não aprovo que uma mulher capaz fique se rastejando, deixe-a saltar em frente como os homens o fazem. Tudo que ela precisa é de coragem."*⁵. (STRATIGAKOS, 2016)

Por muitas vezes, as mulheres arquitetas provaram seu lugar em concursos prestigiosos, entrando e vencendo os mesmos. Em 1894, Alice Hands e Mary Gannon ganharam o concurso do Hospital Florence em São Francisco, após formar a primeira parceria feminina dos Estados Unidos. Em 1907, Emilie Winkelmann, a primeira mulher a abrir um escritório na Alemanha, ganhou um concurso de um grande centro de entretenimento em Berlim. E assim, por alguns anos, as mulheres arquitetas conseguiram quebrar a barreira e ganhar diversos concursos em diferentes países. Mas, apesar



Figura 7. Uma mulher construtora em Berlim, realizando reparos no teto da Câmara Municipal de Berlim. 1910

do sucesso coletivo, a concepção de que deveriam se manter no campo de arquitetura doméstica, da casa e do interior, se provava difícil de mudar. (STRATIGAKOS, 2016)

Após a depressão de 1890 e as Guerras Mundiais, a profissão se voltou de forma mais intensa para a arquitetura habitacional e os movimentos de reforma urbana. O funcionamento da casa, a racionalização das atividades domésticas, distribuição espacial eficiente já vinham sendo estudados por diversas arquitetas, e nesse momento passam a ser feitos também por arquitetos homens. Deste modo, introduz-se a arquiteta como historiadora, crítica e teórica da arquitetura, não apenas mais como a dona de casa que fala sobre o ambiente doméstico. (LIMA, 2013)

41

"Pode-se perceber que, ainda hoje, apesar do crescimento expressivo das mulheres nas universidades, e nos diversos campos profissionais, seu acesso tardio e direcionado a determinados campos "adequados" foi também uns dos responsáveis por uma invisibilidade de sua atuação profissional." (FONTES, 2015)⁶

A partir da década de 60, juntamente com a segunda onda do movimento feminista, com o chamado para que mulheres de todo o mundo saíssem da casa, a posição da arquitetura doméstica é questionada, e portanto, começam a esfera acadêmica começa por fim a se exaltar. São fundadas organizações como "Organization of Women Architects" (OWA), "Chicago Women in Architecture", e a "Alliance of Women in Architecture" (AWA) na década de 1970.⁷ Como outras organizações feministas, serviam para aumentar a consciência das discriminações encontradas pelas mulheres no

mercado de trabalho e também ajudar os membros a prosseguirem em suas carreiras. (STRATIGAKOS, 2016)

Assim como na própria história do feminismo, a forma como as mulheres latinas se envolveram com todas as questões levantadas até agora se deu de maneira distinta. O acesso tardio aos estudos constitui-se como um fato forte da desigualdade à qual foram submetidas.

No campo da arquitetura e das artes visuais, como apontado por Durand (1989), houve um fenômeno de crescimento da presença feminina principalmente entre 1950 e 1980. No Rio Grande do Sul, a primeira turma de graduação em arquitetura do estado se dá em 1949, com apenas uma mulher diplomada.⁸ O cenário se inverte em 1973 após um crescimento constante da participação feminina ao longo das décadas. Em São Paulo, as mulheres estão presentes como formadas em arquitetura desde a primeira turma da FAU-USP de 1952. Ao pesquisar as listas de todos os estudantes formados nesta escola, desde a primeira turma, observa-se que entre 26 alunos ingressantes, haviam 4 estudantes mulheres. E ainda que em pequeno número na primeira década de funcionamento do curso, nos anos seguintes observa-se um crescimento progressivo, até que passam a compor a maioria dos estudantes a partir de 1982, quando se formam 65 mulheres e 60 homens.

42

“Na arquitetura, embora as mulheres atinjam cerca de metade do número de estudantes nas escolas, às vezes superando grandemente esta proporção, não é difícil notar que, no campo profissional, atuam em menor número e em relação a seus colegas homens, adquirem menos visibilidade e reconhecimento. Isso pode ser constatado num exame das obras publicadas em

livros e periódicos, ou nos programas de ensino nas escolas de arquitetura. Admitindo que o fato de ser homem ou mulher não interfira diretamente na qualidade da produção da arquitetura, a menor participação da mulher neste campo torna-se algo difícil de explicar.” (LIMA, 1999)

Como bem apontado por Ana Gabriela Godinho de Lima, mesmo com grande presença nas faculdades de arquitetura, podemos observar através da presença nas publicações e obras que muitas vezes esta proporção não se mantém no mercado de trabalho. Ao pesquisarmos as publicações em revistas principalmente das décadas de estudo escolhidas, as arquitetas acabam por ser absurdamente a minoria, o que pode ser constatado através do estudo da dissertação de mestrado de Marina Lima de Fontes, *“Mulheres Invisíveis: a produção feminina brasileira na arquitetura impressa do século XX por uma perspectiva feminista”*, que trata da a presença das mulheres nas principais publicações brasileiras de arquitetura.

“Dentro do panorama dessas principais revistas, as escolhidas para análise da atuação feminina foram a Acrópole (1938-1971), a Habitat (1950-1965) e a Módulo (1955-1964/1975-1989). O motivo para a seleção dessas três, além da importância dessas publicações no contexto do movimento moderno brasileiro foi também seu período de veiculação, entre as décadas de 1950 e 1990 que abarca com maior abrangência o decorrer do século XX.” (FONTES, 2015)

Tentar encontrar referências de arquitetas brasileiras

dentro das publicações, sabendo de sua presença numerosa nas faculdades e escolas de arquitetura, é algo que deveria ser simples. Mas como a própria pesquisa citada acima demonstra, as arquitetas mulheres são minoria perante os arquitetos homens presentes nas publicações. Isto se dá especialmente quando a equipe editorial é majoritariamente preenchido por editores do sexo masculino, o que demonstra o quanto a representação em todos os campos é necessária.

Outra questão a ser levantada quanto à presença das mulheres na arquitetura no Brasil é que a formação oferecida pelo curso de arquitetura e urbanismo não é só técnica, mas também artística, reunindo tanto disciplinas comuns aos cursos de engenharia (como cálculo, estrutura e resistência de materiais), quanto matérias do campo das ciências humanas, da história e das artes. Da mesma forma que o currículo é eclético, as opções de trabalho são amplas, fazendo com que o arquiteto possa atuar em diversas áreas. (SILVA, 2001)⁹

É então no campo das pesquisas sociais e culturais que grande parte das arquitetas brasileiras, passaram a atuar na produção de conhecimento sobre a arquitetura. Ainda assim, algumas das pioneiras mais conhecidas da arquitetura no país não se restringiram ao campo teórico ou prático, mas se dedicam múltiplos lugares de atuação profissional, como, por exemplo, Carmem Portinho, Lina Bo Bardi, Mayumi Watanabe e Lygia Fernandes. (LIMA, 2013)

“As mulheres estão presentes em peso como professoras nas salas de aula das faculdades de arquitetura, em palestras, seminários e congressos. Publicam artigos e livros, editam, coordenam e dirigem edições, enfim, participam e influenciam de forma decisiva na reflexão e produção do ambiente construído

em que vivemos." (LIMA, 2013)

Além da própria dificuldade encontrada por estas mulheres, que conseguem adentrar e concluir as escolas de arquitetura, também entre aquelas que ingressam no mercado de trabalho, há diversas histórias mais conhecidas (mas não tão expostas quanto deveriam ser) de apagamento e não-reconhecimento de seu papel e colaboração em grandes obras: Lily Reich, que trabalhou em conjunto com Mies van der Rohe, morre no anonimato e na pobreza, enquanto ele é elevado ao panteão dos mestres Modernistas; a vandalização extrema da casa E-1027, de Eileen Gray por Le Corbusier; o prêmio Pritzker sendo dado a Robert Venturi, enquanto sua parceira e mulher, Denise Scott Brown, não é reconhecida.¹⁰ Não cabe aqui explicar profundamente a história de cada uma delas, sendo cada uma de extrema complexidade, contudo, é sempre importante apontar que existe um mecanismo de assombreamento perante às mulheres arquitetas na história e no mundo.

O caso de Eileen Gray é um exemplo complexo e muito pouco conhecido. O arquiteto Le Corbusier, participou ativamente no apagamento da artista da história, invadindo e vandalizando a obra arquitetônica. Deste modo, Gray não recebeu os reconhecimentos que merecia durante sua vida, e a maior parte de seu sucesso ocorreu postumamente. Teve poucas obras concluídas, porém, existe material que a relaciona a mais de cem projetos arquitetônicos, demonstrando que ela levava o papel de arquiteta muito à sério.

A casa E.1027, foi projetada e construída pela arquiteta Kathleen Eileen Moray Gray para Jean Badovici e para si mesma entre os anos de 1926 e 1929. O terreno escolhido foi um sobre as pedras, cerca de 30 metros acima do mar Mediterrâneo, em um

lugar remoto. O nome da obra foi feito a partir das letras dos nomes de ambos: E, para Eileen, os números de acordo com a posição das letras de acordo com o alfabeto, 10 para J, 2 para B e 7 para G. É reconhecida como patrimônio do século 20 pelo governo francês desde os anos 2000, sendo um dos exemplos mais icônicos de arquitetura doméstica do modernismo.

Em 1956, após a morte de Badovici, a casa foi vendida para a arquiteta suíça Marie Louise, que encontrou a casa com diversos buracos de bala, tendo sido claramente um local onde houve muita violência. Em uma carta de 1969, ela comentou sobre o estado da casa "Corbu não quis que nada fosse consertado e insistiu que eu deixasse como um lembrete da guerra."¹¹ A guerra em questão era a Segunda Guerra Mundial, e os buracos de bala foram da ocupação

Figura 8. Casa E.2027



alemã. Os interesses do arquiteto não estavam apenas na recordação da guerra, como Colomina cita em seu texto "Battle Lines E.1027"¹². Em 1938 Le Corbusier fez um mural¹³ na casa, referido como "Sous le pilotis" ou "Graffite à Cap martin", às vezes chamado também de "Assemblage des trois femmes", uma desfiguração da arquitetura de Eileen Gray e, talvez uma afronta à sua sexualidade.¹⁴ O mural, representado por três figuras femininas, revela tanto quanto esconde seu propósito.

Além da clara intervenção na arquitetura da casa com os murais (foram 8 no total), a obsessão de Le Corbusier se manifesta claramente em sua quase ocupação após a Segunda Guerra, em 1952, quando constrói uma cabana de madeira¹⁵ para si mesmo, nos limites do terreno ao lado, logo atrás da casa E.1027, apenas a 20m de distância. Ocupando e controlando o terreno, essa imposição se torna absolutamente brutal quando lembramos que Eileen Gray escolheu o local por ser inacessível e isolado. Ela considerou isto como um ato de vandalismo e como Peter Adam diz "Foi uma violação. Um colega arquiteto, um homem que ela admirava, havia, sem o consentimento dela, desfigurado o design dela." (COLOMINA, 2018)

A desfiguração da casa andou em conjunto com o apagamento de Eileen Gray como arquiteta. Quando Le Corbusier publicou seus murais,¹⁶ a casa E.1027 foi referida apenas como "a casa em Cap-Martin", sem o nome da arquiteta mencionado. O arquiteto chegou a receber crédito pelo design da casa e de alguns de seus móveis.¹⁷ A confusão continuou, com os créditos sendo dados apenas a Jean Badovici, ou no máximo a Badovici e Eileen Gray, alguns ainda sugerindo que Le Corbusier colaborou no projeto. A ocupação de



Figura 9. Eileen Gray



Figura 10. Design da Casa E.1027



Figura 11. Foto da Casa E.2027

sua obra continua no momento que um dos murais, derrubados por pedreiros de forma "errônea"¹⁸ em 1977, mas é reconstruído por base de fotos. (COLOMINA, 1998)

"A casa, hoje preservada pela agência Association Cap Moderne, é passível de visitação por roteiros culturais específicos para grupos interessados. A agência de proteção do litoral comprou a casa e um primeiro restauro aconteceu coordenado pelo arquiteto Pierre-Antoine Gatier entre 2006 e 2010. Como muito trabalho restava ainda a ser feito, a agência passou a tarefa à Associação Cap Moderne e, inicialmente, à arquiteta Claudia Devaux. Nos últimos quase três anos, muito do esforço da Associação Cap Moderne foi direcionado ao restauro dos móveis da sala de estar da Casa E1027. Em 2018, a Associação lançou uma campanha de crowdfunding para a restituição dos mobiliários fixos e autônomos usando os métodos e materiais originais de Eileen Gray." (GUIMARÃES, 2020)

Thays Teixeira Guimarães narra em seu texto para a Vitruvius, "Casa E1027", a visita que fez pela casa em 2019, comentando sobre a obra arquitetônica e seus móveis. Comenta sobre o projeto de restauro que prioriza recuperar as intenções projetuais de Eileen Gray, elegendo esta necessidade de recuperar a memória de uma das maiores arquitetas e designers modernas, acima das tentativas anteriores, que envolviam os murais de Le Corbusier e adaptações feitas por Jean Badovici. Esta é uma das maiores obras que envolvem mitos e discrepâncias históricas, tornando-a especialmente importante de ser comentada.

"Eileen conseguiu criar um equilíbrio ao seguir o design modernista criando um senso de lar que permitia aos ocupantes serem agentes ativos dos espaços. Gray dizia que sua casa era como um organismo vivo, não apenas uma estrutura imposta ao morador, ela era moldada, adaptada e definida pelas atividades daqueles que a ocupavam e pelo seu sistema de escolhas em relação à privacidade, fluxo e interação com a paisagem. (...) Eileen, uma representação da mulher moderna, incorporou o espírito da época e merece grande reconhecimento ao atuar em um meio onde as mulheres não eram encorajadas a participar do 'modo de fazer' moderno. Uma mulher, ao mesmo tempo, (...) 'objeto e zeladora da modernidade'. Embora a domesticidade e a modernidade tenham sido tradicionalmente opostas, foram, nesse caso, também cúmplices." (TEIXEIRA, 2018)



Figura 12. Eileen Gray



Figura 13. Eileen Gray, uma figura histórica que em toda sua trajetória ajudou a criar o modernismo, com seus designs em diversas áreas.

Notas

- 1 Tradução da autora. HUGHES, Francesca– The Architect: Reconstructing her practice; 1996
- 2 STRATIGAKOS, Despina – Where Are the Women Architects?, 2016.
- 3 Tradução da autora.
- 4 OTONDO, Catherine – Onde estão as mulheres arquitetas?, 2017
- 5 Tradução da autora.
- 6 FONTES, Marina Lima de – Mulheres invisíveis: a produção feminina brasileira na arquitetura impressa no século XX por uma perspectiva feminista, 2016
- 7 Tradução da autora: Organização das Mulheres Arquitetas, Mulheres de Chicago na Arquitetura e a Aliança das Mulheres na Arquitetura.
- 8 SALVATORI, Elena – Análise crítica das relações entre o campo profissional da arquitetura e o âmbito acadêmico de formação de arquiteto no Brasil: questões de gênero no campo profissional da arquitetura; 22/06/2003
- 9 SILVA, Fabio - Profissões: Arquiteto faz mais do que casas; 11/10/2001
- 10 STRATIGAKOS, Despina – Unforgetting Women Architects: From the Pritzker to Wikipedia; 2016
- 11 Tradução da autora.
- 12 COLOMINA, Beatriz – Battle Lines E.1027, The Architect: Reconstructing her practice; 1998
- 13 De acordo com Shelbert, Le Corbusier explicou para seus amigos que Badovici estava à direita, sua amiga Eileen Gray à esquerda, e no centro, o contorno da cabeça e cabelo do que, ele alegou, seria a criança desejada que nunca nasceu. (COLOMINA, 1998)
- 14 Eileen Gray era bissexual, e esteve ligada à diversas arquitetas. (MORA D., 2016)
- 15 Uma pequena cabana de madeira chamada de “Cabanon”. (COLOMINA, 1998)
- 16 Oeuvre complète (1946) e L’Architecture d’ Aujourd’hui (1948)
- 17 Referências completas no texto de Beatriz Colomina no compilado “Architect: Reconstructing her practice”, 1998
- 18 Colomina cita em seu texto que gostaria de pensar que eles fizeram de propósito, já que Gray havia morado no local durante três anos durante a construção da casa, e cita que os pedreiros amavam a arquiteta e odiavam Badovici. Fala também que os pedreiros compreenderam o que o mural significava e o destruíram por este exato motivo.



Campo profissional

Compreendendo o cenário no qual o feminismo se desenvolveu, é importante ressaltar o discurso da divisão sexual do trabalho, que é feito em cima da ideia da força de trabalho “feminina”, muitas vezes entendida como mão de obra barata para certos tipos de afazeres (especialmente os domésticos), e produzindo relações desiguais e também hierarquizadas¹. Se dá em dois princípios básicos: o princípio da separação (“trabalhos de homens” e “trabalhos de mulheres”) e o da hierarquização (“trabalhos de homens” valem mais que os “trabalhos de mulheres”). (ALVARENGA, VIANNA, 2012)

A partir da década de 1950, as mulheres gradualmente foram adquirindo maior autonomia e visibilidade, e um dos resultados desse processo foi o aumento do número de mulheres matriculadas nas faculdades e envolvidas em profissões intelectuais e artísticas. (LIMA, 2013) Com o aumento das mulheres no mercado profissional, após a década de 1980, quando houve um grande movimento da flexibilização da jornada de trabalho, decorrente do crescimento mundial da globalização. Na década de 1990, as novas tecnologias suprimem a mão de obra não qualificada, independentemente de gênero, mas coube aos homens ocuparem os cargos referentes às funções qualificadas, sobrando às mulheres posições periféricas e secundárias. (ALVARENGA, VIANA, 2012)

Atualmente, existe uma grande proporção de mulheres profissionais em campos considerados “tipicamente femininos”²: são professoras primárias, empregadas domésticas, camareiras,

costureiras, balconistas, secretárias, enfermeiras, bibliotecárias, etc. No âmbito acadêmico, elas são em maior número nas áreas de humanas: história, sociologia, antropologia, etc. (LIMA, 2012)

As horas de trabalho das mulheres se estendem também para as obrigações domésticas, e é impossível dizer que isto não impacta na colocação das mesmas perante o mercado de trabalho. Segundo o IBGE, em 2018, as mulheres que trabalham fora cumpriam 8,2 horas semanais a mais na jornada doméstica que os homens que também têm uma ocupação.³

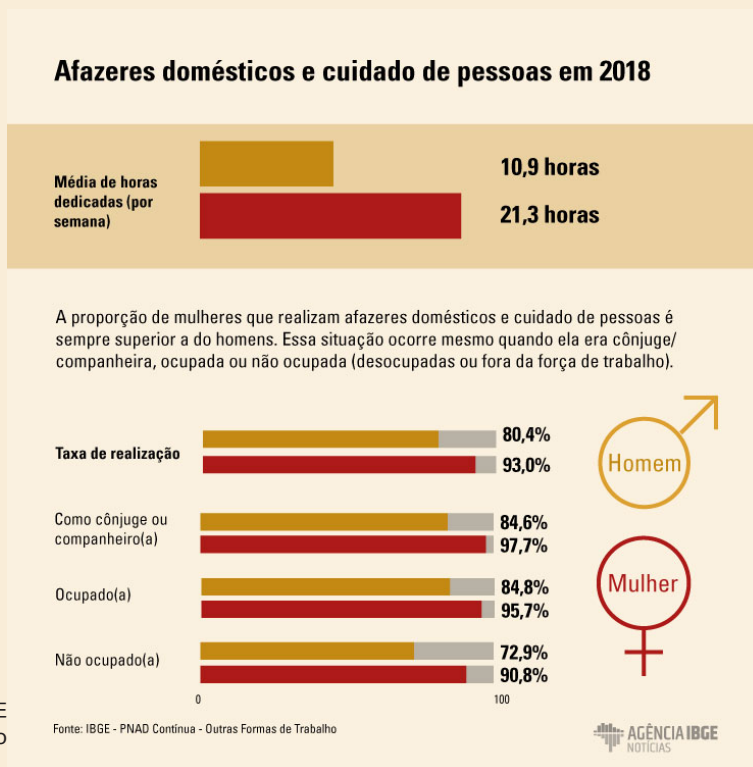


Figura 14. Tabela do IBGE sobre tempo e realização dos afazeres domésticos.

"Mulheres são como fantasmas na arquitetura moderna: presentes em todos os lugares, cruciais, mas, estranhamente, invisíveis." (COLOMINA, 2010)

Na arquitetura, o processo não se dá apenas nos números, e a igualdade no mercado deve ser pensada como uma estratégia sobre o que significa ser uma arquiteta vivendo e trabalhando hoje. Embora os números nas faculdades mostrem um cenário positivo de integração feminina na área de arquitetura e urbanismo⁴, para Stratigakos, esta presença não se espelha no mercado de trabalho, e as recém graduadas continuam a ter dificuldade para praticar e produzir arquitetura, sendo sub-representadas nos papéis de liderança.

"Mesmo que mulheres individuais tenham conseguido vencer as barreiras institucionais através das décadas, essas portas rapidamente se fecharam atrás delas, precisando de outra pioneira repetindo o processo." (STRATIGAKOS, 2016)

Olhando por uma perspectiva exclusiva do campo profissional da arquitetura, ao estudar a participação das mulheres, mulheres no mercado de trabalho, nos casos em que sua inserção profissional é alcançada e bem-sucedida, também é possível notar que em muitos casos elas acabam por ocupar papéis e lugares bem definidos dentro do quadro profissional. O trabalho de Gwendolyn Wright, *"On the Fringe of the Profession: Women in American Architecture"* (Às Margens da Profissão: Mulheres na Arquitetura Americana), de 1977, identifica quatro lugares mais comuns de inserção das arquitetas em que as arquitetas atuam no campo profissional, que segundo ela se mantém praticamente do mesmo modo desde as primeiras

arquitetas formadas até o momento do texto:

1. a arquiteta excepcional, que, sacrificando a vida pessoal, casamento, filhos, etc., e trabalhando arduamente, alcançou um grau de reconhecimento incomum para uma mulher, e comparável ao de um homem excepcional;
2. A desenhista anônima, que trabalhava em escritórios tolerando a discriminação e a falta de reconhecimento do mérito de seu trabalho. Esta profissional também encontrava dificuldades em conciliar a profissão com o casamento e os serviços domésticos;
3. a profissional adjunta, que, possuindo interesse pelo aspecto social do ambiente construído seguiu caminhos diferentes na arquitetura: podia ser historiadora, crítica, escritora, jornalista, etc;
4. a profissional das reformas sociais, que, também sem uma formação específica em arquitetura, dedicou-se a buscar alternativas de habitação e cidadania para os excluídos ou marginalizados.

57

Pensado sobre as arquitetas americanas, este texto não deixa de exemplificar muito a trajetória também encontrada das arquitetas do Brasil. Realizar a reflexão sobre as arquitetas no mercado de trabalho é repensar também a estrutura de gênero, tão enraizada na nossa sociedade, e ponderar sobre a atuação feminina em todo o mercado de trabalho, de forma geral.

Algumas mulheres, como dito por Wright, sacrificavam a vida pessoal em função do trabalho, sendo arquitetas excepcionais, e se equiparando aos homens da mesma época. Porém, como citado no trabalho de Flávia Sá, *"Profissão: Arquiteta"*, as mulheres (não "excepcionais") queriam se casar e também ter uma carreira profissional, a solução encontrada foi juntar-se com arquitetos, o que levou várias arquitetas a trabalharem com o próprio marido. Normalmente estes maridos atraíam fama e glória, enquanto o trabalho das esposas ficava em segundo plano. (SÁ, 2010)

No cenário brasileiro, outra forma de atuação das arquitetas em projetos de espaços coletivos, além das pioneiras que se excedem nos exemplos, foi o trabalho em grandes escritórios de arquitetura, na maioria das vezes, não obtiveram o reconhecimento devido. (LIMA, 2013) É possível constatar a criação de papéis aparentemente complementares para as mulheres dentro deste cenário, à margem da profissão, afastando-as das tarefas principais do arquiteto, como elaborar projetos de edificações. Então, são relegadas as funções de desenho e acompanhamento da obra, distantes da produção da arquitetura. (SÁ, 2010) A arquiteta ocupou-se da execução de obras e outros serviços 'externos' e 'públicos', como fiscalização, coordenação de equipes ou resolução de problemas no canteiro - que caberão a seu parceiro. (SALVATORI, 2003)

"Dizem que não há discriminação contra a mulher no trabalho, mas há! Naquele tempo era ainda pior. Tanto que a primeira tarefa que esse diretor me deu foi a inspeção do para-raios instalado no alto do edifício antigo da prefeitura. Para fazer esse trabalho, teria que subir no telhado e ele achou que por ser mulher não conseguiria fazê-lo. Indiretamente, essa tarefa foi uma forma de discriminação: ele queria me testar. Ele queria me ver em cima do telhado! Mas se deu mal, porque quando era estudante eu pertenci ao Centro Excursionista Brasileiro e estava acostumada a fazer alpinismo. Para quem já havia escalado todos os morros do Rio de Janeiro, subir em um telhado era sopa! Muito mais difícil para mim foi saber como funcionava o tal para-raios." (PORTINHO, 1995)⁵

Ainda é mais raro encontrar profissionais mulheres titulares de escritórios de grande prestígio. (LIMA, 2013) No trabalho de Flávia Sá, foram entrevistadas arquitetas com publicações brasileiras, e entre elas as opiniões sobre a profissão foram diversas. Entre elas, a arquiteta alagoana, Humberta Farias, *"acredita que em todas as profissões as mulheres entram em desvantagem e comenta que sofreu preconceito no mercado de trabalho, principalmente nos projetos imobiliários que envolvem corretores e arquitetos machistas. Embora sempre houvesse pensado na maior presença de mulheres no curso de arquitetura, hoje conclui que a dominância do sucesso no exercício profissional que é de profissionais masculinos."*

É comum a crença de que a razão pela qual as mulheres não ocupam os cargos de direção dentro dos escritórios de Arquitetura (e mesmo de outras profissões) é a sua menor disponibilidade de tempo, creditada pela "função" feminina perante os cuidados da casa e da família. É possível apontar que, como Stratigakos diz, a percepção de que ter um bebê vai atrapalhar a carreira de uma arquiteta. Em uma pesquisa no *Architect's Journal* de 2014, 88% das mulheres acreditavam que ter um filho impactaria negativamente na sua carreira⁶. Isso se dá principalmente pela crença de que a Arquitetura é uma profissão "tudo ou nada", no sentido de que ser um arquiteto de meio expediente é desencorajado.

Segundo Denise Scott Brown, a melhor coisa que a mulher arquiteta pode conseguir é a vida de estudante. Em uma entrevista para a *Architect's Journal* em 2013, comenta: *"Existem tantas mulheres quanto homens nos primeiros estágios da prática da arquitetura, mas conforme progridem, o **teto de vidro** realmente impacta."* Complementou então, *"Eu digo para as mulheres de hoje em dia, não descartem sua consciência feminista: quando acertarem o teto de vidro, você pensará que é sua culpa, e a não ser que você*

saiba um pouco sobre feminismo, isso irá te destruir."

"Apesar disso, passos humildes estão sendo dados no sentido da visibilização da atuação feminina no campo. tendo essa preocupação se iniciado com mais força principalmente a partir da década de 90 nos Estados Unidos, essa reflexão vem chegando aqui, senão com um longo atraso (de 30 anos) mas com perspectivas de mudança, com expectativas que a discussão que relaciona o campo arquitetônico com as relações de gênero reflita em todas as áreas que concerne o campo: a prática profissional, projetual, teórica e crítica." (FONTES, 2015)

Segundo o CAU⁸, em 2019 o Brasil possuía 167.060 arquitetos e urbanistas ativos e registrados. Segundo os levantamentos feitos,

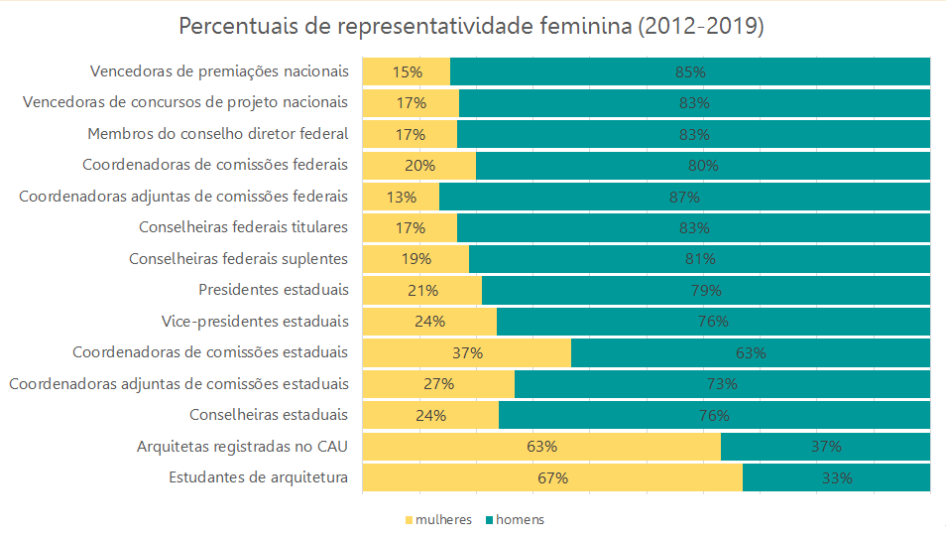


Figura 15. Tabela do CAU sobre representatividade feminina na arquitetura.

63,10% (105.420) são mulheres, enquanto 36,90% (61.640) são homens. Catherine Otondo, no artigo *"Onde estão as mulheres arquitetas?"* ressalta que, como todos os arquitetos formados no Brasil possuem automaticamente o registro profissional, é muito mais complicado de analisar quem realmente produz arquitetura, diferente dos números apresentados por Despina Stratigakos sobre os Estados Unidos⁹. Entre as questões levantadas no artigo, está o fato de que no Brasil, o mercado de trabalho da arquitetura é menor e frágil, sendo composto por empresas menores, oportunidades de trabalho e projeto mais escassas.

Sobre o levantamento feito sobre os arquitetos e urbanistas, também é possível notar uma diferença quanto à presença das mulheres na profissão. Os gráficos sobre os números mostram que as mulheres têm entrado cada vez mais no mercado de trabalho, ou que, de acordo com a idade – e, novamente, com as responsabilidades ditas como femininas –, existe um maior egresso delas.

É possível falar, segundo os dados, que as mulheres também não estão na posição posições políticas e de destaque nas organizações do setor. Mesmo sendo mais da metade dos profissionais registrados, não chegam a 40% na representatividade dentro dos cargos dirigentes. Em especial, o número relativo às premiações nacionais é baixo, demonstrando pouco reconhecimento da arquitetura feminina no cenário brasileiro.

Segundo Beatriz Colomina, corrigir esse quadro *"não é apenas uma questão de adicionar alguns nomes ou mesmo milhares à história da Arquitetura. Não é apenas uma questão de justiça humana ou precisão histórica, mas uma maneira de entender mais completamente a arquitetura e as formas complexas em que é produzida"*¹⁰.

Notas

- 1 A principal ideia é a de que as mulheres são inferiores aos homens e, portanto, não podem assumir determinadas tarefas ou ter determinados comportamentos
- 2 Trabalhos nos quais se percebe um maior estereotipização da função servil.
- 3 Sendo o cenário de cuidar da casa visto como uma obrigação feminina, é possível entender a razão pela qual muitas mulheres se veem fora do mercado de trabalho, dedicando-se ao cuidado doméstico e criação dos filhos.
- 4 Como pode ser percebido no capítulo anterior deste trabalho.
- 5 PORTINHO, Carmen - Entrevista concedida a Vera Rita da Costa, 1995.
- 6 Enquanto isso, 66% dos homens acreditavam que ter um filho não impactaria em nada na carreira de um pai.
- 7 Na entrevista, Scott Brown comenta sobre seu tempo como estudante da Architectural Association de 1952 a 1954, falando que foi quando encontrou sua identidade tanto como arquiteta quanto como mulher.
- 8 Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil.
- 9 Nos Estados Unidos, o número de estudantes chega a 42% nas graduações de arquitetura, porém só representam 19% dos arquitetos registrados. (STRATIGAKOS, 2016)
- 10 Beatriz Colomina em entrevista à Kiri McKenna, 2017



Reconhecimento das arquitetas

Um dos maiores reconhecimentos que um profissional da arquitetura pode receber é o Prêmio Pritzker, frequentemente referido como o “Nobel da arquitetura”. Ele foi criado pela família Pritzker de Chicago em 1979, para premiar todos os anos um arquiteto vivo por alguma realização significativa, honrando o trabalho daqueles que “combinam uma das qualidades de talento, visão ou comprometimento, que tenha contribuído para a humanidade e construído um ambiente através da arte da arquitetura”.¹

Dos 42 anos de prêmios, apenas quatro vezes as mulheres foram contempladas, em conjunto com homens ou não. Foram reconhecidas: Zaha Hadid, em 2004, Kazuyo Sejima, por trabalho conjunto com Kazuyo Sejima em 2010, Carme Pigem, por trabalho conjunto com Rafael Aranda e Ramón Vilalta em 2017, e a dupla Yvonne Farrel e Shelley McNamara em 2020.

Quando Hadid, a primeira mulher a ser reconhecida após 21 anos de existência do prêmio, recebeu esse reconhecimento, quase todos os meios de comunicação fizeram comentários referente a seu gênero. Seu trabalho foi marcado como “forte”, “desafiador”, “radical”, “genial”, “visionário”, como são mencionados os trabalhos vencedores. Menos convencionais, foram os termos utilizados para se referenciar a ela, falando sobre a reputação de Hadid de ser “difícil” e “diva”. Em uma matéria, foi dito que a arquiteta era “viciada em trabalho” e “destinada a ter uma companheira de longa data... a gripe”². No *Financial Times*, Edwin Heathcote chegou a levantar a

questão se Zaha Hadid seria merecedora do prêmio, ou se havia sido premiada por seu gênero. A reação da imprensa à Hadid receber o Prêmio Pritzker revela uma posição complicada de tentar encaixar a arquiteta em meio a moldes masculinos. (STRATIGAKOS, 2016)

Mas Zaha Hadid apenas é a primeira arquiteta a receber o

65

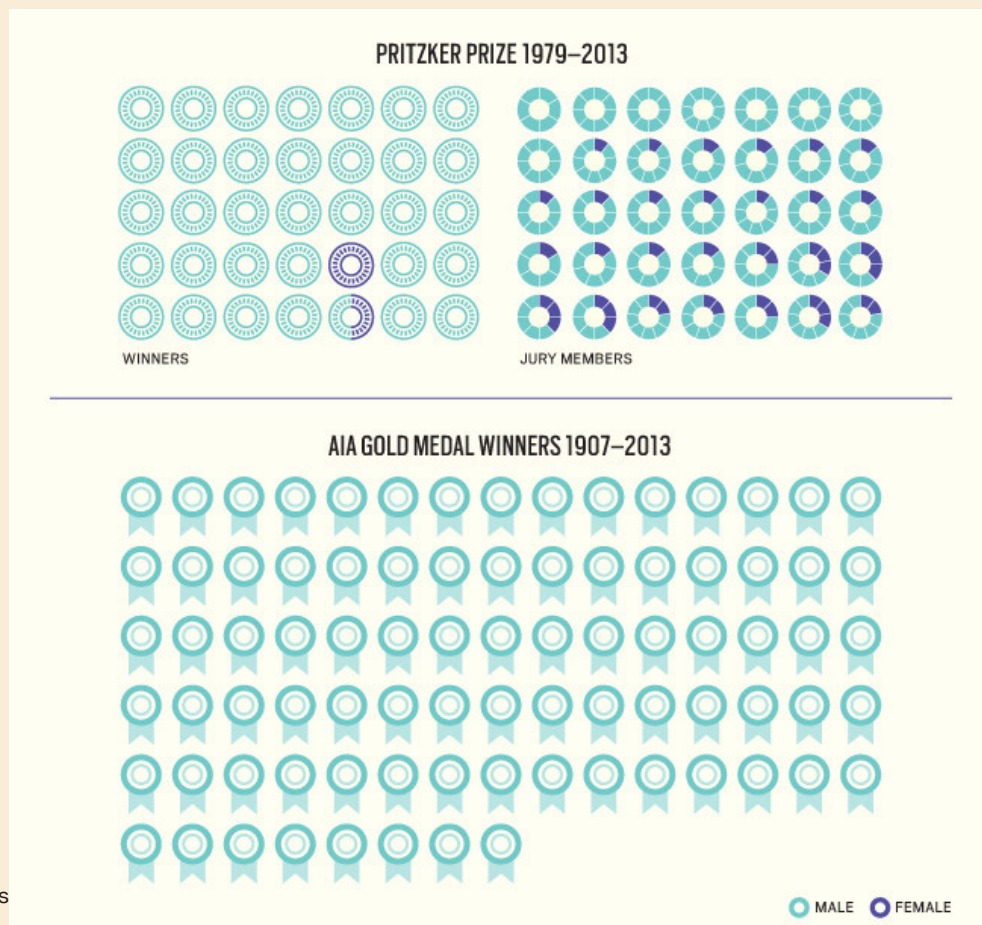


Figura 16. Comparações dentro dos prêmios da arquitetura.

prêmio por omissão no Prêmio de 1991. A arquiteta Denise Scott Brown não foi incluída na premiação que concedeu a Robert Venturi, seu marido e sócio, de quem Scott Brown era parceira de trabalho desde o início da atividade profissional de ambos, em 1967. Embora a desculpa oficial tenha sido a de que o Pritzker premia apenas indivíduos, e não firmas ou parcerias, em 1988 houve um precedente onde Oscar Niemeyer e Gordon Bunshaft, ainda que fossem arquitetos independentes entre si, foram ambos vencedores do prêmio daquele ano. Novamente em 2001, a organização premia a parceria entre Jacques Herzog e Pierre de Meuron. (STRATIGAKOS, 2016)

Durante a cerimônia de recebimento do prêmio de 1991, em seu discurso, Venturi diz "teria muito menos dimensão dentro do escopo e qualidade do trabalho que esse prêmio está reconhecendo hoje... e na qualidade do nosso design, onde a crítica, criatividade e opinião de Denise é crucial."³ (STRATIGAKOS, 2016) Scott Brown se ausenta da entrega do prêmio.

Em 2012, a situação ocorrida com Scott Brown se repete com Lu Wenyu, sócia e esposa de Wang Shu, arquiteto agraciado com o Pritzker naquele ano. Assim como Scott Brown, Wenyu não foi contemplada. O mais lamentável, no entanto, foi o posicionamento de Lu Wenyu. Segundo seu marido e sócio, "Lu não ligou", e acrescentou: "Talvez [ela] queira ser um segredo atrás de mim".

No encontro anual do *AJ Women in Architecture Awards*⁴, em 2013, realizado em Londres, Denise Scott Brown se pronunciou pedindo o reconhecimento retrospectivo por seu papel na premiação de seu marido: "Eles me devem não um Prêmio Pritzker, mas uma cerimônia de inclusão do Pritzker. Vamos saudar a noção da criatividade conjunta"⁵, disse, em um vídeo divulgado pelo Architect's Journal.



Figura 17. Zaha Hadid, a primeira mulher a ser reconhecida pelo Prêmio Pritzker.

Em março do mesmo ano, duas estudantes de Design de Harvard, Arielle Assouline-Lichen e Caroline James decidiram fazer algo sobre o assunto. Criaram então uma petição demandando que o Pritzker reconhecesse Denise Scott Brown pelas suas contribuições com a obra premiada em 1991. Escolheram o site Change.org, uma plataforma de petições mundialmente usada por milhões de pessoas. O apoio à causa foi imediata e em maio mais de doze mil pessoas haviam assinado, incluindo nove ganhadores do Pritzker, entre eles Zaha Hadid, Rem Koolhaas (que disse que a exclusão da arquiteta era uma injustiça embaraçosa) e Robert Venturi, que adicionou: “Denise Scott Brown é a minha inspiração e parceira por igual”. (STRATIGAKOS, 2016)

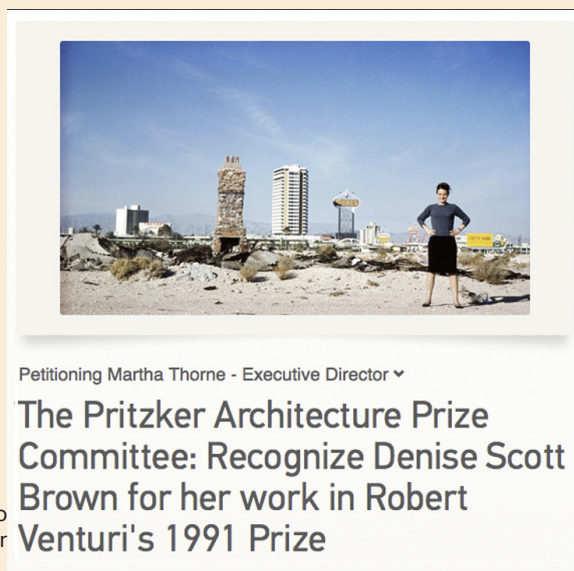
A questão fez com que muitas opiniões viessem à público, tanto de arquitetos e críticos que apoiavam a causa de Denise Scott Brown, quanto outros que disseram que “ela só tem o nome na porta porque o marido colocou ele lá”⁶, fizeram sua voz ouvida. Em meio à comoção, a questão foi levada ao júri. Peter Palumbo, representando o júri do Pritzker de 2013, escreveu que o júri atual não poderia duvidar das decisões tomadas pelos juris anteriores, então não haveria reconhecimento retroativo para Scott Brown, destacando que a arquiteta ainda seria elegível para ganhar outro Prêmio Pritzker. (STRATIGAKOS, 2016)

A decisão provocou muita revolta entre os apoiadores da campanha, arquitetos e estudantes, provocando uma série de questionamentos sobre o reconhecimento das mulheres perante os trabalhos conjuntos, trazendo à público a natureza essencialmente colaborativa do trabalho da arquitetura, no qual é imprescindível creditar não apenas às mulheres, mas a todos aqueles que ajudam a produzir cada obra. Não apenas isso, mas a petição deu algo à arquiteta: “*De certo modo, o meu Prêmio Pritzker é a paixão de todas*

as pessoas que responderam à petição e o que eles disseram. Eu estou com o coração muito menos magoado do que estava"⁷.

Esse assombreamento de mulheres não se dá apenas no Prêmio Pritzker. O primeiro prêmio Nobel recebido por uma mulher foi o de 1901, concedido a Marie Curie. Esta extraordinária física foi reconhecida novamente pela premiação em 1911 e, se tornou a primeira pessoa na história a ter um segundo Prêmio Nobel, desta vez em Química. No entanto, entre 1901 e 2006, apenas 12 (2,6%) dos 458 prêmios Nobel de ciência foram para mulheres. Na mesma proporção, um gráfico publicado na revista *Metropolis Mag* desenvolvido pela *Women in Architecture* mostra que o Prêmio Pritzker desde 1979 até 2013 teve apenas 4,2% de ganhadoras e, em média, apenas 20% de sua equipe julgadora é composta por mulheres. Além disso, o prêmio *AIA Gold Medal* de 1907 até 2013 teve apenas ganhadores homens.

Figura 18. Capa da petição pela inclusão de Denise Scott Brown no Prêmio Pritzker de 1991.



“O caso de Scott Brown é notável, entretanto, não apenas por causa da controvérsia que gerou, mas também porque ela foi uma crítica sem reservas sobre seu próprio apagamento, trazendo atenção para o sexismo do sistema de ‘Estrelas’ da arquitetura, muito antes do júri do Prêmio Pritzker ter selado o argumento dela com o veredito dado. Mas mesmo quando as mulheres arquitetas defendem suas próprias contribuições, a maioria dos historiadores e juris de prêmios – seguindo a prática cultural de glorificar heróis individuais – geralmente as ignoram, não importa o quão convincente sejam as evidências.”⁸ (STRATIGAKOS, 2016)

Hoje em dia é comum encontrar nomes femininos e masculinos nas publicações de arquitetura, nos livros e na mídia especializada. E, considerando o crescimento de material sobre as mulheres na arquitetura, este cenário vem sendo alterado, enquanto os questionamentos sobre gênero e arquitetura continuam a prosseguir. Porém, assim como Stratigakos diz em sua matéria “Unforgetting Women Architects: From the Pritzker to Wikipedia”, essas histórias ainda precisam se tornar visíveis, nos livros-glossários sobre estrelas internacionais, nas publicações sobre mulheres arquitetas e nos grandes museus, onde raramente se exibem o trabalho destas arquitetas.

Ainda sobre o reconhecimento, Stratigakos comenta sobre a presença das arquitetas e de seu conteúdo na internet, destacando a importância de registros sobre suas obras. Conta, como uma anedota, a história sobre a Enciclopédia Livre – Wikipédia. Em 2013, relata que o usuário *CMdibev*⁹ criou uma entrada no site alemão sobre a arquiteta Thekla Schild¹⁰, a qual foi marcada por *Der Krommodore*¹¹ para ser imediatamente deletada. Despina conta

que, sim, a entrada estava fracamente escrita, e pobre em detalhes, mas o que a incomodou foram duas razões que o editor deu para apagar: primeiro, Schild não havia realizado “o suficiente” para estar na Wikipédia, e segundo, ele expressava dúvidas se a arquiteta **sequer existia**, por não estar em nenhuma pesquisa efetuada no Google. Após este cenário, outros editores completaram a entrada sobre Thekla Schild, “batizando-a” assim no mundo virtual.

As ferramentas de pesquisa digitais estão mudando nossa concepção do mundo. Um historiador pode passar décadas pesquisando sobre determinado assunto, mas se o seu assunto não possuir uma presença online, se torna apenas invisível sem ser aos olhos da academia. “*Se não é possível procurar no Google, é como se não existisse.*” (STRATIGAKOS, 2016)

Contribuir para sites com base de dados, como a Wikipédia, ou diversas outras frentes, é uma das melhores formas pelas quais podemos modificar a percepção da participação das mulheres dentro da arquitetura. É essencial que as novas gerações de estudantes possam conhecer e compreender o histórico das questões de arquitetura e gênero.



Figura 19. Thekla Schild, 1911

Notas

- 1 Purpose – Pritzker Architecture Prize (site oficial)
- 2 Stuart Jeffries, do *Guardian*, após entrevistar Zaha Hadid que se recuperava de uma gripe.
- 3 Tradução da autora.
- 4 Hoje conhecido com W Awards, o evento tem como objetivo reconhecer arquitetas que se identificam como mulheres ou não binárias para promover referências para novas arquitetas na prática, enquanto encoraja respeito, diversidade e equidade na arquitetura. Possui parceria com The Architectural Review e com o Architect's Journal. (Tradução da autora - Retirado do site do W Awards)
- 5 Tradução da autora. ROSENFELD, Karissa – Denise Scott Brown Demands Recognition from Pritzker, 2013
- 6 Comentário feito sob o nome de "salvatore" na matéria da *Dezeen Magazine*, em 27/03/2013
- 7 Tradução da autora.
- 8 Tradução da autora.
- 9 Um editor novato que estava acrescentando em Março de 2013 diversas entradas sobre figuras femininas históricas no site.
- 10 Segunda mulher alemã a entrar no programa do Karlsruhe Institute of Technology, pré-Primeira Guerra Mundial, que escreveu uma biografia – não publicada – sobre a sua experiência na educação de arquitetura e como a sociedade via o status do arquiteto.
- 11 Editor do site desde 2008, assumido que seja homem.



Mudando paradigmas

Arquitetura e o estudo de gênero

Seguindo a linha de pensamento mencionada no capítulo anterior, este interesse do campo acadêmico e profissional pelos estudos que aprofundam o entendimento da questão do gênero na arquitetura, que vem sendo desenvolvida de forma crescente a partir da década de 1970, necessita ter seus processos e resultados e ter a devida presença online.

Considerando que a questão “a arquitetura das mulheres é diferente da dos homens?” não possui uma resposta positiva, já que não há diferenças nítidas entre projetos, (LIMA, 2013) a menor visibilidade da mulher no campo é algo complexo de se explicar e de se compreender. Nos contextos europeu e norte-americano, o debate se aprofundou através do desenvolvimento de linhas de pesquisa e da inserção definitiva do tema entre a crítica e a produção acadêmica. Algumas de suas principais autoras trouxeram ao debate novos pontos de vista e questões fundamentais para o aprofundamento do entendimento do papel da mulher e seu assombreamento na arquitetura.

Algumas publicações sobre o tema se dão entre a década de 1970 e a de 1990, desde então já questionando a relação da mulher e da arquitetura, onde se encontram na história e suas perspectivas. São elas: “From tipi to skyscraper: a history of women in Architecture” (Doris Cole, 1973); “Women in Architecture: an

Historical and Contemporary Perspective" (Susana Torre, 1977), "Women in Latin American History - Their Lives & Views"¹ (editado por June E. Hahner, 1980); "Women in Architecture: A Contemporary Perspective"² (Claire Lorenz, 1990).

Um dos principais textos acadêmicos publicados sobre o tema, foi em 1977, fundamental sobre a história da mulher na arquitetura americana: "On the Fringe of the Profession: Women in American Architecture"³ por Gwendolyn Wright, publicado como um capítulo no livro "The Architect. Chapters in the History of the Profession", editado por Spiro Kostof. (LIMA, 2013) Este cenário de publicações em inglês sobre arquitetura e gênero (muito relacionado à época com a "sexualidade") se fortalece próximo da década de 1990, e embora não criem considerações definitivas sobre o tema, apontam diversos caminhos para a reflexão do mesmo. É o caso de algumas publicações, tais como: "Architecture: A Place for Women"⁴ (editado por: Ellen Perry Berkeley, Matilda McQuaid; 1989); "Sexuality and Space"⁵ (editado por: Beatriz Colomina; 1992); "The Sex of Architecture"⁶ (editado por Diana Agrest, Patricia Conway, Leslie Kanes Weisman; 1996); "The Architect: Reconstructing Her Practice"⁷ (Francesca Hughes; 1996); "Architecture and Feminism"⁸ (editado por Debra Coleman, Elizabeth Danze e Carol Henderson; 1996), "Design and Feminism"⁹ (editado por Joan Rothschild; 1999).

Em um cenário mais recente, diversas publicações reforçam os Estados Unidos como o principal centro produtor de conhecimentos sobre a participação da mulher na arquitetura. Fora os artigos e teses, que são inúmeros, destacam-se livros como "The architect: women in contemporary architecture" (Maggie Toy, 2001); "Gender Studies in Architecture: Space, Power and Difference" (Dörte Kuhlmann,

2003); "Where are the Women Architects?" (Despina Stratigakos, 2016); "Breaking Ground: Architecture by Women" (Jane Hall, 2019).

"Se atualmente o número de mulheres que estuda e se forma em arquitetura chega às vezes a superar o número de homens, se as arquitetas têm alcançado, a cada dia, mais oportunidades profissionais e maior visibilidade e reconhecimento de seus trabalhos práticos e teóricos, isso ocorre como a ponta de um processo que se iniciou muito tempo antes, e não como um fenômeno recente e isolado." (LIMA, 2013)

Quando procuramos compreender o cenário brasileiro, assim como o latino-americano, devemos pensar, assim como Lima menciona em "Arquitetas e Arquiteturas da América Latina do Século XX", que a arquitetura tem a história dos colonizados, que se mostra diferente da dos colonizadores. Não somente o questionamento sobre gênero e arquitetura se dá mais tardiamente, mas se transforma sobre outra ótica, assim como a própria história da arquitetura. É preciso notar que o estudo da história das mulheres latino-americanas também têm sido empreendido em universidades americanas há pelo menos duas décadas, como atestam os trabalhos de June Hahner "Women in Latin American History. Their Lives and Their Views"⁴ (1976) e Asunción Lavrin "Latin American Women"⁵ (1978). (LIMA, 2013)

Embora ainda não seja possível encontrar muitos livros publicados e impressos sobre o tema, este vem sendo desenvolvido a partir da década de 1990, mesmo que lentamente. Algumas teses, dissertações e projetos de pesquisa se deram em uma tentativa de contar e redescobrir esta história das mulheres arquitetas latino-americanas e brasileiras em especial.

Neste cenário recente, alguns que podem ser citados são: "Arquitetas e Arquiteturas da América Latina do Século XX" (Ana Gabriela Godinho Lima, 1999 – publicado digitalmente em 2013); "Revendo a história da arquitetura: uma perspectiva feminista" (Ana Gabriela Godinho Lima, 2004); "Profissão: Arquiteta. Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero" (Flávia Carvalho de Sá, 2010); "Feminino e plural: Percursos e projetos de arquitetas e designers" (organização: Ana Gabriela Godinho Lima, 2012 – FAU-MACK); "Mulheres invisíveis: a produção feminina brasileira na arquitetura impressa no século XX por uma perspectiva feminista" (Marina Lima de Fontes, 2016); "Onde estão as mulheres arquitetas maceioenses?" (Fernanda Araújo Félix da Silva, 2018).

Outros, com um maior enfoque em resgatar a memória de arquitetas assombreadas, fazem o mesmo processo de pesquisa. Como, por exemplo: "Arte e artesanato na arquitetura de interiores moderna de Janete Costa" (Andréa Halász Gáti, 2014); "4 casas; 1 pavilhão: a poética da construção na obra de Carla Juaçaba (2000-2012)" (Priscila Marques Mendes, 2017); "Lygia Fernandes: uma Arquiteta Modernista - História e Historiografia da Arquitetura e do Urbanismo Modernos no Brasil" (José Carlos Huapaya Espinoza e Clara Demettino Castro Vasconcelos).

Estes trabalhos ajudam a compor o cenário de estudo sobre gênero e arquitetura, e cada vez mais, a aprofundar e solidificar o tema. É necessário que seja feito isto, e que estes trabalhos estejam na internet, fora dos paywalls, como mencionado por Stratigakos, para que o conhecimento possa ser compartilhado.

Notas

1 Women in Latin American History - Their Lives & Views permitiu que as mulheres latino-americanas falassem por si mesmas. As vidas e opiniões das mulheres em diferentes países e circunstâncias econômicas e sociais, desde os tempos coloniais até o presente, são contadas em suas próprias palavras.

2 Women in Architecture examina o trabalho de mulheres arquitetas de vinte países, discutindo suas realizações em todos os aspectos da arquitetura, bem como o contexto nacional em que cada arquiteta trabalha.

3 Em seu texto, Gwendolyn Wright deixa transparecer sua clara orientação feminista, e, a respeito da presença das arquitetas na profissão fala sobre as desigualdades na profissão e a necessidade de discutir as mesmas. (LIMA, 2013)

4 Architecture: A Place for Women examina as conquistas das Mulheres arquitetas e explora o que a profissão pode ser para elas, tanto como o que elas podem ser para a profissão.

5 Sexuality and Space é a documentação do simpósio de mesmo nome que ocorreu nas dependências da Universidade de Princeton, em março de 1991, promovido por Beatriz Colomina. (LIMA, 2012) O livro foi premiado com o AIA International Architecture Book Award de 1993. (LIMA, 2013)

6 The Sex of Architecture é uma coletânea de ensaios organizados a partir da conferência Inherited Ideologies: A Re-Examination, ocorrida na Universidade de Pensilvânia, entre março e abril de 1995. Como as editoras explicam, o espírito da conferência foi promover um diálogo entre teóricas, historiadoras, educadoras e profissionais preocupadas com temas críticos na arquitetura e campos relacionados. (LIMA, 2012)

7 The Architect: Reconstructing Her Practice é uma coletânea de textos selecionados sobre as experiências de arquitetas enquanto a profissão está mudando, trazendo reflexões sobre a natureza da prática e da sua relação com a arquitetura.

8 Architecture and Feminism nasce de uma iniciativa acadêmica, nesse caso originada da experiência do periódico Yale Journal of Architecture and Feminism, editado pelas mesmas autoras. Assumindo uma postura feminista, a coletânea de textos publicados neste livro apresenta interdisciplinaridade, múltiplos pontos de vista, visando gerar "novas perspectivas, novos corpos, novas formas de habitar" (p. xiv), ou seja, busca enxergar a teoria arquitetônica pelas mulheres e para as mulheres. (LIMA, 2012)

9 Design and Feminism é uma coletânea interdisciplinar sobre as diversas facetas da arquitetura, sobre design dos objetos, das casas e até da cidade.



As arquitetas

Desde a entrada de mulheres na arquitetura, diversas iniciativas institucionais procuraram organizar e reunir sua presença no campo de trabalho, a partir do reconhecimento de sua situação particular, procurando meios de colaborar e promover seu reconhecimento. Neste capítulo vamos apresentar algumas dessas iniciativas, a partir dos textos e apresentações oficiais de cada grupo ou instituição.

'Women in Architecture: an Historical and Contemporary Perspective' (1977)

Uma exposição organizada no Brooklyn Museum pela arquiteta de origem argentina Susana Torre, associada ao Departamento de Arquitetura e Design do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, em colaboração com um pequeno grupo de arquitetas, historiadoras e escritoras. A exposição mostrou o trabalho de arquitetas de todos os Estados Unidos traçando um histórico da convivência da mulher com a arquitetura, enfatizando a atuação das pioneiras da profissão, que atuaram como teóricas e construtoras, em especial, da habitação. (LIMA, 2013)

80



Figura 20. Imagem de divulgação do evento Women in Architecture de 1977.

'International Archive of Women in Architecture' – IAWA (1985)

Foi criado pela arquiteta Milka Bliznakov, pela frustração devido à perda dos materiais das primeiras gerações de arquitetas. Poucos arquivos queriam os trabalhos delas, e a medida que estas mulheres morriam, décadas de desenhos, plantas e registros eram jogados fora, dificultando o estudo de suas carreiras e reiterando seu assombreamento.

Estabelecido em 1985 como um programa conjunto com o *College of Architecture and Urban Studies and the University Libraries* junto à universidade *Virginia Tech*. O propósito do IAWA é documentar a história das contribuições de mulheres para o ambiente construído, através de coletar, preservar e fornecer acesso aos registros de organizações arquitetônicas femininas e trabalhos profissionais de arquitetas, paisagistas, designers, historiadores e críticos da arquitetura e planejadores urbanos.

Dentro do IAWA, temos apenas três arquitetas que produziram obras no Brasil compondo seu arquivo de referências digital. Uma é Lina Bo Bardi, ítalo-brasileira, que no arquivo é reconhecida por dois livros publicados, e três projetos marcantes: o MASP, o SESC Pompéia e a Casa de Vidro, porém não aparece quando se pesquisa sobre a região do Brasil no arquivo. Rosa Grena Kliass também está na lista, reconhecida como arquiteta da paisagem, mencionada como vencedora de um prêmio nacional (do Vale do Anhangabaú), por uma publicação de sua autoria (*Parques Urbanos de São Paulo*) e outra sobre a sua obra (*Rosa Kliass: Desenhando Paisagens, Moldando Uma Profissão*). A outra arquiteta é a Marília Penteado Sant'Anna de Almeida, reconhecida ali por quatro prêmios do IAB SP, alguns outros projetos descritos e diversas publicações em revistas.

Adicionar alguém no site não parece algo complicado de se fazer, mas não era o foco imediato deste trabalho. Foi decepcionante não encontrar grandes nomes de arquitetas brasileiras, mesmo que suas produções sejam diversas.

Figura 21. Logo do IAWA.



'Association for Women in Architecture and Design' – AWA (1922)

Com sede em Los Angeles, a Association for Women in Architecture and Design (AWA) é uma organização profissional sem fins lucrativos que se dedica a promover e apoiar a posição das mulheres na arquitetura e campos afins. Fundada em 1922, essa organização de estudantes e profissionais cresceu ao longo dos anos, oferecendo suporte a seus membros, especialmente mulheres que se inserem na profissão de arquitetura como autônomas por meio de suas próprias empresas. A AWA também levanta fundos para premiar anualmente estudantes femininas da área, além de oferecer bolsas para mulheres que desejam cursar arquitetura. A associação, constituída por arquitetas, engenheiras, designers, paisagistas, projetistas, empreiteiras e artistas, trimestralmente publica um boletim informativo e envia comunicações eletrônicas periodicamente para informar os membros das atividades, revisão de livros e exposições, além de fornecer um calendário de eventos e discutir temas de interesse comum.

Reconhecem os enormes avanços e mudanças rápidas que afetam todas as disciplinas de design e abraçam a necessidade e o benefício de uma maior colaboração e intercâmbio. Em 2012, para enfatizar o compromisso em promover a polinização cruzada de uma série de disciplinas de projeto e para reorientar e atualizar os objetivos de programação da organização, AWA-LA tornou-se formalmente conhecida como Association for Women in Architecture + Design (AWA+D).



Figura 22. Mulheres do AWA+D.



Figura 23. Reunião do AWA em 1950.

"Un dia una arquiteta" (2016)

Uma iniciativa de pessoas de diversas nacionalidades, que em conversas anteriores e atividades em conjunto, decidiu montar um site (<https://undiaunaarquitecta.wordpress.com/>) com o intuito de aumentar a visibilidade das arquitetas em diferentes ramos: projeto arquitetônico, urbanismo e paisagístico, tecnologia, curadoria e publicações, produção artística, política, gestão da habitação social, teoria e ensino. Escolheram 365 arquitetas para apresentarem, buscando mostrar maior variedades de tarefas, orientações, origens, tempos e ideologias.

Figura 24. Captura de tela do banner do site do Un dia una arquitecta.



"Pioneering Women of American Architecture" (2018)

Com a iniciativa do *Boston Witham Academies Federation*, foi criado o site "Pioneering Women of American Architecture", que traz ali uma página criada com o registro das arquitetas pioneiras na história dos Estados Unidos, visualizável de três modos (alfabético, por época e por imagens). Nela, é possível clicar no nome da arquiteta e receber na sequência uma série de informações, organizadas de acordo com o intento do site. É algo importante, reescrever esta história dos Estados Unidos, mostrar quem esteve ali e o que fez.

“W@ARCH.PT” (2018)

O W@ARCH.PT é um projeto de investigação financiado pela FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia de Portugal), desenvolvido na Universidade de Lisboa. Como em outros contextos internacionais, a história da arquitetura portuguesa foi construída omitindo as presenças e contribuições das arquitetas. A realização de investigação de base é essencial para alargar o quadro disciplinar de quem, por fazer parte da história da arquitetura portuguesa, nela não é contemplado. Esta questão básica de justiça histórica é um objetivo fundamental do projeto. W@ARCH.PT se propõe a escrever uma história feita de histórias, onde a diversidade dos sujeitos, de quem a faz, se cruza com a diversidade de modos de fazer e de ser arquiteta e arquiteto.

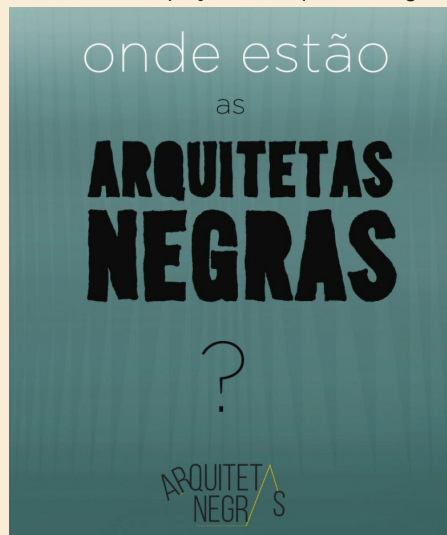
Este projeto reúne em seu site publicações referentes ao assunto. Também possui uma tentativa de resgate da história oral, pois elas e as narrativas pessoais têm uma urgência fundamental, considerando o envelhecimento e o desaparecimento natural das protagonistas no contexto desta investigação. O site em si estava em construção quando visitado, porém já demonstra um foco de produção, com um documentário e uma exposição em mente. É uma frente muito interessante e esforçada de divulgar as mulheres arquitetas portuguesas.



Figura 25. Captura de tela do site do Arquitetas Invisíveis.

85

Figura 26. Banner de divulgação do projeto do Arquitetas Negras.



Arquitetas Invisíveis (2015)

O Coletivo Arquitetas Invisíveis é uma ação que busca promover a igualdade de gênero dentro do âmbito da arquitetura e do urbanismo, por meio do reconhecimento e divulgação da vida e obra de arquitetas desprestigiadas pela história. Criado por estudantes da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, a primeira iniciativa do grupo foi no sentido de ampliar o repertório dos estudantes e profissionais de arquitetura e urbanismo e, ao mesmo tempo, incitar a discussão sobre gênero no meio acadêmico e profissional.

O site do Arquitetas Invisíveis tem material sobre conteúdo produzido por arquitetas, urbanistas e paisagistas. Lançaram desde seu início uma revista com dois números publicados de forma online, que foram disponibilizadas no cenário de pandemia gratuitamente no site, de modo a ajudar o conteúdo a ser espalhado.

Arquitetas Negras (2018)

Arquitetas Negras é uma iniciativa das arquitetas Gabriela de Matos e Bárbara Oliveira. Em 2018 elas criaram uma página no Facebook e começaram a divulgar material buscando a visibilidade da Arquitetura produzida por mulheres Negras.

Segundo uma matéria publicada pelo CAU/MG "o objetivo dessa iniciativa é mapear a produção dessas arquitetas e criar uma plataforma tanto para pesquisa quanto para contratação, para diminuir a desigualdade racial e de gênero na Arquitetura".

O levantamento inicial resultou na publicação de um livro, Arquitetas Negras vol. 1, que foi publicado por meio de financiamento coletivo em 2019, com conteúdo produzido e pensado por arquitetas negras. Durante o cenário de pandemia, o coletivo se juntou para fazer lives, principalmente pela rede social Instagram, onde é mais ativo e empenhado em divulgar seu tema.

W AWARDS (2016)

Os W Awards, anteriormente conhecido como *Women in Architecture awards*, reconhece arquitetas que se identificam como mulheres e não binários, a fim de promover modelos de papéis para jovens arquitetas na prática e encorajar o respeito, a diversidade e a igualdade na arquitetura: desde vidas de realizações até o trabalho de designers com futuro brilhante pela frente, desde o design dos novos edifícios mais importantes do mundo até contribuições para uma cultura arquitetônica mais ampla.

Em parceria com *The Architectural Review* e o *Architects 'Journal*, o W Awards promove a igualdade e a diversidade na prática arquitetônica por meio de uma série de eventos sociais, sessões de orientação, workshops de pesquisa, palestras inspiradoras e painéis de discussão estimulantes para encorajar as melhores práticas e inspirar mudanças como uma voz unida. O objetivo do programa é criar ambientes de trabalho melhores e mais saudáveis para todos na arquitetura, promovendo o respeito e a igualdade de oportunidades.

arcVision Prize (2013)

O prêmio arcVision - *Women and Architecture* (Mulheres e Arquitetura) é um prêmio social internacional para mulheres designers instituído a partir de 2013, com o objetivo de reconhecer todos os anos uma arquiteta cujo trabalho de pesquisa e design tenha excelência qualitativa significativa e atenção às questões centrais da construção - tecnologia, sustentabilidade, social e implicações culturais - com preferência para mulheres que trabalham em condições de complexidade particular em termos de tipo de projeto e condições locais.

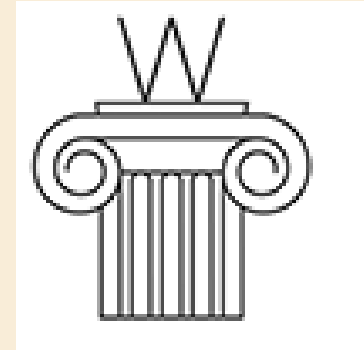


Figura 27. Logo do W Awards.

Figura 28. Logo do arcVision.





Mão na massa

Escolha das arquitetas

Inicialmente, este trabalho se daria a partir de um recorte temporal estabelecido¹, visando conhecer e entender quem foram as arquitetas pioneiras no Brasil. Desta ideia inicial, foi feita uma primeira procura na internet, onde as poucas arquitetas que aparecem não se enquadravam dentro do recorte de tempo determinado. Mesmo nos sites relacionados à divulgação de informações (como o site *Arquitetas Invisíveis*²), não se tem este perfil.

Ao mesmo tempo, quando pesquisamos em alguns dos trabalhos que constroem os grandes panoramas da arquitetura brasileira, podemos constatar a ausência dos projetos e obras realizadas por mulheres. Pode-se notar essa lacuna, por exemplo, no trabalho de Yves Bruand³, onde apenas seis obras tem sua equipe composta por mulheres (sendo cinco delas da arquiteta Lina Bo Bardi). Em alguns trabalhos que organizam compilados que tratavam do período, (como o trabalho de mestrado de Oreste Bortolli Junior⁴, a tese de Lilian Bueno Alba⁵), é possível encontrar algumas poucas obras feitas por arquitetas mulheres, mas, entre elas, poucas são nascidas no Brasil ou se formaram em arquitetura pelo país.

A partir deste levantamento, partimos para a pesquisa de projetos desenvolvidos e publicados ao longo das décadas por mulheres ou em conjunto com mulheres, de modo a poder fazer esta seleção a partir da obra. Inicialmente realizou-se uma organização de dados relacionados relacionada à arquitetura e gênero, procurando compreender onde estiveram e estão essas mulheres arquitetas que

ingressaram entre as primeiras turmas das faculdades, o que fizeram depois de se formarem, e qual sua atuação no campo profissional a partir de formadas.

Considerando o contexto de publicações no Brasil, procurei no Índice de Arquitetura Brasileira, nos períodos entre 1950 e 1990, as obras feitas por mulheres, em uma busca referente as revistas Acrópole, Casa & Jardim, Habitat, Arquitetura, pois estas nos permitem confrontar os resultados com a visibilidade e reconhecimento atribuídos aos arquitetos homens que trabalharam no mesmo período, que ocupam a grande maioria das páginas das publicações. O recorte escolhido coincidia justamente com o trabalho de Marina Lima de Fontes, que é sobre as mulheres e a produção feminina brasileira na arquitetura impressa.

“O recorte temporal pertinente ao tema desta pesquisa - de 1950-1990 – pertence ao século XX, momento histórico de grandes transformações advindas da revolução industrial e de um novo modo de produção, que acarretaram grandes transformações sociais, entre elas a mudança da estrutura familiar tradicional, o ingresso das mulheres no mercado de trabalho⁷ e nos estudos acadêmicos. Esse também é o século em que o movimento feminista ganha corpo, principalmente após a década de 1960, juntamente com outros movimentos sociais reivindicatórios na tentativa de lutar contra a opressão das estruturas da família e da sociedade no mundo ocidental.” (FONTES, 2016)

De acordo com esta ideia, o objetivo da pesquisa seria encontrar os projetos de edifícios publicados por arquitetas, sozinhas ou em grupos. Foram considerados apenas aqueles projetos nos quais

o nome da arquiteta aparece por extenso, pois não havia como verificar cada uma das siglas em projetos, se são pertencentes a mulheres ou homens.

Produziu-se uma listagem de todas essas obras, porém, ao longo da pesquisa com as impossibilidades de acesso à documentos como revistas físicas das bibliotecas, inclusive a da própria FAU USP, este plano inicial precisou ser revisto e revisitado ao longo do ano. Foi preciso reconfigurar o modo de como as obras e arquitetas seriam escolhidas. O primeiro recorte, temporal, acabou por ser descartado, já que se encontrou pouca ou nenhuma referência às obras na internet, mesmo aquelas pré-selecionadas.

Com diversas possibilidades de estudo, a pesquisa foi focada então em obras que fossem acessíveis através de existirem publicações e bibliografia digital. Obras de maior porte e divulgação, que não haviam sido consideradas inicialmente, foram incluídas no levantamento e colocadas em discussão.

90

O MASP foi a primeira obra trabalhada para o modelo LEGO, para se ter uma noção mais clara das dificuldades da montagem e adequação da escala. A princípio, esta obra foi escolhida para reaver a possibilidade da criação da estrutura de lego, e, sendo uma obra arquitetônica feita por uma mulher, Lina Bo Bardi, que foi naturalizada brasileira, e em função da sua importância não somente para a disciplina arquitetônica mas também na paisagem da cidade de São Paulo e no imaginário de sua população, acabou por se tornar realmente uma das obras a serem estudadas durante este trabalho.

Pretendíamos escolher para o desenvolvimento dos modelos obras de duas ou três arquitetas diferentes, tentando definir as mesmas a partir de programas distintos e também de mulheres pertencentes a diferentes gerações. A primeira obra, já definida,

engloba um programa de espaço comum, da arquitetura moderna de um museu. Procuramos então obras que contemplassem outros programas, como escolas, casas, igrejas, hospitais, edifícios residenciais, ou comerciais. Com tantas possibilidades à frente, esta lista precisava ser diminuída.

Retomamos então a lista inicial que havia sido montada a



Figura 29. Lina Bo Bardi no canteiro de obras.

partir da pesquisa nas revistas, alinhando com as informações selecionadas. Optamos por remover todos os projetos que não foram construídos, e todas as obras que tivessem um programa similar ao do MASP. Outro processo também foi separar todas as obras feitas em conjunto com homens, mas não as excluindo, apenas para tentar encontrar obras feitas exclusivamente por mulheres.

A partir disto, houve uma aproximação por qual obra teria maior divulgação e seria possível encontrar informações de forma mais fácil na internet. Por esta razão, definimos como uma hipóteses de pesquisa a obra de Carla Juaçaba. Levando em conta os projetos publicados em seu site, como os importantes dentro da arquitetura criada por ela, houve um grande interesse pelo Pavilhão Humanidade, de 2012, porém, havia uma grande dificuldade em transpor seu sistema estrutural para o LEGO, dentro de uma escala, mesmo que aproximada, com as peças existentes do mesmo. Em uma observação mais minuciosa das obras, em conjunto com a orientadora, foi definido que seria estudada e executado o modelo da Casa Rio Bonito, de 2005, por ser uma estrutura interessante de ser utilizada dentro da modelagem das peças, e uma obra incrível.

Foi definido que o estudo da terceira obra seria alguma da arquiteta Lygia Fernandes, uma arquiteta da década de 1950, nordestina e modernista, que tem algumas obras publicadas em revistas, e seria muito interessante de trabalhar, pensando no recorte inicial do TFG1. Então iniciou-se uma pesquisa do que poderia ser encontrado dela, e como trabalhar estas informações. Justamente uma arquiteta dessas assombreadas, com sua história precisando ser contada e divulgada. Dentro das obras dela, a Residência José Lyra foi a escolhida, por seu partido e formato diferenciados. Não havia muito material disponível, mas o que foi encontrado em uma

pesquisa científica seria o suficiente para trabalhar sobre Fernandes.

Como outras coisas definidas no princípio do trabalho, a ideia de divulgar o maior número de arquitetas possível alcançou um limite, sendo assim três mulheres de cenários completamente diferentes escolhidas. Uma, renomada por todo seu trabalho extenso, modernista, que possui muita informação de divulgação; outra que tem bastante renome, com arquitetura sustentável por partido, mas, talvez por ser mais atual, não tão estabelecida no cenário de pesquisa; e a última, também modernista, mas por sua vez não reconhecida, existindo uma necessidade expor sua vida e obra.

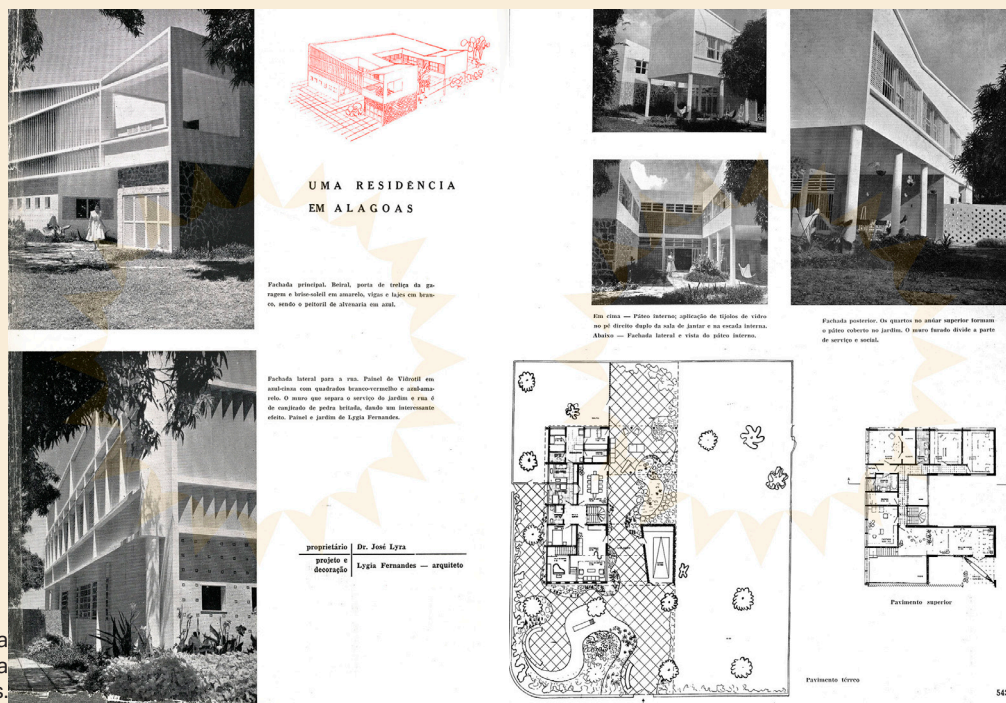


Figura 30. Publicação na revista Acrópole, n. 204, da obra da arquiteta Lygia Fernandes.

Notas

- 1 O recorte temporal estabelecido se daria entre as décadas de 1950 e 1980.
- 2 O Coletivo Arquitetas Invisíveis é uma ação que busca promover a igualdade de gênero dentro do âmbito da arquitetura e do urbanismo, por meio do reconhecimento e divulgação da vida e obra de arquitetas desprestigiadas pela história.
- 3 BRUAND, Yves. Arquitetura Contemporânea no Brasil; 1981.
- 4 BORTOLLI JUNIOR, Oreste, Referências perdidas; 2005.
- 5 ALBA, Lilian Bueno, 1935-1965 Trinta anos de edifícios modernos em São Paulo; 2004.



Arquitetas Brasileiras

A pesquisa se deu inicialmente a partir do Índice de Arquitetura Brasileira, em uma busca pelos nomes femininos encontrados ali. Nomes abreviados ou publicações apenas masculinas seriam deixadas de lado, para justamente encontrar em meio à tantas obras aquelas feitas por mulheres arquitetas.

Dentro destas obras arquitetônicas encontradas no IAB, foram criados critérios de sistematização: feitas unicamente por uma arquiteta, parcerias femininas e parcerias mistas. Após a separação, juntaram-se as obras que possuíam a mesma autoria, e assim ficaram pré-definidas quais seriam as potenciais estudadas.

Após esta etapa, foi realizada uma pesquisa na internet para tentar encontrar mais informações sobre as arquitetas em questão, o que se mostrou muito escassa, e com poucos resultados. Utilizando de base a ficha encontrada no site do coletivo Arquitetas Invisíveis, focou-se em resumir algumas informações biográficas das escolhidas.

Foi feita assim, a lista de pré-seleção de cada possível arquiteta, aqui apresentada. Optamos por registrar essa lista completa no trabalho (a seguir como fichas, em anexo as que não encontramos mais informações), de modo a tentar ajudar a divulgar a produção e obras das arquitetas investigadas, por menor que seja a quantidade de informações que encontramos de algumas.

CARMEN PORTINHO

País de origem: Brasil

Nascimento: 1903

Morte: 2001

Formação: 1925, Universidade Federal do Rio de Janeiro (Engenheira e Urbanista)

Locais de atuação: Brasil

Área de atuação principal: Urbanismo, Engenharia

97

Alguns projetos: Conjunto do Pedregulho (1948, RJ), Conjunto da Gávea (1952, RJ)



LINA BO BARDI

País de origem: Itália

Nascimento: 1914

Morte: 1992

Formação: 1939; Faculdade de Arquitetura de Roma

Locais de atuação: Itália e Brasil

Área de atuação principal: Arquitetura

Alguns projetos: MASP (1968, SP), Casa de Vidro (1951, SP), SESC Pompéia (1982, SP), Solar do Unhão (1963, BA), Teatro Oficina (1984, SP)

Residência no Morumbi; projeto de Lina Bo Bardi, arq. Habitat (10):31-40, 1953.



LYGIA FERNANDES

País de origem: Brasil

Nascimento: 1919

Morte: 2011

Formação: 1945; Escola Nacional de Belas Artes

Locais de atuação: Rio de Janeiro, Alagoas

Área de atuação principal: Arquitetura

Alguns projetos:

Residência em Alagoas; Acrópole, (204.); 542-545, set. 1955.

Residência em Maceió, Alagoas; Habitat (31); 67-69, jun. 1956.

Residência Dr. Paulo Netto; Arquitetura e Engenharia (35); 12-17, abr./jun. 1955.

Residência do Dr. José Lyra; Arquitetura e Engenharia, (35); 21-23, abr./jun. 1955.



MARIA SCHWAB

Maria do Carmo Novaes Schwab

País de origem: Brasil

Nascimento: 1930

Formação: 1953; Faculdade Nacional de Arquitetura (FNA, atual UFRJ)

Locais de atuação: Espírito Santo

Área de atuação principal: Arquitetura e Urbanismo

Alguns projetos: Residência Camilo Cola; Edifício Barcellos (1959, ES); Clube Libanês do Espírito Santo (1958, ES)



ZÉLIA NOBRE

Zélia Maia Nobre

País de origem: Brasil

Nascimento: 1929

Formação: 1954; Faculdade de Belas Artes de Recife (atual UFPE)

Locais de atuação: Alagoas

Área de atuação principal: Arquitetura residencial

99

Alguns projetos: Residência Tibério Rocha Silvestre (1959, AL), late Clube Alagoas (1963, AL); Residência Maia Nobre (1960, AL), Residência Universitária Alagoana (1970, AL)



RACHEL SISSON

Rachel Esther Figner Sisson

País de origem: Brasil

Nascimento: 1928

Formação: 1954; Faculdade Nacional de Arquitetura (FNA, atual UFRJ)

Locais de atuação: Rio de Janeiro

Área de atuação principal: Urbanismo, Educação

Alguns projetos:

Igreja do parque em Vila Nova Aldeota, Fortaleza, CE; projeto de Raquel Esther Prochnik, arq. *Arquitetura* (25):15, jul. 1964.



ROSA G. KLIASS

Rosa Grena Kliass

País de origem: Brasil

Nascimento: 1932

Formação: 1955, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Locais de atuação: Brasil

Área de atuação principal: Paisagismo

Alguns projetos: Paisagismo: Vale do Anhangabaú; Parque da Juventude

Residência no Alto da Lapa; projeto de Rosa Grena Kliass e Vladimir Kliass, arqs. Acrópole (272):288-90, jul. 1961

Residência no Jardim Paulistano; prêmio no XXVII Salão Paulista de Belas Artes; projeto de Rosa G. Kliass e Vladimir Kliass, arqs. Acrópole (288):390-3, nov. 1962.

Anteprojeto para residência; projeto de Rosa Grena Kliass e Vladimir Kliass, arqs. - Acrópole (234):214-5, abr. 1958



MIRANDA MAGNOLI

Miranda Maria Esmeralda Martinelli Magnoli

País de origem: Brasil

Nascimento: 1932

Morte: 2017

Formação: 1955, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Locais de atuação: Brasil

Área de atuação principal: Paisagismo, Urbanismo

Alguns projetos: Residência Chaim Goldenstein
Residência em Boaçava; projeto e construção de Miranda Martinelli, arq. Dante A. I. Martinelli, eng. Acrópole (229):20-1, nov. 1957

Internacional Golf Club; projeto de Abelardo R. de Souza e Miranda Magnoli, arqs. Habitat (70):20-4, dez. 1962,

Clube de campo em Piracicaba, SP; projeto de Miranda Magnoli e Abelardo R. de Souza, arqs. Habitat (75):19- 26, jan./ fev. 1964

Clube da Cidade de São Paulo; projeto de Abelardo R. de Souza e Miranda Magnoli, arqs.; construção de Severo e Villares S.A; Habitat (73):13-7, set. 1963.

MARLENE PICARELLI

País de origem: Brasil

Nascimento: 1935

Formação: 1958, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Locais de atuação: Brasil

Área de atuação principal: Arquitetura, Educação

101

Alguns projetos:

Escola SENAI de Sorocaba, SP; projeto de Helio de Q. Duarte, Lúcio Grinover, Marlene Picarelli e Roberto G. Tibau, arqs. - Acrópole (314):39, fev. 1965 • Bem-Estar (5/6) :34-5, maio/jun. 1960.

Grupo escolar de Vila Mariana, São Paulo; projeto de Lúcio Grinover, Marlene Picarelli e Roberto Goulart Tibau, arqs. Acrópole (314):30, fev., 1965.

Edifício de escritórios; projeto de Hélio de Queiroz Duarte, Lúcio Grinover, Marlene Picarelli e Roberto G. Tibau, arqs. Acrópole (300):366, out. /nov. 1963.

Escola SENAI de São Caetano, SP; projeto de Helio de Q. Duarte, Marlene Picarelli e Roberto Goulart Tibau, arqs. Acrópole (314):40-1, fev. 1965.

Residência em Santa Bárbara do Oeste, SP; projeto de Hélio de Q. Duarte, Lúcio Grinover, Marlene Picarelli e Roberto Tibau, arqs. Acrópole (298):292-3, ago. 1963.

Escola Industrial de Bom Retiro, São Paulo; projeto de Helio de Q. Duarte, Lúcio Grinover, Marlene Picarelli e Roberto Goulart Tibau, arqs. Acrópole (314):43, fev. 1965.

Escola Industrial de Casa Verde, São Paulo; projeto de Helio de Q. Duarte, Lúcio Grinover, Marlene Picarelli e Roberto Goulart Tibau, arq. Acrópole (314):44, fev. 1965.

Escola Industrial de Santo Amaro, São Paulo; projeto de Helio de Q. Duarte, Lúcio Grinover, Marlene Picarelli e Roberto Goulart Tibau, arqs. Acrópole (314) :42, fev. 1965. Escola Industrial de Tatuapé, São Paulo; projeto de Helio de Q. Duarte, Lúcio Grinover, Marlene Picarelli e Roberto Goulart Tibau, arqs; Acrópole (314):45, fev. 1965.

Escola Industrial de Vila Maria, São Paulo; projeto de Hélio de Q. Duarte, Lúcio Grinover, Marlene Picarelli e Roberto Goulart Tibau, arqs. Acrópole (314):46 fev.: 1965

Escola primária experimental; projeto de Hélio de Q. Duarte, Lúcio Grinover, Marlene Picarelli e Roberto Goulart Tibau, - arqs; Acrópole (314):29, fev. 1965.

Centro Educacional Alexandre de Gusmão; projeto de Helio de Q. Duarte, Lúcio Grinover, Marlene Picarelli e Roberto Goulart Tibau, arqs. Acrópole (314):33, fev. 1965.

Centro Educacional de Santo Amaro, São Paulo; projeto de Helio de Q. Duarte, Lúcio Grinover, Marlene Picarelli e Roberto Goulart Tibau, arqs; Acrópole (314):32, fev. 1965.

Colégio Santa Cruz, São Paulo; projeto de Helio de Q. Duarte, Lúcio Grinover, Marlene Picarelli e Roberto Goulart Tibau, - arqs; Acrópole (314):36, fev. 1965.

JANETE COSTA

País de origem: Brasil

Nascimento: 1932

Morte: 2008

Formação: 1961, Faculdade Nacional de Arquitetura (FNA, atual UFRJ)

Locais de atuação: Brasil

Área de atuação principal: Projetos de interiores e ambientação

Alguns projetos: Cabana na Praia (PE). Interiores: Residência Rio de Janeiro (1985, RJ), Residência de Maceió (2008, AL), Residência Recife (2003, PE)



CHRISTINA JUCÁ

País de origem: Brasil

Morte: 2017

Formação: 1963; Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pernambuco

Locais de atuação: Brasil

Área de atuação principal: Educação

Alguns projetos:

Edifício sede da SUDENE; projeto de Glaucio Campelo, Marcos Domingues, Armando Holanda, Luiz Lacerda, César Augusto, Cristina Jucá, Newton Vianna e Jorge Martins Júnior, arqs. Arquitetura (69):34, mar. 1968.



JÔ VASCONCELOS

País de origem: Brasil

Nascimento: 1947

Formação: 1971; Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais

Locais de atuação: Brasil

Área de atuação principal: Arquitetura

Alguns projetos: Palácio Episcopal de Minas Gerais; Edifício Officentre; Museu da Cachaça (2012, MG); Edifício Raja Gabaglia (MG); Espaço de Conhecimento UFMG (2014)

103



HELENA AYOUB

País de origem: Brasil

Nascimento:

Formação: 1979, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Locais de atuação: Brasil

Área de atuação principal: Arquitetura, Educação

Alguns projetos: Sesc Ribeirão Preto (2013, SP), Escola Estadual Jardim Morro Doce (SP)



SANDRA MOURA

País de origem: Brasil

Formação: 1987, Universidade Federal da Paraíba

Locais de atuação: Brasil

Área de atuação principal: Arquitetura, Interiores

Alguns projetos: Restaurante Nau (2013, DF), Golden Beach Camboinha (PB), Mangai Ponta Preta (RN), Escritório Sandra Moura (PB)



CAROLINA BUENO

País de origem: Brasil

Nascimento: 1975

Morte: 2021

Formação: 1999; Ecole d'Architecture de Paris-La-Seine

Locais de atuação: Brasil, França

Área de atuação principal: Arquitetura sustentável

Alguns projetos: (Em conjunto com o escritório Triptyque Architecture) Edifício Onze22 (SP), Edifício Fidalga (SP), Edifício Pop XYZ (SP)



CARLA JUAÇABA

País de origem: Brasil

Nascimento: 1976

Formação: 1999; Universidade de Santa Úrsula

Locais de atuação: Brasil

Área de atuação principal: Arquitetura Sustentável

105

Alguns projetos: Pavilhão Humanidade 2012 (Rio + 20), Casa Rio Bonito (2005), Casa Santa Teresa (2017), Casa Varanda (2007)



ELIZABETH DE PORTZAMPARC

País de origem: França

Nascimento: 1947

Formação: Universidade Paris V

Locais de atuação: França e Brasil

Área de atuação principal: Urbanismo

Alguns projetos: Museu da Romanidade (2012, França); Novo Centro da cidade de Massy (2011, França); Centro Cultural Francês de Florianópolis (2009, SC); Parque de exposições Riocentro (2007, RJ)



M. CLAUDIA BOCARRA

País de origem: Itália

Nascimento: 1937

Morte: 2012

Alguns projetos:

Residência na Granja Julieta; projeto de Augusto Boccara e M. Cláudia R. de Boccara, arqs. Acrópole (344):40-2, out. 1967

Projeto para residência; projeto de Augusto Boccara e Maria Cláudia R. de Boccara; arqs.; construção de Projetos e Construções Ediplan Ltda. Acrópole (340):19-31, maio 1967

Edifício de apartamentos; projetos de Augusto Boccara, Maria Claudia Repetto de Boccara e Antônio Akama, arqs. Acrópole (272):286-7, jul. 1961.

Estrutura industrial; projeto de Augusto Boccara e M. Cláudia de Boccara, arqs.; construção de Projetos e Construções Ediplan Ltda. Acrópole (336):29-31, jan./ fev. 1967.

CHU MING SILVEIRA

País de origem: China

Nascimento: 1941

Morte: 1997

Formação: 1964, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie

Locais de atuação: Brasil

Área de atuação principal: Design, Programação visual

Alguns projetos: Orelhão (design), Concha (design), Casa 658 (SP)



DAISY IGEL

País de origem: Brasil
Nascimento: 1926
Formação: Escola Superior de Desenho Industrial (EsdI-UERJ)

Alguns projetos:
Anteprojeto da terminal Cia. Ultragá, São Paulo; projeto de Daisy Igel e Jon Maitrejean, arqs. Acrópole (205):21-3, nov. 1955.

PHILOMENA CHAGAS

País de origem: Brasil
Formação: 1962; Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais
Locais de atuação: Brasil, Estrasburgo
Área de atuação principal: Arquitetura e educação

MARCIA AGUIAR

Marcia Aguiar Nogueira Batista
País de origem: Brasil
Nascimento: 1939
Morte: 2019
Formação: 1962; Faculdade Nacional de Arquitetura (FNA, atual UFRJ)
Locais de atuação: Rio de Janeiro
Área de atuação principal: Paisagismo

NINA ALBU

Jacobina Albu Vaisman
Área de atuação principal: Paisagismo (Presidência do Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas – ABAP; 2015-2017)

Alguns projetos:
Anteprojeto para residência; projeto de Bernardo Vaisman e Nina Albu, arqs. Acrópole (281):158-9, abr. 1962.

FREUZA ZECHMEISTER

País de origem: Brasil

Nascimento: 1941

Formação: 1964; Universidade Federal de Minas Gerais

Locais de atuação: Brasil

Área de atuação principal: Cenografia

Alguns projetos: Pousada em Inhotim (MG), Casa Cícero (2011), Casa Bonomi

MARIA BARDELLI

País de origem: Itália

Formação: Politécnico de Milão

Locais de atuação: São Paulo

Área de atuação principal: Arquitetura

Alguns projetos: (Em conjunto com Ermanno Siffredi) Edifício Nobel (1950, SP), Galeria do Rock (SP), Edifício Domus, Le Village (SP)

Notas

Foto em Carmen Portinho (Fonte: wikipedia).

Foto Lina Bo Bardi (Fonte: Viva Decora).

Foto Lygia Fernandes - Concurso do Clube de Jockey Brasileiro, 1948 (Fonte: Concours).

Foto Maria Schwab - Fachada do Clube Libanês, 1958 (Fonte: Revista AU).

Foto Zélia Nobre - Recebendo título de Doutora Honoris Causa da UFAL (Fonte: CAU-BR).

Foto Rachel Sisson (Fonte: Site da arquiteta).

Foto Rosa G. Kliass - Croqui da própria para o projeto do Parque da Juventude (Fonte: Vitruvius).

Foto Janete Costa (Fonte: Janetecosta.Arq).

Foto Christina Jucá (Fonte: CAU-BR)

Foto Jô Vasconcellos - Museu da Cachaça (Fonte: ArchDaily).

Foto Helena Ayoub - Sesc Riberão Preto (Fonte: vitruvius)

Foto de Sandra Moura - Restaurante Nau (Fonte: ArchDaily)

Foto Carolina Bueno (Fonte: VEJA-SP).

Foto Carla Juaçaba - Recebendo o prêmio arcVision (Fonte: Fabio Toschi, 2013).

Foto Elizabeth Portzamparc (Fonte: Getty Images).

Foto Chu Ming Silveira - com sua obra (orelhão) (Fonte: orelhao.arq.br)



Lotta de Macedo Soares
- por Fernanda Fahl

Por que Lego?

Tão importante quanto a pesquisa, para esse trabalho sempre foi a reflexão sobre os meios de divulgação da produção das arquitetas e os próprios conteúdos de estudo. Se um tema é estudado, mas não é divulgado para um público amplo, ele perde força, e deste modo, não atinge inteiramente seus objetivos. Dentro deste trabalho, foi decidido utilizar as peças dos blocos de montar de LEGO, baseando-se na linha Architecture. Como mencionado no capítulo “Elucidando o tema”, esta escolha se deu primeiramente de forma pessoal, porém, com o estudo, foi estabelecida como uma escolha plausível e prática.

110

Primeiramente, o LEGO se dá como um brinquedo educacional para crianças de todas as idades. A partir dos blocos montáveis, muitas pessoas têm o primeiro contato com a percepção de espaço, da construção. Sendo assim, ele se torna um símbolo sobre o processo de manipular algo e compreender as conexões. Deste modo, o produto gerado a partir dele poderia trazer o interesse de olhares voltados para as obras escolhidas numa perspectiva mais ampla, não restringido ao universo especializado dos arquitetos, mas capaz de divulgar algumas das obras das arquitetas para um público maior.

Sempre existiu uma conexão entre as peças de LEGO e o mundo da arquitetura. Na década de 1960, a concepção de que as

peças eram um modo para expressar fisicamente as ideias criativas dos arquitetos, foi confirmada com o lançamento da linha "Scale Model". Combinava com o espírito da era na qual os arquitetos modernos estavam redefinindo como as casas se pareciam e as pessoas estavam tendo um interesse mais ativo no design de suas moradias. Esses sets eram feitos para serem diferentes dos normais, coloridos, também incluindo um livro sobre arquitetura como um guia de inspiração. Muito parecido com o set "LEGO Architecture Studio Profissional", lançado em 2009, desenvolvido justamente para trabalhos de Arquitetura.

Encontrou-se como referência as obras elaboradas na coleção "Lego Architecture", em sua maioria desenvolvidas por Adam Reed Tucker, especialmente na 'Architect Series'. No final de cada um dos livretos com a instrução de montagem, o artista faz comentários sobre aquela obra e sobre a sua relação com a mesma.

111

"Primeiro e antes de tudo, eu não vejo os meus modelos como réplicas literais, mas sim como interpretações artísticas em que são utilizadas peças LEGO. A peça LEGO não é inicialmente pensada para ser um material tipicamente usado na criação de arte ou usado para servir de meio a um artista. Descobri rapidamente que a peça LEGO se prestava tão naturalmente às minhas aplicações como a tinta para o pintor ou o metal para o ferreiro. Ao explorar a forma de apreender estes edifícios com as formas básicas das peças e bases, acho as possibilidades e desafios que elas proporcionam quase mágicos." Adam Reed Tucker

Fazem parte da coleção mencionada, "kits" de peças que possibilitam a montagem de obras como: Guggenheim Museum

(2009) (por Frank Lloyd Wright), Fallingwater (2009) (por Frank Lloyd Wright), The White House (2010) (por James Hoban), Rockefeller Center (2011) (por Raymond Hood), Farnsworth House (2011) (por Ludwig Mies van der Rohe), Robie House (2011) (por Frank Lloyd Wright), entre outras. Porém, observou-se que nenhum dos modelos são obras feitas por arquitetas mulheres, reforçando a necessidade de aumentar a presença delas em todas as áreas.

Estes não são apenas brinquedos voltados para crianças, mas especialmente produzidos para criar objetos de estudo, brincadeira e decoração, que colaboram para a difusão da arquitetura entre um público mais amplo e promovem o conhecimento mais aprofundado das obras através do processo de montagem.

Dentro do processo de encaixar as peças e visualizar a obra, com este modo de divulgação, aproxima-se o usuário da arquitetura, sendo ele de qualquer origem. Além das peças, os "kits" contêm um livreto explicativo, no qual se encontram as instruções para a montagem. Neste, explora-se a capacidade de misturar diversão e história, contando a origem daquele edifício, sobre seu arquiteto e fatos sobre a obra.

112



Figura 31. Caixa do Kit LEGO Architecture Studio.

Freusa Zechechmeister
- por Fernanda Fahl



Fazendo os modelos

MASP

Comecei a montagem do MASP pensando na proporção do vão. Sabendo a modulação das colunas (2,5x4m) o processo começou por tentar achar alguma peça que se encaixasse nessa medida. A única que conseguiria seria uma de 10x16 (na contagem de pontos das peças, onde cada 1 equivale a uma bolinha/encaixe), mas que não parecia adequada em função da dimensão final do modelo.

Repensei então a medida, definindo que cada bolinha/encaixe será equivalente a 2m, para poder reduzir ao máximo a escala. Por isso decidi então que para cada coluna, iria utilizar uma peça de 1x2x2.

Deste modo comecei a modelar. Definida a escala aproximada, fiz o desenho da planta do MASP no programa 3D da LEGO, tentando manter a escala mais próxima possível, pensando nas proporções e arredondando as que não tem números ímpares.

Como o processo começou pelo volume superior suspenso do MASP, fiz tudo aquilo a partir do nível da Av. Paulista. Porém, decidi em algumas discussões, que seria necessária a construção da parte debaixo do MASP, não apenas do monumento que todos veem na Paulista, mas o nível inferior do edifício, que dá um sentido muito mais

forte para a obra. Então comecei a testar como fazer esse declive, olhando como a montagem do próprio modelo do LEGO Fallingwater havia solucionado a representação da topografia.

Uma grande dificuldade foi definir como o modelo ficaria no final. Questões como "Por causa da grande diferença de altura, eu faço como um grande recorte?" e "Devo deixar desigual?" surgiram durante o processo.

Construindo a parte inferior com as peças, fui descobrindo pontos que precisavam ser firmados para poder fazer uma estrutura que funcionasse. Após fazer o desenho do fundo, e testar algumas formas que deram errado para criar a topografia, percebi o tamanho que o modelo estava tomando. Ao colocar peças embaixo do volume suspenso, para ficar na mesma altura da parte inferior, percebi que talvez não funcionasse.

Pensei na ideia de pegar as peças fora do programa e começar

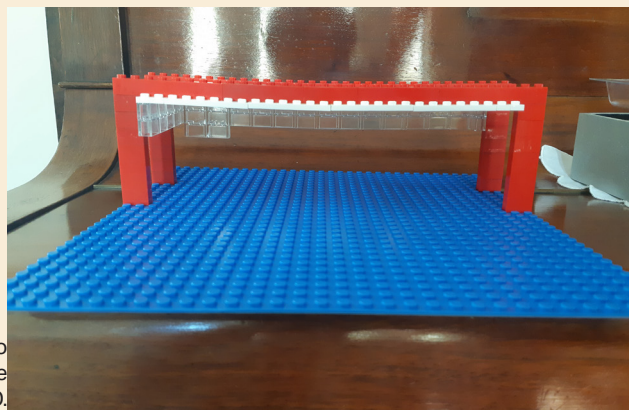


Figura 32. Primeira tentativa do modelo físico do MASP em peças de LEGO.

a montar pela topografia do local, tentando assim definir outro parâmetro para a escala. Após diversas conversas, a definição foi não se apegar à escala precisa, mas sim manter a proporção visual do MASP. Especialmente pelo tamanho que o modelo ficou, maior do que o imaginado, precisei rever diversos aspectos do processo de execução do modelo, que foi novamente iniciado.

Comecei a construir o modelo com as peças de LEGO que tinha em mãos. Não seria ligado necessariamente às cores reais, ou nem uma tentativa de modelo final, mas um laboratório para testar os processos de concepção e montagem, que possibilitasse estabelecer um método para seguir com os outros modelos pretendidos. Desta vez, comecei pela base, e não pelo vão.

Testei com as peças a escala, tentando manter a proporção de modo a definir como seria o tamanho de tudo. Fui para a parte interior, utilizei de base um modelo 3D do SketchUp do MASP, para poder ter

116

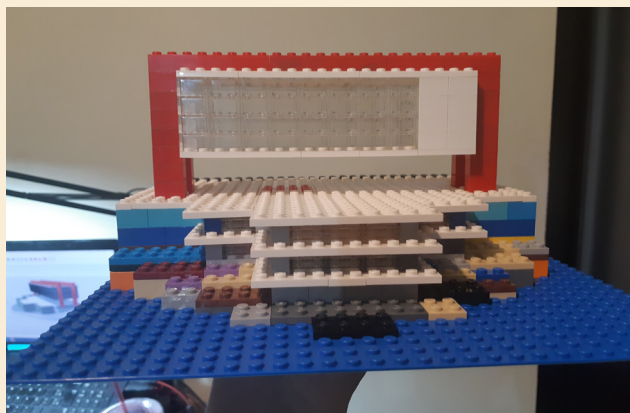


Figura 33. Tentativa a partir da topografia do modelo físico do MASP em peças de LEGO.

uma referência visual, enquanto mudava as posições para visualizar tudo melhor.

Após diversos ensaios de cada parte, cheguei a um resultado de um modelo que mantém a proporção do edifício e ao mesmo tempo tem um tamanho razoável. Encontrei alguns defeitos, especialmente relativos à caixa do vão, que estava muito pequena na profundidade, e assim eu aumentei 2 pontos no com as peças, ficando uma proporção mais próxima da real.

Então passei para a parte de criação do modelo de LEGO 3D. Começando a estudar os programas gratuitos que existem na internet para a montagem de peças, me deparei com duas opções, um oficial da LEGO, e uma do site BrickLink, que reúne entusiastas e vendedores do LEGO. Encontrei uma problemática no *LEGO® Digital Designer* que foi o passo a passo depois que o modelo está finalizado, que

117

Figura 34. Captura de tela da primeira tentativa de construção do modelo do MASP no programa *LEGO Digital Designer*.

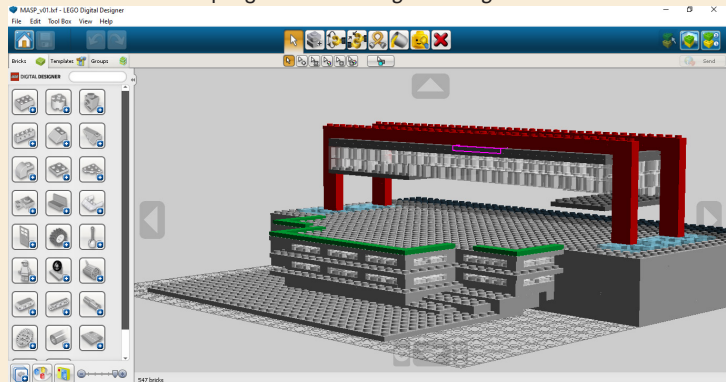
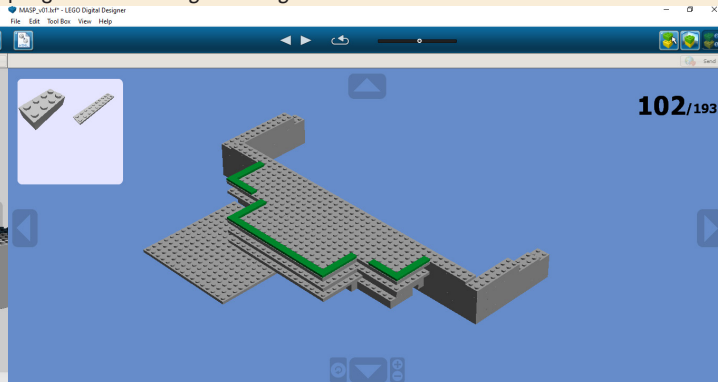


Figura 35. Captura de tela da etapa de passo a passo de montagem do programa *LEGO Digital Designer*.



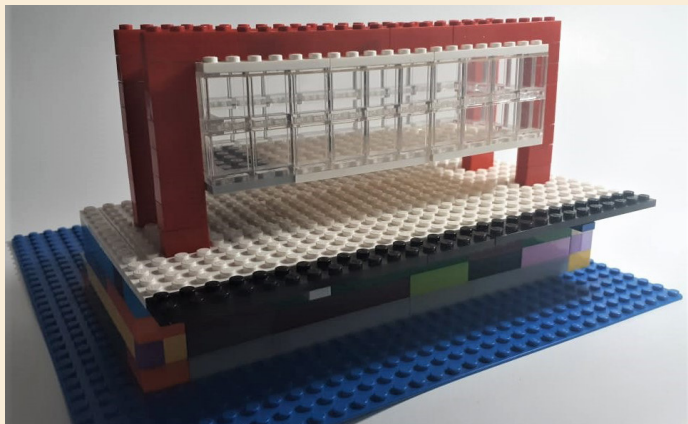


Figura 36. Modelo físico final com peças de LEGO do MASP.

não tem uma boa apresentação final. A princípio o programa é muito fluido e fácil de usar, mas seu produto final é simples demais, sendo principalmente pelo formato desenvolvido. Desta forma, a lógica criada é falha, e seria mais difícil produzir o passo a passo desejado. Já o *BrickLink Studio*, possui um sistema um pouco menos intuitivo, mas tem opções muito mais completas, transformando o modelo em um arquivo incrível editável. Foi então o produto final perfeito, próximo já da minha ideia de ser a base para um livreto de construção no mesmo padrão daqueles produzidos pelo LEGO.

Consegui afinal montar o LEGO® com as peças e modelos existentes segundo o programa, conseguindo enfim um modelo que considerei ideal para finalizar. No processo de montagem, já defini a ordem para as peças aparecerem no sistema, assim criando o arquivo relativo ao livreto de instruções, para que possam montar de acordo com ele, da melhor forma possível.

Casa Rio Bonito

A partir da experiência do modelo do MASP, percebi que seria melhor iniciar o processo de elaboração do modelo a partir do modelo físico de LEGO, ao invés de iniciar com o modelo no programa 3D - em função dos encaixes, proporção e desenvolvimento mais fiel à obra.

Comecei olhando as proporções do edifício, comparando as peças de LEGO, tentando pensar desde já em como modificar a escala para melhor se adequar aos padrões das peças. Encontrei olhando o modelo de LEGO do *Farnsworth House* uma peça de 1x4x3 que simboliza o vidro, e resolvi que usaria ela como escala média. Desta forma, 3 de altura seriam os 3 metros de pé direito da casa, aproximado (o pé direito são 2,71 m).

Tentei definir que cada bolinha de encaixe do LEGO seria equivalente a 50 cm, mas mais uma vez não foi possível manter uma escala constante, especialmente por causa do pé direito. Mas como cada peça teria a altura de 1m, defini a largura da casa, casa a partir desse módulo, mesmo mantendo algumas coisas fora de escala, mas procurando obedecer à proporção.

Vencer o vão sem apoio interno foi outro desafio bem grande, pois não temos peças que sejam equivalentes às vigas metálicas no lego, então teria que ser vencido com apoio de encaixes. Este vão foi vencido com apoios pequenos, feitos para que se fizesse uma espécie de plataforma para que o mesmo se sustentasse. As paredes internas

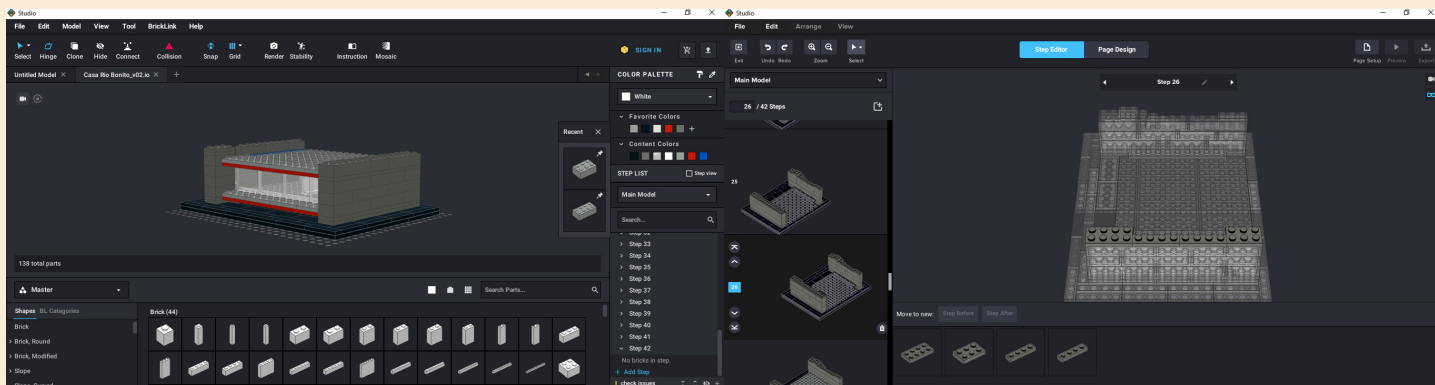


Figura 37. Captura de tela da etapa de construção da Casa Rio Bonito no programa *BrickLink Studio*.

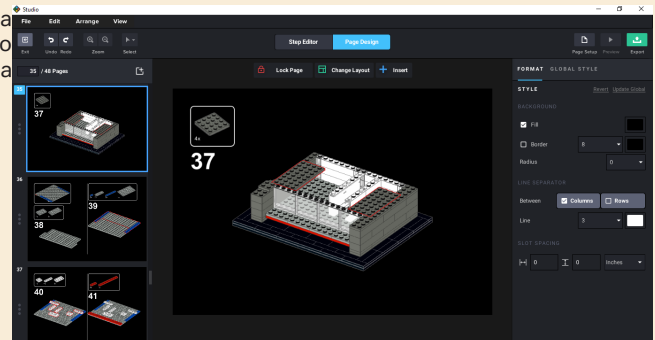
Figura 38. Captura de tela da etapa de edição do passo a passo da Casa Rio Bonito no programa *BrickLink Studio*.

também auxiliam no apoio da cobertura, fazendo com que a estrutura funcione.

Por fim, os vidros horizontais da cobertura não tiveram solução boa, por precisar de apoio e por falta de peças da LEGO existentes. Como os modelos da coleção não costumam utilizar peças feitas apenas para eles, sendo em si um conjunto de peças pré-existentes que definem a escala do modelo, optei por utilizar peças em uma cor diferente, simbolizando o vidro, mas sem a transparência, pois não temos apoios laterais para o vidro como no projeto.

O desenvolvimento do modelo no programa *BrickLink Studio* se mostrou muito mais simples agora que já tinha a experiência anterior de montagem. A princípio montei do mesmo jeito que havia montado executado o modelo físico, sem pensar muito nem uma sequência organizada. Depois, com mais cuidado, separei passo a passo como

Figura 39. Captura de tela da etapa de formatação e diagramação da Casa Rio Bonito no programa BrickLink Studio.



seria ideal montar. O mais trabalhoso nesse momento foi realmente fazer a base do projeto. As bases dos modelos de LEGO Architecture costumam ser do tamanho de suas construções, excedendo muito pouco o que deve ser mostrado ali.

Por fim, o modelo foi feito, e com as definições visuais similares às definidas no arquivo do LEGO MASP, como formato, tamanho de letra, como as peças aparecem e sequência de montagem, finalizei o arquivo do passo a passo do LEGO Casa Rio Bonito.

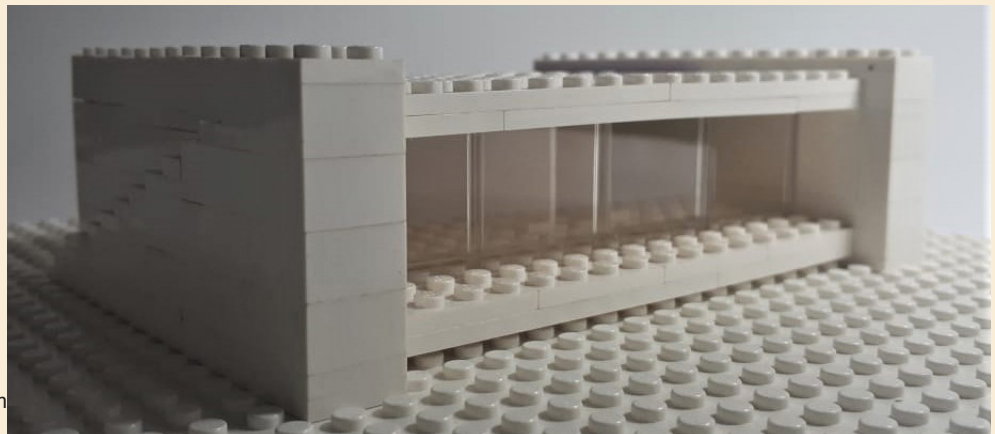


Figura 40. Modelo físico final com peças de LEGO da Casa Rio Bonito.



Figura 41. Fotos do modelo físico final do MASP em peças LEGO.

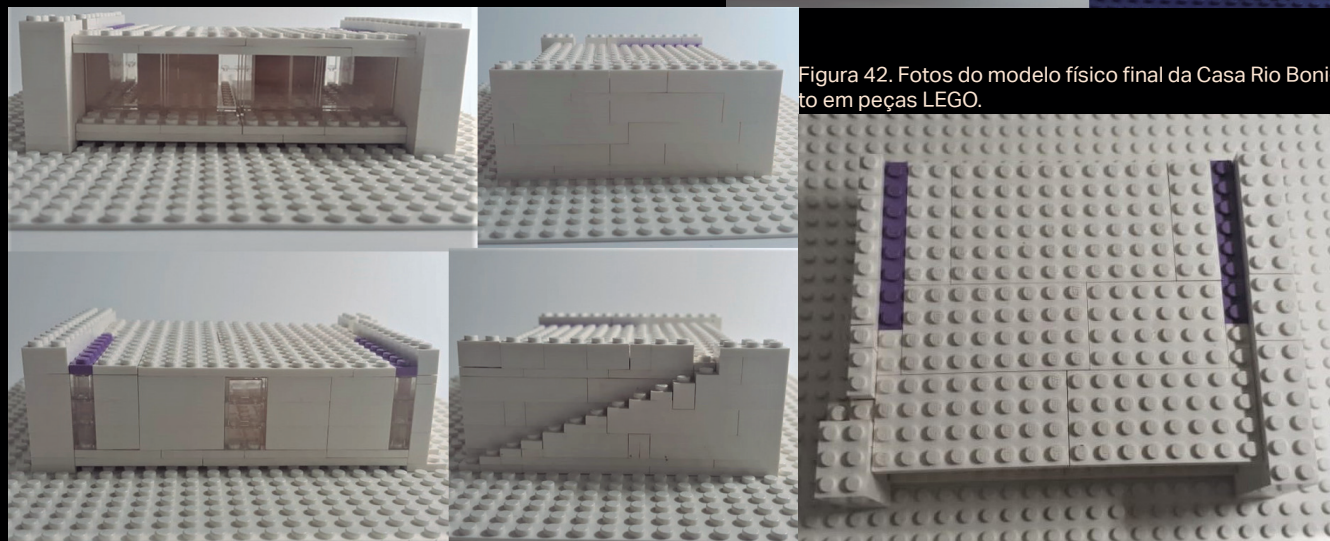


Figura 42. Fotos do modelo físico final da Casa Rio Bonito em peças LEGO.

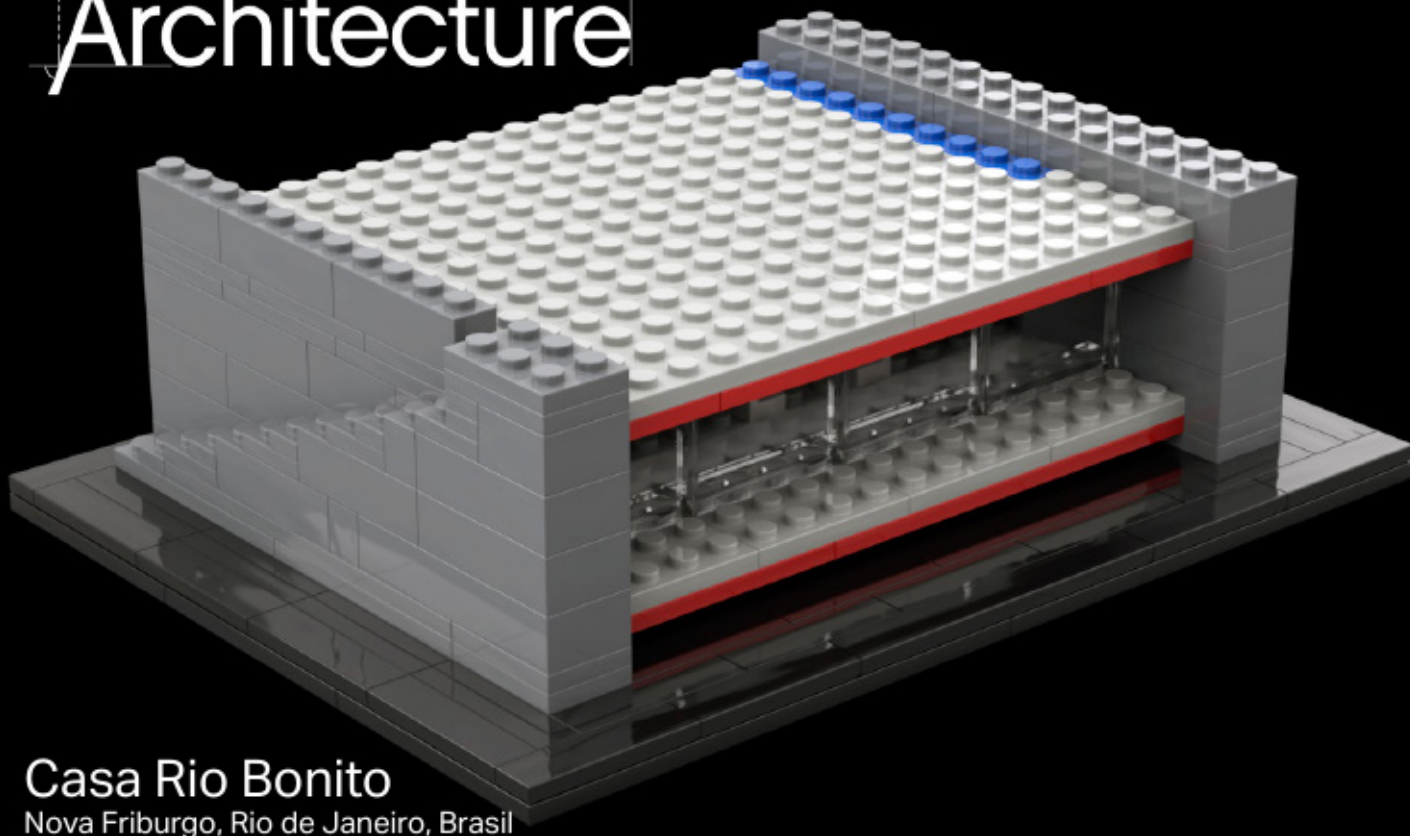
Architecture



Museu de Arte de São Paulo
São Paulo, São Paulo, Brasil

Figura 43. Capa do Livreto do MASP.

Architecture



Casa Rio Bonito
Nova Friburgo, Rio de Janeiro, Brasil

Figura 44. Capa do Livroto da Casa Rio Bonito.



Jô Vasconcelos
- por Fernanda Fahl

Sobre os textos escolhidos

Para a parte dos livretos, nas quais os textos são essencialmente para leigos em relação à arquitetura, houve uma preocupação que estes não fossem muito longos ou técnicos. Definiu-se então o que deveria ser posto, usando os livretos da LEGO como exemplo. Seria um texto curto sobre a arquiteta, um texto sobre a obra arquitetônica, um texto sobre a parte técnica do projeto (data de construção, tamanho do terreno, materiais principais da obra), e, se possível, uma palavra da autora sobre a obra.

Sobre a Lina Bo Bardi e sua obra, havia muito material interessante e completo na internet e em livros publicados sobre ela. Houve uma tentativa de se aproximar com cautela, pois ao mesmo tempo que seria bom e necessário contar a trajetória da arquiteta, não seria recomendado que fosse em um texto longo, digno de um livro. Definiu-se então que o texto seria extraído da internet, quase na íntegra, especialmente do site que pertence ao instituto de Bo Bardi, cuja documentação é fiel e em perfeito estado.

O MASP, não sendo apenas uma obra física de arquitetura, mas também um partido muito forte de uma forma nova de museu, tomou mais espaço do que o inicialmente previsto para ele. O texto foi retirado de diversos lugares, tentando sintetizar ao máximo o possível sem que retirasse assuntos importantes a serem discutidos sobre a obra. Por fim, foram feitos recortes do texto da própria arquiteta sobre o Museu de Arte de São Paulo, para cumprir esta

última etapa necessária de texto, fazendo com que se tornasse um tamanho sucinto e mais definido.

As fotos e imagens foram tiradas de diversos meios, todos referenciados no final do próprio livreto. Sendo essenciais para ilustrar a concepção do próprio monumento, foram difíceis as decisões de quais utilizar, todas sendo perfeitas.

Já sobre a Carla Juaçaba não haviam textos completos sobre sua biografia ou sua obra. O texto sobre a Casa Rio Bonito iria ser retirado do site do escritório da arquiteta, sendo curto e simples. Após mais pesquisa, foi encontrada a tese de mestrado de Priscila Marques Mendes "4 casas; 1 pavilhão: a poética da construção na obra de Carla Juaçaba (2000-2012)" de 2017. Nela, havia muito mais texto sobre a obra escolhida, e um breve histórico sobre a arquiteta. O texto então foi feito, a partir desta tese e das informações coletadas nos diferentes sites.

Após muita consideração, foi decidido que mesmo que não tenha sido feito o modelo LEGO sobre a terceira arquiteta, Lygia Fernandes, como já havia sido feita uma pesquisa prévia sobre ela, seria interessante criar o texto do livreto, numa perspectiva futura de ajudar a divulgação da obra da mesma.

A partir da pesquisa de José Carlos Huapaya Espinoza e da estudante Clara Demettino Castro Vasconcelos, "Lygia Fernandes: Uma Arquiteta Modernista: História e Historiografia da Arquitetura e do Urbanismo Modernos no Brasil", já possuía a maioria das informações necessárias, sendo apenas necessário resumir as mesmas objetivamente, editando o texto para que coubesse dentro do estilo desenvolvido. O texto do livreto se encontra em anexo ao final do trabalho.

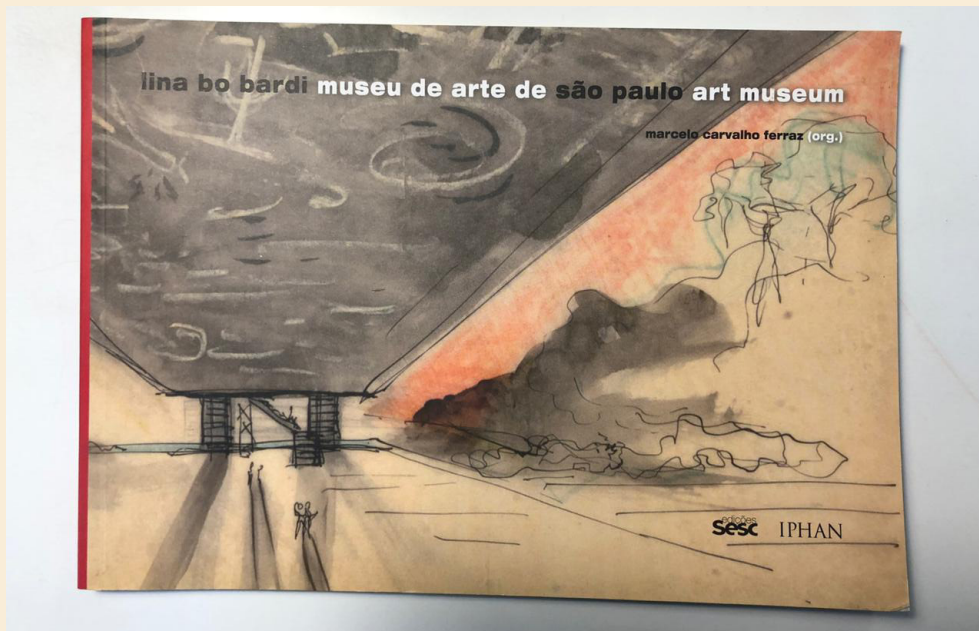


Figura 45. Livreto sobre o MASP com um texto da autora do projeto sobre ele.



Finalmente

Conclusões finais

Compreender o assombreamento das mulheres, tanto perante a arquitetura quanto ante a história, é um grande passo para assimilar qual papel delas como mulheres e arquitetas. Visualizar este tema de forma objetiva ou imparcial é difícil e não o deve ser feito, deste modo, assim como todos os textos previamente mencionados, este trabalho tem um cunho feminista, formado a partir da concepção da igualdade de gêneros.

A questão da diferenciação entre a divulgação de obras arquitetônicas feitas por homens ou por mulheres é ainda muito complexa. Por exemplo, no artigo que Dorte Mandrup escreveu para o site *Dezeen*, intitulado “I am not a female architect. I am an architect” (tradução: Eu não sou uma mulher arquiteta. Eu sou uma arquiteta), ela comenta sobre o fato das mulheres arquitetas serem mencionadas apenas durante o mês de março, pelo marco do Dia Internacional das Mulheres¹. A arquiteta discute também, como o próprio título já diz, que não quer ser reconhecida como uma “**woman architect**”, mas sim como “**architect**”, tratada de igual para igual com seus respectivos colegas do sexo masculino. Para ela, a questão da separação por gênero mais prejudica do que ajuda no reconhecimento do trabalho das arquitetas.

*“Precisamos parar de promover as “arquitetas **mulheres**” em listas e exposições dignas, para que as mulheres possam ser vistas como mais do que cidadãs de segunda classe.” (MANDRUP, 2017)*

Mandrup argumenta que quando falamos sobre gênero, costumamos falar sobre as mulheres. Segundo a arquiteta dinamarquesa, existe uma ideia de que existe uma arquitetura feminina que é, não-explicitamente, uma catalogação para obras que não sejam "ameaçadoras", apenas bonitas e inofensivas. Quando Mandrup fala sobre não querer ser referida como "female architect", ela faz uma referência clara ao fato de que "architect", enquanto uma palavra de gênero neutro, é muito mais utilizada para falar sobre os homens, e assim acrescentar o "female" parece desvalorizar as mulheres.

Entretanto, enquanto isto é com certeza uma questão válida, especialmente nos parâmetros atuais, nos quais temos mais mulheres arquitetas atuando na prática (mesmo com números mais baixos em alguns países), temos neste trabalho dois contrapontos a esse posicionamento. O primeiro é o fato de que, incontestavelmente, historicamente houve sim muita diferenciação. As mulheres que queriam produzir arquitetura tiveram que realizar esforços absurdos (sendo mencionadas por Gwendolyn Wright em 1977 como "arquitetas excepcionais"), e enfrentar diversos preconceitos criados tanto na mídia, quanto perante a escolas e clientes, no que era dito que mulheres não teriam sequer a capacidade de produzir arquitetura.

"Outro fator importante e amplamente usado na escrita histórica é o uso do masculino genérico para se referir indistintamente a homens e mulheres. Essa prática configura-se como um artifício que atua a favor dessa construção unilateral. Apesar de parecer apenas um recurso linguístico usual, e nos acostumarmos com a ideia que a palavra homem equivale necessariamente ao ser humano, essa prerrogativa nem sempre é verdadeira." (FONTES, 2016)

Por um lado, a questão de identificar gênero pela produção de arquitetura realmente se mostra equivocada, por outra perspectiva, temos aqui no Brasil uma questão completamente diferente, relativa ao uso da própria gramática. A língua formal do nosso país, o português brasileiro, é formada por um léxico muito variado, e assim, possui algumas variações em seus dicionários. Mas, em sua maioria, as palavras reconhecidas pela língua formal podem ser encontradas com uma simples busca no Google². A palavra arquiteto, é facilmente encontrada, e sua definição, segundo o Dicionário Michaelis é a seguinte:

Dado que quando falamos então de um “arquiteto”, estamos

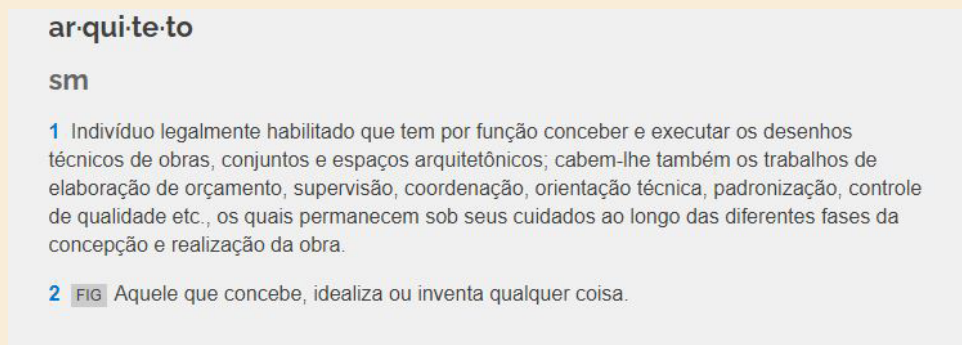


Figura 46. Captura de tela do site do Dicionário Michaelis.

nos referindo a um singular masculino, seria de se esperar que, igual a maior parte das profissões e ocupações, existisse o seu respectivo feminino.

Ainda que a palavra no singular feminino, “arquiteta”, seja comumente utilizada hoje em dia, em um relato durante um curso sobre mulheres e arquitetura³, foi comentado por uma participante⁴

o fato de que em 1986, as mulheres saíam como arquitetos formados. Em alguns periódicos e textos anteriores a essa época, é possível confirmar que sempre se referiam utilizando o termo no singular masculino para falar sobre estas profissionais.

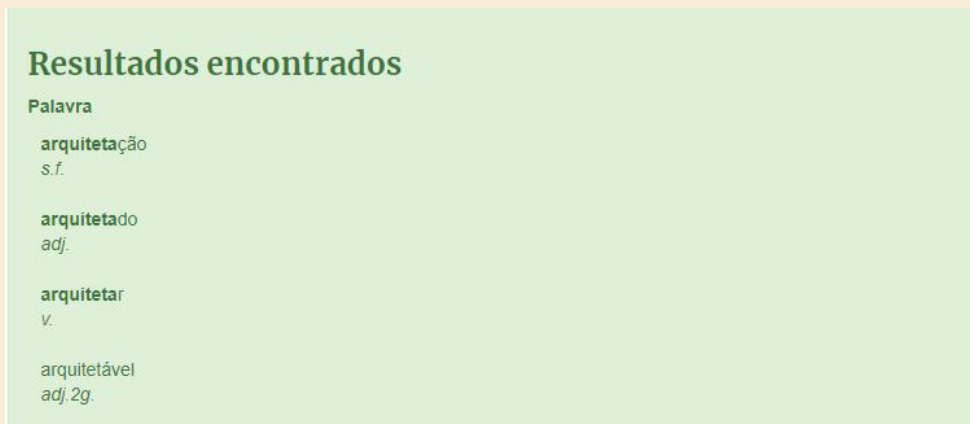


Figura 47. Captura de tela do site da Academia Brasileira de Letras, buscando a palavra "arquiteta".

O momento em que isto começa claramente a mudar é, como citado no livro "Lina por Escrito", em sua última fala pública no Congresso Nacional de Arquitetos em 1991, Lina Bo Bardi se coloca como arquiteta, singular feminino. A partir deste fato, a mesma participante relata que diversas conhecidas e colegas começam a utilizar também o termo.

Com o tema "linguagem" em consideração, também é possível apontar que a arquitetura tem uma linguagem que é distante do público geral, de certo modo considerada por alguns como superioridade. A escolha de utilizar os blocos LEGO, além de todos os pontos já citados no capítulo "Por que Lego?", cria uma certa

reaproximação com esse público. As obras montadas neste trabalho vêm com um esforço de democratizar o conhecimento, ampliando o público que o consome, aumentando assim a percepção sobre as mulheres arquitetas.

Algumas perguntas permanecem com respostas não tão claras, já que não foi possível encontrar diversas das arquitetas formadas, ou até mesmo referências mais claras sobre as suas obras. Mas, dentre as três perguntas principais que foram feitas⁵, acredito que tenham sido, em seu modo, respondidas. As arquitetas estão inseridas em todas as áreas referentes à arquitetura, realizaram diversos tipos de obras (como pode ser visto no capítulo “Brasileiras”) e um dos modos de melhorar a visibilidade pode ser através de diversas formas de divulgação, listas, arquivos ou mesmo acrescentar as informações referente à elas na Wikipedia.



Figura 48. Cartaz do evento “Women in Science Wikipedia Edit-a-thon”.

O termo "arquiteta" pode ainda não ser oficial perante os dicionários da língua portuguesa brasileira. Mas as arquitetas estão aqui, produzem, criam, marcam sua época. Suas experiências são únicas e extremamente importantes, assim como este trabalho teve a honra de esclarecer.

135

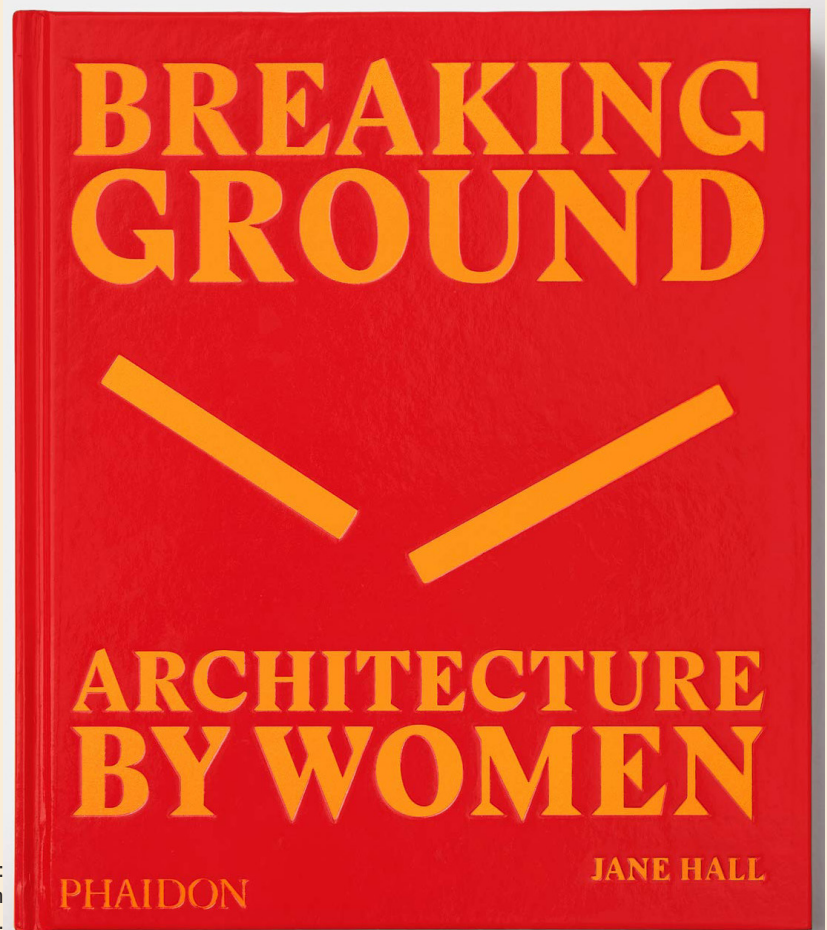


Figura 49. Capa do livro "Breaking Ground: Architecture by Women", de Jane Hall, que contém mais de 200 obras por arquitetas mulheres.

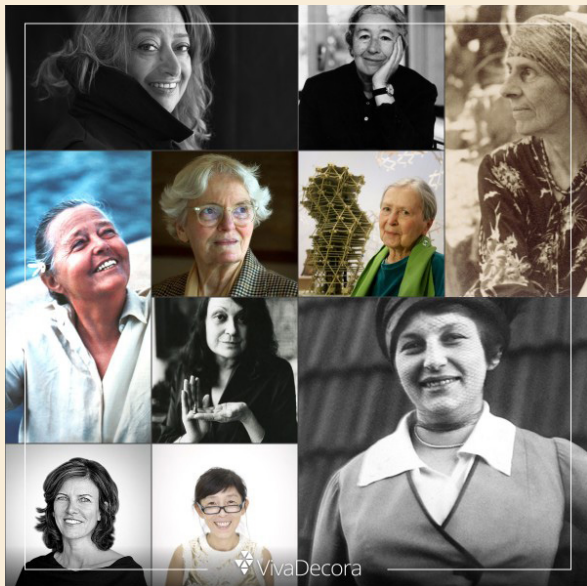


Figura 50. Matéria sobre 10 arquitetas famosas e suas obras que marcaram época

Notas

- 1 Comemorado no dia 8 de março, o Dia Internacional das Mulheres é uma tentativa de acabar com a discriminação contra as mulheres, um ponto focal na luta pelos direitos iguais.
- 2 O que nos traz de volta ao questionamento levantado por Despina Stratigakos quando fala sobre o reconhecimento perante a sociedade atual, tratado no capítulo "Prêmios e Reconhecimentos".
- 3 "*Mulheres, arquitetura e uma revisão do campo profissional*", ministrado por Sabrina Fontenele, organizado pelo Instituto de Arquitetos do Brasil, de forma online durante o mês de Outubro de 2020.
- 4 Não identificada.
- 5 "Já que as arquitetas existem, onde estão inseridas?"; "Quais são as obras que realizaram ou os projetos em que estiveram envolvidas?"; "Como seria possível melhorar a visibilidade as obras nas quais as mulheres estão à frente como autoras ou colaboradoras nas equipes de projeto?" – Do capítulo "Contexto"



Janete Costa
- por Fernanda Fahl

Bibliografia

- 3dwarehouse; **"Casa Rio Bonito"**; 16/03/2017; Disponível em: <<https://3dwarehouse.sketchup.com/model/5262381b-c9c8-4b99-b7f9-45135473987e/Casa-Rio-Bonito?login=true#>>; Acesso em: 14/08/2020.
- "About"**; In: Pritzker Prize; Disponível em: <<https://www.pritzkerprize.com/about>>; Acesso em: 21/09/2020.
- ADAME, Telmi; **"Invisibilidade nas premiações internacionais e a primeira ganhadora do Pritzker"**; In: Arquitetas Invisíveis, n. 1, 2016, pp. 57-60.
- "Adeus a Márcia Nogueira"**; In: IAB; 07/01/2019; Disponível em: <<https://iab.org.br/noticias/adeus-marcia-nogueira>>; Acesso em: 09/02/2021.
- AFONSO, Alcilia; **"A atuação da mulher na arquitetura"**; 18/01/2008; Disponível em: <<http://kakiafonso.blogspot.com/2008/01/atua-da-mulher-na-arquitetura.html>>; Acesso em: 14/09/2019.
- AGREST, Diana I.; CONWAY, Patricia; WEISMAN, Leslie Kaines; **"The Sex of Architecture"**; New York, Harry N. Abrams publishers, 1996.
- ALBA, Lilian Bueno; **"1935-1965 Trinta anos de edifícios modernos em São Paulo"** / Lilian Bueno Alba; São Paulo, 2004.
- ALMEIDA, Maise Fonseca de; **"Revista Acrópole e sua publicação de residências unifamiliares modernas entre os anos de 1952 a 1971"** / Maise Fonseca de Almeida; orientador Miguel Antônio Buzzar - São Carlos, 2008.
- ALPHIN, Tom; **"Detailed Bibliography for 'The LEGO Architect' Book"**; Disponível em: <<https://brickarchitect.com/book/bibliography/>>; Acesso em: 29/09/2020.
- _____; **"LEGO Archives"**; Disponível em: <<http://tomalphin.com/lego>>; Acesso em: 29/09/2020.
- _____; **"The LEGO architect"**; No Starch Press, Inc; São Francisco, 2015.
- ALVARENGA, Carolina Faria; VIANNA, Cláudia Pereira; **"Relações sociais de gênero e divisão sexual do trabalho: desafios para a compreensão do uso do tempo no trabalho docente"**; Laboreal [Online]; Volume 8 N°1; 01/07/2012; Disponível em: <<http://journals.openedition.org/laboreal/6934>>; Acesso em: 26/04/2020
- ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de; **"Adeus a Márcia Nogueira"**; 07/01/2019; Disponível em: <<http://www.iab.org.br/noticias/adeus-marcia-nogueira>>; Acesso em: 20/01/2020.
- ANDRADE, Vitor; **"O legado de Odiléa Toscano no design brasileiro"**; In: Arte e Cultura; n. 89; 04/07/2016; Disponível em: <<http://www.usp.br/aun/antigo/exibir?id=7795&ed=1372&f=31>>; Acesso em: 09/02/2021.
- Archdaily; **"Casa Rio Bonito / Carla Juaçaba"**; In: ArchDaily; 16/05/2020. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-159708/casa-rio-bonito-slash-carla-juacaba>>; Acesso em: 29/09/2020.
- _____; **"Casa Santa Teresa / Carla Juaçaba"**; In: ArchDaily Brasil; 23/02/2018; Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/889419/casa-santa-teresa-carla-juacaba>>; Acesso em: 07/02/2021
- _____; **"Casa Varanda / Carla Juaçaba"**; In: ArchDaily Brasil; 16/12/2013; Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-161067/casa-varanda-slash-carla-juacaba>>; Acesso em: 04/08/2020.
- _____; **"Escritório de arquitetura / Carla Juaçaba"**; In: ArchDaily; Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/office/carla-juacaba>>; Acesso em: 04/08/2020.

ARIEFF, Allison; **“Where Are All the Female Architects?”**; Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/12/15/opinion/sunday/women-architects.html>>; Acesso em: 24/09/2019.

Arquitetas Invisíveis; Disponível em: <<https://www.arquitetasinvisiveis.com/>>; Acesso em: 12/09/2019.

Arquitetas Invisíveis; **“Carla Juaçaba”**; 2015. Disponível em:

<<https://www.arquitetasinvisiveis.com/blank-bjp7p>>; Acesso em: 04/08/2020.

Arquitetas invisíveis; **“Mayumi Souza Lima”**; 2015; Disponível em: <<https://www.arquitetasinvisiveis.com/mayumi-souza-lima>>; Acesso em: 17/07/2020.

Arquivo Arq; **“Mayumi Watanabe”**; Disponível em: <<https://www.arquivo.arq.br/mayumi-watanabe-de-souza-lima>>; Acesso em: 24/07/2020.

Arquivo Arq; **“MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO - MASP”**; Disponível em: <<https://www.arquivo.arq.br/museu-de-arte-de-sao-paulo--masp>>; Acesso em: 18/06/2020.

BALLARIO, Célia; **“A mulher e o mercado de trabalho”**; São Paulo; CREA-SP, 1997.

BARATTO, Romullo; **“Lina Bo Bardi, entre o moderno e o primitivo”**; 05/12/2019; ArchDaily; Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/758576/em-foco-lina-bo-bardi>>; Acesso em: 14/08/2020.

_____; **“MASP de Lina Bo Bardi completa 50 anos”**; 02/11/2018; ArchDaily; Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/905090/masp-de-lina-bo-bardi-completa-50-anos>>; Acesso em: 14/08/2020.

Bauhaus Movement; **“Fallingwater 3D House by Frank Lloyd Wright”**; 30/10/2020; Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2AIPbJRP71E/>>; Acesso em: 15/06/2020.

BERKELEY, Ellen Perry (ed.); McQUAID, Matilda (ass. ed.); **“Architecture. A Place for Women”**; Washington / London, Smithsonian Institution Press, 1989.

BILK, Emanuela; **“Mulheres na Arquitetura”**; Disponível em: <<http://projetoestruturalonline.com.br/mulheres-na-arquitetura/>>; Acesso em: 14/09/2019.

BOOTH, Emily; **“Denise Scott Brown: ‘The best women architects get is student life’”**; In: Architect’s Journal; 22/03/2013; Disponível em: <<https://www.architectsjournal.co.uk/archive/denise-scott-brown-the-best-women-architects-get-is-student-life>>; Acesso em: 28/09/2020.

BORGHETTI, Emily; **“Emily Borghetti: Fábrica de Gaiteiros, Barra do Ribeiro, RS”**; 01/03/2016; Disponível em: <<https://www.arcoweb.com.br/projetodesign/interiores/emily-borghetti-fabrica-gaiteiros-barra-ribeiro-rs>>; Acesso em: 20/01/2020.

BORTOLLI JUNIOR, Oreste; **“Referências perdidas: Arquiteturas em São Paulo 1939-1969”** / Oreste Bortolli Junior; São Paulo, 2005, 438 p.:il.

BrickLink; **“Panel 1 x 4 x 3 with Side Supports - Hollow Studs”**; Disponível em: <<https://www.bricklink.com/v2/catalog/catalogitem.page?P=60581&ccName=4594686#T=C&C=12>>; Acesso em: 14/09/2020.

BRUAND, Yves; **“Arquitetura Contemporânea no Brasil”**; São Paulo, Ed. Perspectiva, 1981.

BRUNELL, Laura; BURKETT, Elinor; **“Feminism”**; 23/09/2020; In: Encyclopedia Britannica; Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/feminism>>; Acesso em: 25/01/2021.

BUDDS, Diana; **“Architecture has a Woman Problem”**; Fast Company, 20/12/ 2017.

BITTONI, Cassia Schroeder; **"Mayumi Watanabe Souza Lima: A Construção do Espaço para a Educação"**; Portal Domínio público; 2009; Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=144062>; Acesso em: 17/07/2020.

"Busca no Vocabulário"; In: Academia Brasileira de Letras; Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>; Acesso em: 20/01/2021.

CALLEN, Anthea; Angel in the Studio: **"Women in the Arts and Crafts Movement 1870-1914"**; London, Astragal Books, 1979.

CAMPOI, Isabela; **"O livro "Direitos das mulheres e injustiça dos homens" por Nísia Floresta"**; 2011; Literatura, mulher e o século 19 no Brasil. História (São Paulo).

CAPRETZ, Adriana; **"Arquiteta Zélia Maia Nobre receberá título de Doutora Honoris Causa pela Ufal"**; 07/10/2019; Disponível em: <<https://ufal.br/ufal/noticias/2019/10/arquiteta-zelia-maia-nobre-recebera-titulo-de-doutor-honoris-causa-pela-ufal-1>>, Acesso em: 09/02/2021.

CÁRDENAS, Alexandra Silva; **"MASP"**; Coleção Obras Fundamentais; 03/12/2015; Disponível em:

<<https://www.causp.gov.br/wp-content/uploads/2015/12/LivroMaspEstrutura6.pdf>>; Acesso em: 08/09/2020.

"Carla Juaçaba Studio"; 2018; Disponível em: <<https://www.carlajuacaba.com.br/>>; Acesso em: 04/08/2020.

_____; **"Rio Bonito House"**; 2018; Disponível em: <<https://www.carlajuacaba.com.br/rio-bonito-house-1>>; Acesso em: 29/09/2020.

_____; **"Varanda House"**; 04/08/2020; Disponível em: <<https://www.carlajuacaba.com.br/varanda-house-1>>; Acesso em: 04/08/2020.

CAUBR; **"Sustentabilidade em Arquitetura é construir com o acessível"**; 06/03/2019; Disponível em: <<https://www.cauabr.gov.br/carla-juacaba-sustentabilidade-em-arquitetura-e-construir-com-o-acessivel-2/>>; Acesso em: 04/08/2020.

"Chu Ming Silveira"; Disponível em: <<http://www.orelhao.arq.br/#chuMing>>; Acesso em: 15/02/2021.

"Chu Ming Silveira: a história da arquiteta chinesa que criou o design do orelhão!"; In: VivaDecora; Disponível em: <<https://www.vivadecora.com.br/pro/arquitetos/chu-ming-silveira/>>; Acesso em: 15/02/2021.

"Clássicos da Arquitetura: MASP / Lina Bo Bardi"; In: ArchDaily; 14/07/2012; Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-59480/classicos-da-arquitetura-masp-lina-bo-bardi>>; Acesso em: 14/08/2020.

COELHO, Rafael; FADINI, Karoline; MAIA, Fernanda; RÉBULI, Arielly; THOM, Keyla; **"Biografia"**; In: Maria do Carmo Schwab; Disponível em: <<https://mariadocarmoschwab.wordpress.com/biografia/>>; Acesso em: 09/02/2021.

"Confira 22 obras projetadas por arquitetas inspiradoras"; In: ARCOweb; Disponível em: <<https://www.arcoweb.com.br/noticias/especiais/confira-22-obras-projetadas-por-arquitetas>>; Acesso em: 12/11/2019.

COLE, Doris; **"From tipi to skyscraper: a history of women in architecture."**; Boston: [s.n.], 1973.

COLOMINA, Beatriz; **"Battle Lines E.1027"** in Hughes, Francesca. "The Architect - Reconstructing her Practice". Cambridge, Massachussets/ London, England. M.I.T. Press.1998; pp. 2-25

_____(ed.); **"Sexuality & Space. Princeton Papers on Architecture"**; volume 1; Princeton, Princeton Architectural Press, 1992.

COMAS, Carlos Eduardo Dias; **"Arquitetura Brasileira, anos 80: um fio de esperança"**; In: AU Arquitetura e Urbanismo, nº 28; Fev/Mar, 1990.

“Conquistas do feminismo no Brasil: uma linha do tempo”; In: Nossa Causa; 09/03/2020 Disponível em: <<https://nossacausa.com/conquistas-do-feminismo-no-brasil/>>; Acesso em: 27/01/2021.

Correio da manhã (RJ) - 1950 a 1959; Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_06&pagfis=11509&url=http://memoria.bn.br/docreader#>; Acesso em: 31/07/2020.

COSTA, Giovana; **“Carolina Bueno – Biografia e obras”**; 11/01/2021 Disponível em: <<https://live.apto.vc/carolina-bueno-biografia-e-obras/>>; Acesso em: 15/02/2021.

COSTA, Vera Rita da; **“Entrevista com Carmem Portinho”** (Ciência Hoje), 1995.

CRUZ, Leandro; **“Jô Vasconcellos”**; 2017; Disponível em: <<http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/biografia.php?idVerbete=1620&idBiografia=169>>; Acesso em: 08/02/2021.

DAUDÉN, Julia; **“A valorização do contexto na arquitetura brasileira”**, In: ArchDaily, 28/01/2018. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/887625/carla-juacaba-a-valorizacao-do-contexto-na-arquitetura-brasileira>>; Acesso em: 04/08/2020.

DELAQUA, Victor; **“Citações de Lina Bo Bardi”**; In: ArchDaily Brasil; 05/12/2014.; Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/758509/citacoes-de-lina-bo-bardi>>; Acesso em: 07/02/2021

_____; **“Dia do Arquiteto: As Arquitetas Brasileiras”**; In: ArchDaily Brasil; 2019; Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/759075/dia-do-arquiteto-as-arquitetas-brasileiras>>; Acesso em: 14/09/2019.

Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis; Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>; Acesso em: 27/01/2021.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva; **“Mulheres sem História”**; In: Revista de História; n. 114; 07/06/1983; pp. 31-45 Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/62058>>; Acesso em: 18/12/2020.

DUARTE, Constância Lima; **“Nísia Floresta”**; Constância Lima Duarte. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 168 p.: il

ELBAOR, Caroline; **“5 Things To Know About Eileen Gray on Her Birthday”**; 09/08/2016; Disponível em: <<https://news.artnet.com/art-world/eileen-gray-female-architect-legacy-592706>>; Acesso em: 21/01/2021.

“ENTREVISTA com a Arquiteta Lygia Fernandes”; Maio 2002; Disponível em: <<https://marcosocosta.wordpress.com/2010/12/24/entrevista-com-lygia-fernandes/>>; Acesso em: 20/01/2020.

“Especial Dia da Mulher Elisabete Franca”; Disponível em: <<https://arquiteturaurbanismotodos.org.br/especial-dia-da-mulher-elisabete-franca/>>; Acesso em: 17/07/2020.

ESPINOZA, José Carlos Huapaya; VASCONCELOS, Clara Demettino Castro; **“LYGIA FERNANDES: UMA ARQUITETA MODERNISTA História e Historiografia da Arquitetura e do Urbanismo Modernos no Brasil”**; Disponível em: <<https://docomomobase.ufba.br/sites/docomomobase.ufba.br/files/lygia.pdf>>; Acesso em: 24/08/2020.

FAHS, Ana C. Salvatti; **“Movimento Feminista”**; 19/09/2016; Disponível em: <<https://www.politize.com.br/movimento-feminista/>>; Acesso em: 15/07/2020.

“Falece a arquiteta Christina Jucá, professora da UnB”; In: CAU-BR; 30/10/2017; Disponível em: <<https://www.cau.br.gov.br/falece-arquiteta-christina-juca-professora-da-unb/>>; Acesso em: 15/02/2021.

FANTON, Ana Julia; FRANCO, Gabriela; REILY, Laura; STROHER, Laísa; **“Sindicato também é lugar de arquiteta!”**; In: Arquitetas Invisíveis; n. 1; 2016; pp. 31-33

FERNANDES, Lygia; **“Residência em Alagoas”**; In: Acrópole, São Paulo, n. 204, set. 1955c, p. 542-545.

_____; **“Residência em Maceió, Alagoas”**; In: Hábitat, São Paulo, n. 31, jun. 1956, p. 67-69.

_____; **“Residência Dr. Paulo Netto”**; In: Arquitetura e Engenharia, Belo Horizonte, n. 35, abr./jun. 1955 a, pp. 12-17.

_____; **“Residência do Dr. José Lyra”**; In: Arquitetura e Engenharia, Belo Horizonte, n. 35, abr./jun. 1955b, p. 21-23.

FERRAZ, Marcelo Carvalho; **“Lina Bo Bardi Museu de Arte de São Paulo Art Museum”**; Sesc São Paulo; 2019.

FINOTTI, Leonardo; **“Maria Bardelli”**; Disponível em: <<http://www.leonardofinotti.com/projects/filter/architect/maria-bardelli>>; Acesso em: 09/02/2021.

Folha de São Paulo; **“Desenhos de Lina Bo Bardi para o Masp”**; 24/10/2014. Disponível em: <<https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/29781-desenhos-de-lina-bo-bardi-para-o-masp>>; Acesso em: 08/09/2020.

FONTES, Marina Lima de; **“Mulheres invisíveis: a produção feminina brasileira na arquitetura impressa no século XX por uma perspectiva feminista”**; Dissertação de mestrado. Orientadora: Ana Elisabete de Almeida Medeiros. Brasília, Universidade de Brasília, 2016.

_____; **“Mulheres na Arquitetura: Reflexões sobre a inserção das mulheres no Campo arquitetônico Brasileiro”**; In: Arquitetas Invisíveis, n. 1, pp. 25-28; 2015.

FOSTER, Wendy; **“Some Work by Women Architects”**; In: Architectural Design, vol. XLV, 8/1975.

“Frau Architekt” Retells Architectural History, Over 100 Years Of Women, By DAM; 18/10/2017; Disponível em: <<https://www.metalocus.es/en/news/frau-architekt-retells-architectural-history-over-100-years-women-dam>>; Acesso em: 27/01/2021.

FUENTES, Maribel Aliaga; **“Mayume e Sérgio Souza Lima: Os Blocos Residência da Vila São Miguel”**; 18/10/2013; Disponível em: <<https://docplayer.com.br/23478052-Mayume-e-sergio-souza-lima-os-blocos-residencias-da-vila-sao-miguel.html>>; Acesso em: 17/07/2020.

_____; **“Três Pioneiras no Cerrado”**; In: Monolito. São Paulo, n. 36; p. 80-82; il. color, 2017.

GÁTI, Andréa Halász; **“Arte e artesanato na arquitetura de interiores moderna de Janete Costa”**; Universidade Federal de Pernambuco, CAC. Desenvolvimento urbano, Recife, 2014.

GUIMARÃES, Thays Teixeira; **“Arquitetas Invisíveis apresentam 48 mulheres na arquitetura”**; In: ArchDaily; 20/06/2020; Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/763417/arquitetas-invisiveis-apresentam-48-mulheres-na-arquitetura-arquitetura>>; Acesso em: 14/09/2019.

_____; **“Casa E1027. Sobre a residência projetada por Eileen Gray”**; Projetos; São Paulo; ano 20; n. 234.01; Vitruvius; 20/06/2020 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/20.233/7782>>; Acesso em: 18/08/2020.

HAHNER, June E. (ed.); **“Women in Latin American History - Their Lives & Views”**; UCLA Latin American Studies Series, Volume 51. Los Angeles, University of California, 1980.

HALL, Jane; **“Breaking Ground: Architecture by Women”**; Phaidon, 2019.

“Helena Ayoub”; Disponível em: <<http://maisk.arq.br/+Helena-Ayoub,4-+>>; Acesso em: 15/02/2021.

“Hélio Duarte”; In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural; Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa211708/helio-duarte>>; Acesso em: 15/02/2021.

HUGHES, Francesca (ed.); **"The Architect - Reconstructing Her Practice"**; Cambridge, Massachusetts / London, England. The M.I.T. Press, 1996.

"Humanidade2012 / Carla Juaçaba + Bia Lessa"; In: ArchDaily Brasil; 05/10/2012; Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-166107/pavilhao-humanidade2012-slash-carla-juacaba-plus-bia-lessa>>; Acessado em: 07/02/2021

IAWA – INTERNATIONAL ARCHIVE OF WOMEN IN ARCHITECTURE; Disponível em: <<https://spec.lib.vt.edu/iawa/>>; Acesso em: 30/09/2019.

ÍNDICE DE ARQUITETURA BRASILEIRA; Disponível em: <<http://www.fau.usp.br/apoio/biblioteca/consulta-online/indice-de-arquitetura-brasileira/>>; Acesso em: 30/09/2019.

Janete Costa; **"Inventário"** Disponível em: <<http://janetecosta.arq.br/>>; Acesso em: 20/01/2020.

JANJULIO, Maristela da Silva; **"A arquitetura doméstica da classe média paulistana nos anos 1950: "bem viver" moderno"**; 2015; Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-11062015-114307/publico/MARISTELATESEFINAL.pdf>>; Acesso em: 31/07/2020.

"Jô Vasconcellos: Museu da Cachaça"; In: ARCOweb; 02/04/2013; Disponível em: <<https://www.arcoweb.com.br/projetodesign/arquitetura/jo-vasconcellos-museu-da-cachaca-salinas-mg>>; Acesso em: 20/01/2020.

JUCA, Christina Bezerra de Mello; **"Lattes"**; Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/2304593/christina-bezerra-de-mello-juca#profissional>>; Acesso em: 20/01/2020.

KARAWEJCZYK, Mônica; **"As filhas de Eva querem votar: dos primórdios da questão à conquista do sufrágio feminino no Brasil"**; (c.1850-1932) / Mônica Karawejczyk – 2013.

KAY, Adah; **"Planning and women's subordination"**; In: Architectural Design, vol. XLV, 8/1975.

KERGOAT, Danièle de; **"A relação social de sexo: da reprodução das relações sociais à sua subversão"**; Tradução de Alain François. Proposições, revista da Faculdade de Educação – Unicamp, v. 13, n. 1, p. 50, jan./abr. 2002.

KOGAN, Gabriel; **"Vazio e pensamento, vento e movimento. Prêmio APCA 2018 – Categoria "Obra brasileira no exterior": Capela Bienal de Veneza / Carla Juaçaba."** Drops; São Paulo; ano 20; n. 143.05; Vitruvius; 08/2019 Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/drops/20.143/7457>>; Acesso em: 07/02/2021

KON, Nelson; **"Casa Rio Bonito, Carla Juaçaba - Rio Bonito/RJ, 2003"**; 2003; Disponível em: <<https://www.nelsonkon.com.br/casa-rio-bonito/>>; Acesso em: 07/02/2021

KUHMAN, Dörte; **"Gender Studies in architecture: space, power and difference"**; Routledge, 2013.

LANGE, Alexandra; **"Porque a arquitetura tem que ouvir suas mulheres esquecidas"** [Necessary Hauntings: Why Architecture Must Listen to its Forgotten Women] 18/08/2013. ArchDaily Brasil. (Trad. Helm, Joanna) Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-134611/porque-a-arquitetura-tem-que-ouvir-suas-mulheres-esquecidas>>; Acesso em: 27/12/2020.

LATERZA, Ana; MORENO; Júlio; **"Inédito: visão completa sobre a presença da mulher na Arquitetura e Urbanismo"**; 07/03/2019; CAUBR; Disponível em: <<https://caubr.gov.br/inedito-visao-completa-sobre-a-presenca-da-mulher-na-arquitetura-e-urbanismo/>>; Acesso em: 20/09/2020.

LEGO®; **"LEGO Architecture Fallingwater: Instruction book"**; Disponível em: <<https://www.lego.com/biassets/bi/4654772.pdf>>; Acesso em: 15/06/2020.

_____; **“LEGO Architecture Fallingwater”**; 2011; Disponível em: <https://www.lego.com/cdn/cs/set/assets/bltf8ffc13b76ca6644/21005_Fallingwater_A4_PT.pdf>; Acesso em: 08/09/2020.

_____; **“LEGO Farnsworth House: Instruction book”**; Disponível em: <<https://www.lego.com/biassets/bi/4654776.pdf>>; Acesso em: 13/09/2020..

_____; **“LEGO Architecture Imperial Hotel”**; 2012; Disponível em: <https://www.lego.com/cdn/cs/set/assets/blt6fd42fd55d6c2949/21017_Imperial_Hotel_A4_PT.PDF>; Acesso em: 08/09/2020.

_____; **“Lego Architecture Imperial Hotel: Instruction book”**; 2013; Disponível em: <<https://www.lego.com/cdn/product-assets/product.bi.core.pdf/6043473.pdf>>; Acesso em: 11/01/2021.

_____; **“LEGO Architecture Robie House: Instruction book”**; Disponível em: <<https://www.lego.com/biassets/bi/4566683.pdf>>; Acesso em: 08/09/2020.

LENZI, Tié; **“O movimento feminista no Brasil”**; Disponível em: <<https://www.todapolitica.com/movimento-feminista-brasil/>>; Acesso em: 24/09/2019.

“Lina: from Italy to Brazil”; In: Instituto Lina Bo e Pietro M. Bardi; Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20051123203102/http://www.institutobardi.com.br/eng/lina/biografia/index.html>>; Acesso em: 10/11/2020.

LIMA, Ana Gabriela Godinho; **“Arquitetas e Arquiteturas da América Latina do Século XX”**; Altamira. Brasil, 2013.

_____; **“Gênero e processo de projeto”**; Monolito. São Paulo, n. 36; p. 48-51; il. color, 2017.

_____; **“Reverendo a história da arquitetura: uma perspectiva feminista”**; Tese (doutorado) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2004.

_____ (org.); **“Feminino e plural: Percursos e projetos de arquitetas e designers”**; FAU-MACK; 2012; Disponível em: <<https://femininoeplural.files.wordpress.com/2013/03/mackpesquisa2012projeto.pdf>>; Acesso em: 21/12/2020.

LOBO, Diego Augusto. **“Dia de luta – Arquitetas Invisíveis.”** Habitamos, 2019. Disponível em: <<http://www.habitamos.com.br/dia-de-luta-arquitetas-invisiveis/>>. Acesso em: 09/02/2021.

LOBO, Lenora; **“Biografia”** 15/08/2018; Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa108999/lenora-lobo>>; Acesso em: 20/01/2020.

LORENZ, Claire; **“Women in Architecture: A Contemporary Perspective”**; New York, Rizzoli, 1990.

LORES, Raul Juste; **“Mulheres que conquistaram justo espaço na arquitetura da cidade”** 8/03/2018; VEJA São Paulo; Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/blog/sao-paulo-nas-alturas/mulheres-arquitetura-sao-paulo/>>; Acesso em: 20/01/2020.

MAIANI, Valentina; **“Padiglione Vaticano: la sottile e lineare cappella di Carla Juaçaba”**; 05/09/2018; Disponível em: <<http://sacrarck.altervista.org/vatican-chapels-cappella-di-carla-juacaba/>>; Acesso em: 29/01/2020.

MANDRUP, Dorte; **“I am not a female architect. I am an architect”**; dezeen; 25/05/2017; Disponível em: <<https://www.dezeen.com/2017/05/25/dorte-mandrup-opinion-column-gender-women-architecture-female-architect/>>; Acesso em: 19/10/2020.

“MASP - MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO”; Disponível em:

<<http://www.arquiteturabrutalista.com.br/fichas-tecnicas/DW%201961-56/1961-56-fichatecnica.htm>>; Acesso em: 18/06/2020.

MARQUES, Priscila; **“4 casas; 1 pavilhão: a poética da construção na obra de Carla Juaçaba (2000-2012)”** / Priscila Marques Mendes. - Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2017.

MCKENNA, Kiri; **"Dialogue with Beatriz Colomina"**; In: Dialogues - Parlour of the Muses; Disponível em: <<https://www.kirimckenna.com/dialogues-parlour-of-the-muses>>; Acesso em: 18/06/2020.

MDC revista de arquitetura e urbanismo; **"Casa Varanda / Carla Juaçaba"**; 12/07/2011. Disponível em: <<https://mdc.arq.br/2011/07/12/casa-varanda-rio-de-janeiro-rj/#>>; Acesso em: 04/08/2020.

MENDONÇA, Camila; **"Feminismo"**; In: EducaMais Brasil; Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/feminismo>>; Acesso em: 24/09/2019.

"Miranda Magnoli"; Disponível em: <<https://arquivo.arq.br/profissionais/miranda-magnoli>>; Acesso em: 15/02/2021

MORA D., María José; **"Eileen Gray, a história por trás da arquiteta"**; 30/09/2016. ArchDaily Brasil; Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/795814/eileen-gray-a-historia-por-tras-da-arquiteta>> Acesso em: 18/08/2020

MULLER, Daniela Valle R.; **"O apagamento das mulheres na história e o direito à memória"**; Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-apagamento-das-mulheres-na-historia-e-o-direito-a-memoria/>>; Acesso em: 12/11/2019.

NEIVA, Simone, **"Maria do Carmo Schwab: a primeira arquiteta capixaba"**; In: Século Diário; 08/03/2015; Disponível em: <[https://www.seculodiario.com.br/direitos/maria-do-carmo-schwab-a-primeira-arquiteta-capixaba#:~:text=Formada%20em%201953%2C%20Schwab%20foi,Brasil%2C%20no%20Rio%20de%20Janeiro.](https://www.seculodiario.com.br/direitos/maria-do-carmo-schwab-a-primeira-arquiteta-capixaba#:~:text=Formada%20em%201953%2C%20Schwab%20foi,Brasil%2C%20no%20Rio%20de%20Janeiro.;)>; Acesso em: 09/02/2021.

NEVES, Daniel; **"O que é feminismo?"**; Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-feminismo.htm>>; Acesso em: 24/09/2019.

NETO, João, **"Mulheres dedicam quase o dobro do tempo dos homens em tarefas domésticas"**; In: Agência de Notícias IBGE; 26/04/2019; Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24267-mulheres-dedicam-quase-o-dobro-do-tempo-dos-homens-em-tarefas-domesticas>>; Acesso em: 13/02/2021

NOBRE, Ana Luiza; **"Sereníssima. Sobre a capela efêmera de Carla Juaçaba em Veneza."** Drops, São Paulo; ano 19, n. 130.02, Vitruvius, 07/2018; Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/drops/19.130/7040>>; Acesso em: 07/02/2021

NOGUEIRA, Evelyn; **"O MASP completa 50 anos! Veja uma breve história do museu"**; In: CASACOR; 07/11/2018; Disponível em: <<https://casacor.abril.com.br/noticias/o-masp-completa-50-anos-veja-uma-breve-historia-do-museu/>>; Acesso em: 07/02/2021

OTONDO, Catherine; **"Onde estão as mulheres arquitetas?"**; In: Monolito. São Paulo, n. 36; 2017; p. 142-145.

Olhares Janela; **"Do Pritzker a Expo Revestir, mulheres que estão mudando o cenário da arquitetura no Brasil e no mundo"**; Março 2020; Disponível em: <<https://editoraolhares.com.br/janela/arquitetas-mulheres/>>; Acesso em: 31/07/2020.

OLIVEIRA, Cléo Alves Pinto de; PERPÉTUO, Maini de Oliveira; **"Setenta e cinco anos da primeira escola de arquitetura do Brasil"**; Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais. 2004.

OUROUSSOFF, Nicolai; **"Keeping Houses, Not Building Them"**; 31/10/2007; The New York Times; Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2007/10/31/arts/design/31woma.html>>; Acesso em: 27/12/2020.

"Paisagismo brasileiro perde Miranda Magnoli, pioneira no ensino da área"; In: CAU-BR; 27/07/2017; Disponível em: <<https://www.cau.br.gov.br/morre-miranda-magnoli-referencia-nacional-na-area-de-paisagismo/>>; Acesso em: 15/02/2021.

PALHÃO, Marcela; **"Três curiosidades sobre a construção do MASP"**; In: Harper's Bazaar; 07/11/2019; Disponível em: <<https://harpersbazaar.uol.com.br/cultura/tres-curiosidades-sobre-a-construcao-do-masp/>>; Acesso em: 07/02/2021

PEREZ, Fabiola; **“O movimento das anti-feministas”**; 08/08/2014; In: Istoé; Disponível em: <https://istoe.com.br/376787_O+MOVIMENTO+DAS+ANTI+FEMINISTAS/>; Acesso em 15/04/2020.

“Pioneering Women of American Architecture”; BWAF; Disponível em: <<https://pioneeringwomen.bwaf.org/>>; Acesso em: 20/01/2021.

PORTAL VITRUVIUS; **“Sesc Ribeirão Preto. Projetos”**, São Paulo, ano 13, n. 150.02, Vitruvius, 06/2013; Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/13.150/4769>>; Acesso em: 10/02/2021.

PRIORE, Mary del (org.); **“História das Mulheres no Brasil”**; São Paulo, UNESP / Contexto, 1927.

PROCHNIK, Rachel Esther; **“Maquete do Projeto de um Playground”**; In: Arquivo Nacional do Brasil; Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/arquivonacionalbrasil/49104506786>>; Acesso em: 24/07/2020.

RAYMOND, Santa; **“Women in Practice”**; In: Architectural Design, vol. XLV, n. 08/1975.

REICHARDT, Jasia; **“Women in Architecture”**; In: Architectural Design, vol. XLV, n. 08/1975.

Revista Projeto; **“Moemma Wertheimer Arquitetura: corretora de valores, São Paulo”**; 01/04/2010; Disponível em: <<https://www.arcoweb.com.br/projetodesign/office/moema-wertheimer-arquitetura-corretora-de-23-06-2010>>; Acesso em: 20/01/2020.

RIBEIRO, Clarissa; **“Biografia”**; 21/11/2017; Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa390138/clarissa-ribeiro>>; Acesso em: 20/01/2020.

ROJAS, Javier Agustin; **“retratos de carla juacaba para PIN-UP 17”**; 2014; Rio de Janeiro; Disponível em: <<https://javieragustinfojas.com/arquitetura/carla-juacaba/>>; Acesso em: 07/02/2021

ROSENFELD, Karissa; **“Denise Scott Brown Demands Recognition from Pritzker”**; In: ArchDaily; 29/03/2013; Disponível em: <<https://www.archdaily.com/349920/denise-scott-brown-demands-recognition-from-pritzker>>; Acesso em: 28/09/2020.

SÁ, Flávia Carvalho de; **“Profissão: Arquiteta. Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero”** / Flávia Carvalho de Sá. -São Paulo, 2010. 196 p.: il.

SALVATORI, Elena. **“Análise crítica das relações entre o campo profissional da arquitetura e o âmbito acadêmico de formação de arquiteto no Brasil: questões de gênero no campo profissional da arquitetura.”** 22/06/2003; <www.iab-rs.org.br/columnasartigo.php?art=14>; Indisponível.

“Sandra Moura”; Disponível em: <<https://sandramoura.com.br/>>; Acesso em: 20/01/2020

_____; **“Questões de gênero no campo profissional da Arquitetura.”**; 2003; www.iab-rs.org.br (desativado).

SEGAWA, Hugo Massaki; **“Arquiteturas no Brasil 1900-1990”** / Hugo Segawa – 3. Ed., 1. Reimp - São Paulo: Editora da Universidade São Paulo, 2014.

SEGRE, Roberto; **“Arquitextos: Carmen Portinho (1903-2001) Sufragista da Arquitetura Brasileira”**; Vitruvius; 08/2001; Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.015/853>>; Acesso em: 24/07/2020.

_____; **“Pavilhão Humanidade 2012. Uma arquitetura frágil e sustentável no evento Rio+20”**; Projetos; São Paulo, ano 12, n. 138-139.02, Vitruvius, 12/06/2012; Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/12.138-139/4403>>; Acesso em: 04/08/2020.

Seminário Internacional **“Onde estão as mulheres arquitetas?”**; Disponível em: <<http://aaccsp.org.br/2019/07/25/onde-estao-as-mulheres-arquitetas/>>; Acesso em: 12/09/2019.

“Série Grandes Arquitetas: Carmen Portinho, Mostrando Que Mulher Pode Ir Para Onde Quiser”; In: Arqblog; 24/02/2017; Disponível em: <<https://www.arqblog.com.br/grandes-arquitetos/serie-grandes-arquitetas-carmen-portinho-mostrando-que-mulher-pode-ir-para-onde-quiser/>>; Acesso em: 17/07/2020.

SILVA, Fabio; **“Profissões: Arquiteto faz mais do que casas”**; In: Folha de S. Paulo; 11/10/2001; Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u6381.shtml>>; Acesso em: 23/07/2020.

SILVA, Fernanda Araújo Félix da; **“Onde estão as mulheres arquitetas maceioenses?”** / Fernanda Araújo Félix da Silva – Alagoas, 2018. 187 p.

SILVA, Joana Mello de Carvalho e; **“Arquitetura e política”**; Monolito; São Paulo, n. 36; p. 87-90; il. color, 2017.

SISSON, Rachel; **“Perfil - Rachel Sisson”**; Disponível em: <<http://rachelsisson.com.br/PAGINAS/PERFIL/PERFIL.htm>>; Acesso em: 24/07/2020.

SteinaufStein; **“LEGO Architecture Fallingwater (Set 21005) - LEGO Speed build”**; 29/06/2019; Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aVw-DbpyRuw/>>; Acesso em: 15/06/2020.

STRATIGAKOS, Despina; **“Unforgetting Women Architects: From the Pritzker to Wikipedia”**; In: Places Journal, Abril 2016. Disponível em: <<https://placesjournal.org/article/unforgetting-women-architects-from-the-pritzker-to-wikipedia/?cn-reloaded=1&cn-reloaded=1>>; Acesso em: 19/10/2020.

_____; **“Where Are the Women Architects?”**; Princeton University Press, 2016.

STRONG, Sarah; **“A Man’s World, a Woman’s Place”**; Architectural Design, vol. XLV, no 08 / 1975.

TEIXEIRA, Thays; **“Eileen Gray e a Crítica De Gênero”**; In: Arquitetas Invisíveis; n. 2; 2018; pp. 27-29

TELLES, N; **“Escritoras, escritas, escrituras”**; In: DEL PRIORI, M. (Org.) História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997. p. 401-442.

The Architectural Work of Le Corbusier; **“Biography”**; Disponível em: <<https://lecorbusier-worldheritage.org/1917-1928/>>; Acesso: 24/01/2021.

The Association for Women in Architecture and Design; Disponível em: <<https://www.awaplusd.org/>> Acesso: 24/01/2021.

THE ECONOMIST; **“A Survey of Women and Work”**; The Economist; 18/07/1998.

TOSCANO, Odiléia Helena Setti; **“Artista”**; Disponível em: <<https://www.odileatoscano.com.br/artista>>; Acesso em: 20/01/2020.

TOY, Maggie; **“The architect: women in contemporary architecture”**; New York: Watson Guptill; 2001.

Un dia una arquiteta; Disponível em: <<https://undiaunaarquitecta.wordpress.com/>>; Acesso em: 12/09/2019.

VIEIRA, Ian; **“Edifício Comercial João Moura; Galeria da Arquitetura”**; Disponível em: <https://www.galeriadaarquitetura.com.br/projeto/nitsche-arquitetos_/edificio-comercial-joao-moura/29>; Acesso em: 31/07/2020.

VivaDecoraPro; **“A arquiteta brasileira que chamou a atenção do mundo para a sustentabilidade”**; 13/11/2018. Disponível em: <<https://www.vivadecora.com.br/pro/arquitetos/carla-juacaba/>>; Acesso em: 12/08/2020.

“WAWARDS 2021”; Disponível em: <<https://w-awards.architectural-review.com/#:~:text=The%20W%20Awards%2C%20formerly%20known,work%20of%20designers%20with%20bright>>; Acesso em: 12/02/2021

WELLER, Denise; **“Biografia”**; 29/04/2019; Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9824/denise-weller>>; Acesso em: 20/01/2020.

WERTHEIMER, Moema; **“Colégio Suíço-Brasileiro”** Disponível em: <<https://mw.arq.br/portfolio/colégio-suico-brasileiro/>>; Acesso em: 20/01/2020.

Wikipedia; **“Carla Juaçaba”**; Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Carla_Jua%C3%A7aba>; Acesso em: 06/08/2020.

_____; **“Carmen Portinho”**; Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Carmen_Portinho>; Acesso em: 17/07/2020.

_____; **“Declaration of the Rights of Woman and of the Female Citizen”**; Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Declaration_of_the_Rights_of_Woman_and_of_the_Female_Citizen>; Acesso em: 24/09/2019.

_____; **“Daisy Igel”**; 13/12/2020; Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Daisy_Igel>; Acesso em: 15/02/2021.

_____; **“Elizabeth de Portzamparc”**; 03/08/2020 Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Elizabeth_de_Portzamparc#Arquitetura>; Acesso em: 20/01/2020.

_____; **“International Archive of Women in Architecture”**; 02/01/2021 Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/International_Archive_of_Women_in_Architecture>; Acesso em: 21/12/2020.

_____; **“Lego”**; Disponível em: <<https://en.wikipedia.org/wiki/Lego>>; Acesso em: 12/11/2019.

_____; **“Lego Architecture”**; Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Lego_Architecture>; Acesso em: 12/11/2019.

_____; **“Lina Bo Bardi”**; Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lina_Bo_Bardi>; Acesso em: 14/08/2020.

_____; **“Lota de Macedo Soares”**; 10/09/2020; Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Lota_de_Macedo_Soares>; Acesso em: 07/02/2021.

_____; **“Mayumi Watanabe de Souza Lima”**; Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mayumi_Watanabe_de_Souza_Lima#Obras>; Acesso em: 17/07/2020.

_____; **“Museu de Arte de São Paulo”**; Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_de_Arte_de_S%C3%A3o_Paulo>; Acesso em: 14/08/2020.

_____; **“Pritzker Architecture Prize”**; Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Pritzker_Architecture_Prize>; Acesso em: 09/02/2021.

WOLLSTONECRAFT, Mary; **“Vindication of the Rights of Woman”**; 1792.

WRIGHT, Gwendolyn; **“On the Fringe of the Profession: Women in American Architecture”**; In: Kostof, Spiro; “The Architect - Chapters in the History of the Profession”. New York, Oxford University Press, 1977.

WROBLEWSKI, Lucila; **“Biografia”** 10/04/2018; Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa17746/lucila-wroblewski>>; Acesso em: 20/01/2020.

W@ARCH.PT; **“Arquitetas em Portugal: construção da visibilidade 1942-1982”**; Disponível em: <<http://warch.iscsp.ulisboa.pt/>>; Acesso em 20/01/2021.

ZANELLA, Rock; **“Mayume Watanabe”**; 25/01/2017; Disponível em: <<https://www.revistahabitare.com.br/arquitetura/mayumi-watanabe/>>; Acesso em: 20/01/2020.



Maria do Carmo Schwab
- por Fernanda Fahl

Fontes das Imagens

Capa: Arte por Angela Ventura Di Nubila (@aeronfir).

Artes de peças LEGO: por Angela Ventura Di Nubila (@aeronfir).

Artes de arquitetas. (Fonte: Autoria própria).

Figura 1. Ilustração por Renata Eloah (Fonte: Revista Arquitetas Invisíveis, Volume 1, página 33, 2016).

Figura 2. Roda de conversa sobre papel feminino, ENEA São Paulo, 2016 (Fonte: Acervo pessoal).

Figura 3. Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne (Fonte: wikipedia; “Declaration of the Rights of Woman and of the Female Citizen”).

Figura 4. Nineteenth Amendment - Rights of Women. National Archives and Records Administration (Fonte: Britannica; “feminism”).

Figura 5. Marcha das mulheres, montagem (Fonte: <<https://veja.abril.com.br/wp-content/uploads/2018/03/marcha-das-vadias-recife-jpeg1.jpg>>).

Figura 6. Estúdio de Le Corbusier e os colaboradores (mulheres inclusas) (Fonte: <<https://lecorbusier-worldheritage.org/1917-1928/>>).

Figura 7. Uma mulher construtora em Berlim, realizando reparos no teto da Câmara Municipal de Berlim. 1910 (Fonte: <<https://archive.curbed.com/2016/4/13/11422348/women-architecture-gender-gap>>).

Figura 8. Casa E-1027 (Fonte: ©Manuel Bougot; em: <<https://www.archdaily.com.br/br/768965/imagens-do-aguardado-restauro-da-casa-e-1027-de-eileen-gray>>).

Figura 9. Eileen Gray (Fonte: ©Berenice Abbott - Getty Images).

Figura 10. Design da Casa E.1027 (Fonte: Vitruvius n. 234.01).

Figura 11. Foto da Casa E.2027 (Fonte: Vitruvius n. 234.01).

Figura 12. Eileen Gray (Fonte: National Museum of Ireland).

Figura 13. Eileen Gray, uma figura histórica que em toda sua trajetória ajudou a criar o modernismo, com seus designs em diversas áreas. (Fonte: <<https://www.1stdibs.com/introspective-magazine/eileen-gray-bard/>>).

Figura 14. Tabela do IBGE sobre tempo e realização dos afazeres domésticos. (Fonte: IBGE 2019).

Figura 15. Tabela do CAU sobre representatividade feminina na arquitetura. (Fonte: CAU-BR, 2019).

Figura 16. Comparações dentro dos prêmios da arquitetura. (Fonte: ArchDaily).

Figura 17. Zaha Hadid, a primeira mulher a ser reconhecida pelo Prêmio Pritzker. (Fonte: ©Mary McCartney; em: <<https://www.archdaily.com.br/br/889655/quem-ja-ganhou-o-premio-pritzker>>).

Figura 18. Capa da petição pela inclusão de Denise Scott Brown no Prêmio Pritzker de 1991. (Fonte: Places Journal).

Figura 19. Thekla Schild, 1911 (Fonte: Un dia Una Arquiteta).

Figura 20. Imagem de divulgação do evento Women in Architecture de 1977. (Fonte: Archleague; em: <<https://archleague.org/exhibitions/women-in-american-architecture-a-historic-and-contemporary-perspective-exhibition/>>).

Figura 21. Logo do IAWA. (Fonte: International Archive of Women in Architecture).

- Figura 22. Mulheres do AWA+D. (Fonte: AWA+D; “Our History”).
- Figura 23. Reunião do AWA em 1950. (Fonte: AWA+D; “Our History”).
- Figura 24. Captura de tela do banner do site do Un dia una arquitecta. (Captura em 2020).
- Figura 25. Captura de tela do site do Arquitetas Invisíveis. (Captura em 2020).
- Figura 26. Banner de divulgação do projeto do Arquitetas Negras. (Fonte: Arquitetas Negras).
- Figura 27. Logo do W Awards. (Fonte: W Awards).
- Figura 28. Logo do arcVision. (Fonte: arcVision Prize).
- Figura 29. Lina Bo Bardi no canteiro de obras. (Fonte: Un dia una arquitecta).
- Figura 30. Publicação na revista Acrópole, n. 204, da obra da arquiteta Lygia Fernandes. (Fonte: Arquivo FAU-USP).
- Figura 31. Caixa do Kit LEGO Architecture Studio. (Fonte: Site da LEGO).
- Figura 32. Primeira tentativa do modelo físico do MASP em peças de LEGO. (Fonte: Acervo pessoal).
- Figura 33. Tentativa a partir da topografia do modelo físico do MASP em peças de LEGO. (Fonte: Acervo pessoal).
- Figura 34. Captura de tela da primeira tentativa de construção do modelo do MASP no programa LEGO Digital Designer. (Capturado em 2020).
- Figura 35. Captura de tela da etapa de passo a passo de montagem do programa LEGO Digital Designer. (Captura em 2020).
- Figura 36. Modelo físico final com peças de LEGO do MASP. (Fonte: Acervo pessoal).
- Figura 37. Captura de tela da etapa de construção da Casa Rio Bonito no programa BrickLink Studio. (Captura em 2020).
- Figura 38. Captura de tela da etapa de edição do passo a passo da Casa Rio Bonito no programa BrickLink Studio. (Captura em 2020).
- Figura 39. Captura de tela da etapa de formatação e diagramação da Casa Rio Bonito no programa BrickLink Studio. (Captura em 2020).
- Figura 40. Modelo físico final com peças de LEGO da Casa Rio Bonito. (Fonte: Acervo pessoal).
- Figura 41. Fotos do modelo físico final do MASP em peças LEGO. (Fonte: Acervo pessoal).
- Figura 42. Fotos do modelo físico final da Casa Rio Bonito em peças LEGO. (Fonte: Acervo pessoal).
- Figura 43. Capa do Livreto do MASP. (Fonte: Autoria própria).
- Figura 44. Capa do Livreto da Casa Rio Bonito. (Fonte: Autoria própria).
- Figura 45. Livreto sobre o MASP com um texto da autora do projeto sobre ele. (Fonte: Foto por Juliana Braga).
- Figura 46. Captura de tela do site do Dicionário Michaelis. (Capturado em 2020).
- Figura 47. Captura de tela do site da Academia Brasileira de Letras, buscando a palavra “arquiteta”. (Capturado em 2020).
- Figura 48. Cartaz do evento “Women in Science Wikipedia Edit-a-thon”. (Fonte: <<https://libraries.ou.edu/content/women-science-wikipedia-edit-thon>>)
- Figura 49. Capa do livro “Breaking Ground: Architecture by Women”, de Jane Hall, que contém mais de 200 obras por arquitetas mulheres. (Fonte: Amazon.com)
- Figura 50. Matéria sobre 10 arquitetas famosas e suas obras que marcaram época (Fonte: VivaDecora)



Anexos

Lygia Fernandes

Lygia Fernandes nasceu em 27 de setembro de 1919, em São Luiz do Maranhão (nordeste brasileiro), porém residiu em diversas cidades do país, uma vez que seu pai era oficial do exército. Arquiteta e Urbanista formada em 1945 pela Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, após seis anos de estudo (5 anos estudando arquitetura e 1 ano urbanismo).

Nas décadas de 40 e 50, atuava nos meios arquitetônicos modernistas com desenvoltura. Participou do concurso para o projeto da sede do Jockey Club Brasileiro, com Francisco Bolonha, Giuseppina Pirro e Israel Correia classificando-se em 2º lugar. Embora não construído, o projeto mereceu a publicação na revista *L'architecture d'Aujourd'Hui* (n.21, 1948) e na *Revista de Arquitetura* de Julho / Agosto de 1947. Pouco tempo depois, em 1952, tinha seu projeto de residência na Gávea, RJ, publicado também na revista francesa (n. 42-43, 1952). É nesta época que desenvolve em seu estado natal, Alagoas, alguns projetos cuja qualidade novamente se destaca no cenário internacional. Tratam-se de residências: a de José Lyra, a de Paulo Netto, a de Maceió e a de Alagoas, publicados em revistas como *Arquitetura e Engenharia* (n. 35, 1955), *Casa e Jardim*, *Habitat* (n. 31, 1956) e *Acrópole* (n. 204, 1955).

Trabalhou com Henrique Mindlin e Jorge Moreira. Em Brasília, entrou para o Departamento de Habitação Popular em 9 de julho de 1948, contratada como Arquiteta para servir no Serviço de Planejamento. É autora de vários projetos de habitação padrão do DHP. Foi Chefe do Serviço de Planejamento. Atuou também na fiscalização das obras dos conjuntos Pedregulho e Paquetá e de diversas habitações padrão. Deixou o DHP, transferida para o Departamento de Parques e Jardins, no dia 5 de abril de 1960. Aposentou-se no Departamento de Estradas de Rodagem, em 1989.



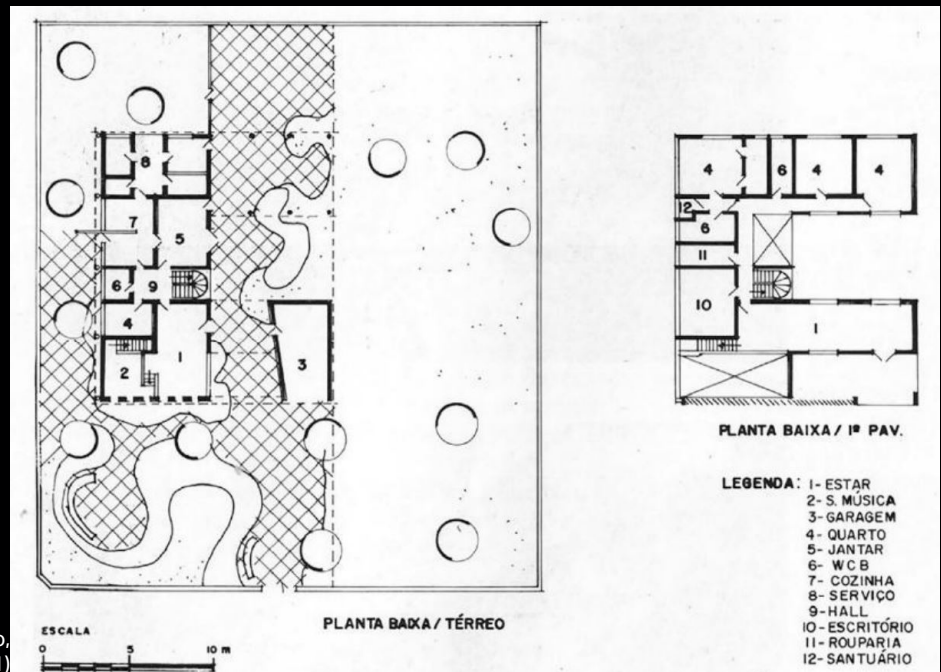
Lygia Fernandes (SILVA, 1991)

Residência José Lyra (Maceió, 1952)

Construída entre 1952 e 1954, essa obra pode ser considerada como uma consolidação de alguns trabalhos de Lygia no nordeste brasileiro (Maceió, Alagoas). O projeto foi implantado em um terreno sinuoso com jardim amplo de plantas tropicais, que ocupam terraços e áreas livres da residência.

A setorização é claramente percebida na planta, com a separação rigorosa entre as áreas sociais, íntima e de serviços. Sem interferir nessa linha de pensamento, dentro da casa há um mezanino que permite a integração entre os ambientes íntimo e social. Outro fator de integração é o uso de cores fortes, tanto na fachada como interior (nos móveis, pisos e paredes).

Além da adoção de colunas, o emprego de venezianas nas aberturas, juntamente às folhas de madeira e vidro, ajuda no conforto térmico. O uso de é identificado, em larga extensão, na

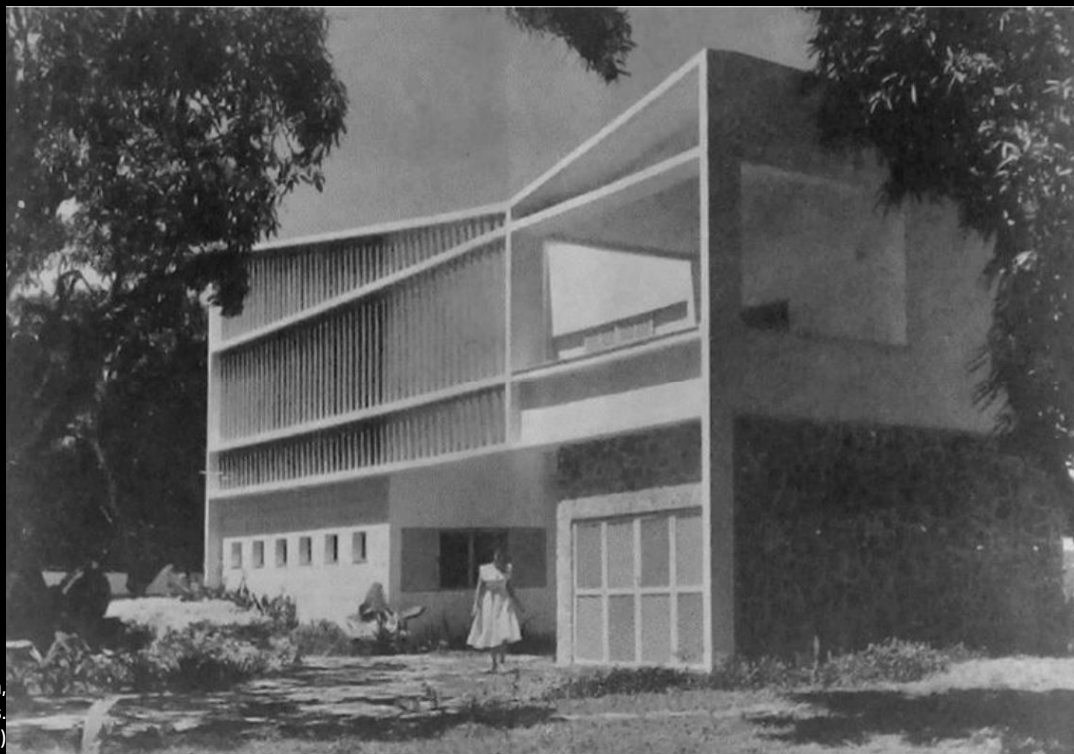


Planta baixa do térreo e primeiro pavimento, respectivamente. (SILVA, 1991)

fachada principal, junto aos painéis de vidro, treliça e pedra. Essa junção de materiais provoca uma permanente variação na percepção visual da residência.

A volumetria trabalha com formas geométricas (grandes quadrados), resultando em uma composição formulada como um todo. Levando em conta alguns princípios modernistas, a cobertura em V foi escolhida em negação à cumeeira.

A residência José Lyra, de fato, é uma ilustração dos princípios modernos na arquitetura residencial, apresentando, contudo, uma leitura brasileira. Uma arquitetura feita de estrutura independente, com controle térmico e de iluminação feito por meio de *brisesoleils*, coberta por um telhado-borboleta, e empregando elementos vernaculares à maneira de Lúcio Costa, como o uso de telhas de barro, o azulejo, a madeira, treliças e muxarabis.



Uma das fachadas da residência, onde é possível observar os brises. (Arquitetura e Engenharia n. 35)

Lista das obras de arquitetas encontradas no IAB, mas sem maiores informações na internet

Suely Albino Silva

Alguns projetos:

Casa e programa; projeto de Suely Albino Silva, arq. Casa & Jardim (173):84-7, jun. 1969.

Um projeto diferente; projeto de Suely Albino Silva, arq. Casa & Jardim (180):80-3, j an. 1970

Quando o terreno é problema; projeto de Suely Albino Silva, arq.; Casa & Jardim (165):84-6, out. 1968.

Um terreno, duas casas; projeto de Suely Albino Silva, arq. Casa & Jardim (176): 64-5, set. 1969.

A casa e seus ângulos; projeto de Suely Albino Silva, arq. Casa & Jardim (176): 54-7, set. 1969

Uma casa em detalhe; projeto de Suely Albino Silva, arq.; Casa & Jardim (157):88- 91, fev. 1968.

157

Leonarda

Alguns projetos:

Casa na praia; projeto de Leonarda, arq. Casa & Jardim (152):92-3, set. 1967.

Casa para um terreno em declive; projeto de Leonarda, arq. Casa & Jardim (141): 92-4, out. 1966.

Nina De Thereza

Alguns projetos:

Barra de Guaratiba Country Club; projeto de Nina de Thereza e Paulo Coelho, arqs. Arquitetura (21):18, mar. 1964.

Residência em são Cristóvão, Rio de Janeiro projeto de Nina de Thereza e Paulo Coelho, arqs. Arquitetura (36):21, jun. 1965.

Itajubá Country Club, Itajubá; projeto de Nina de Thereza e Paulo Coelho, arqs. Arquitetura (18):15, dez. 1963.

Maria Lucia Athayde

Alguns projetos:

Grupos escolares pré-fabricados; projeto de Jorge Martins Júnior, Maria Lúcia Athayde, Paulo Gustavo Cunha e Gildo Montenegro, arqs. Arquitetura (40) :17-8, out. 1965.

Dois projetos para o INPS; projetos de Jorge Martins e Maria Lúcia Athayde, arqs. Arquitetura (78):37, dez. 1968.

Heleny A. Marques Lins

Alguns projetos:

Edifício de apartamentos: Edifício Clarice, por Florismundo Lins e Heleny Lins. arqs; ·Acrópole (243): 110-I v jan. 1959.

Núcleo residencial do Ibura, Recife; projeto de Florismundo Marques Lins e Heleny A. Marques Lins, arqs. Bem-Estar (3): 14- 23, nov./dez. 1958.

Ginásio do SESC em Recife; projeto de Florismundo M. Lins e Heleny A. Marques Lins, arqs. Acrópole (297):271-3, jul. 1963.

Outras:

Escola primária, Prefeitura C.E., São Paulo; projeto de **Catharine Gati**, arq. Engenharia Municipal (39):29-31, mar./abr. 1969.

Centro de recuperação de menores delinquentes: tema de trabalho; projeto de **Maria de Jesus Costa**, arq. Arquitetura e Engenharia (37):4-5, nov./dez. 1955.

Cauê clube, Vitória, ES; projeto e decoração de **Deisi Ottoni Barbosa**, arq.; construção de Ademar Ribeiro Vidal, eng. Arquitetura e Engenharia (53):22-8, mar./maio 1959.

Clube Militar, Rio de Janeiro; projeto de **Lilian z. Brafman, Ester Kerdman e Edna Dutra**, arqs. Módulo 3(17):31-2, abr. 1960

Residência Péricles Moreira da Rocha, Fortal e zn; projeto de **Darcy Bove Azevedo**, arq.; construção do Escritório Técnico Sylvio Jaguaribe Ekman. Acrópole (147):72, - jul. 1950.

Sede administrativa da Companhia Vale do Rio Doce em Itabira, I-1G; projeto de **Deisi B. Viana**, arq.; Arquitetura e Engenharia (64):26-31, 1962.

159 Estudo de uma residência; projeto de **Regina Zonta**, arq. Habitat (19):31-2, nov./ dez. 1954.

Grandes composições; tema: câmara de deputados; projeto de **Gerda Biassuti**, arq. AD Arquitetura e Decoração (14) nov./dez. 1955.

Fênix em Coventry, por **Rosa Maria Frontini Carless**. Habitat (70):25-31, dez. 1962

Casa em dois lances; projeto de **Rodolfo Melardi Filho e Maria do Rosário Ayres**, arqs. Casa & Jardim (176):86, set. 1969

O sonho de todos nós; projeto de **Veronika Vajda e Ronald Ho1tnagel**, arqs. Casa & Jardim (142):8Q-2, nov. 1966.

Casa em terreno acidentado; projeto de **Guilherme Nunes, Ruffio Macedo Machado e Alba Macedo Machado**. arqs. Casa & Jardim (176): 84- 5. Set 1969

Residência do arquiteto, • Rio de Janeiro• projeto de **Paulo Candiota, Lúcio Costa e Bela Torok**, arqs.; paisagismo de Burle Marx. Acrópole (196):173-5, jan. 1955.

Projeto para residência; projeto de **Wilson Gottardi e Anna Faria de A. Gottardi**, arqs. Acrópole (331):22, ago. 1966.

Refúgio de montanha na Fazenda do Limoeiro, SP; projeto de **Adele Weber, Noel S. Marinho e Elias Kaufman**, arqs. Arquitetura e Decoração (12) jul./ago. 1955.

Casa de praia; projeto de **Gardênia de Amorin e Gilberto Palmieri**, arqs Casa & Jardim (165) :69-72, out, 1968.

Macabi: clube esportivo israelita brasileiro; projeto de **Ana Mantel, Bernardo Tuny Wettreich e Milton Vitis Federman**, arq. Habitat (64):3-9, 1961.

Concha acústica e auditório no Ceará; projeto de **Fábio Kok de Sá Moreira e Ruth do Valle Kok de Sá Moreira**, arqs. Acrópole (277):22-3, dez. 1961.

Centro esportivo para 10.000 estudantes na Cidade Universitária do Rio de Janeiro; projeto de **André Lopes, Diana Magalhães, Eduardo Oria e Lígia Gomes**, arqs Arquitetura (43) :18-9, jan. 1966.

Ginásio municipal de Rezende, Estado do Rio; projeto de **Miguel o. Ribeiro, Sônia Paiva e Harry James Cole**, arqs. AD Arquitetura e Decoração (11) maio/jun. 1955.

Anteprojeto para edifício sede SESI-CIESP; projeto de **Jorge Wilhelm, Jose Magalhaes Júnior e Lídia Campos**, arqs; Acrópole {373}:23- 5, maio 1970.

Edifício sede da Panair em Brasília; projeto de **Maria Elisa Costa e Elias Kaufman**, arqs. Acrópole (268) :150-1, fev. 1961: Arquitetura e Engenharia (61/3): 114- 5 jul./dez. 1961; Módulo 4(19) :46-8 ago. 1960.

Concurso para a Secretaria da Agricultura, São Paulo, 19 prêmio; projeto de **Arnaldo A. Martino, A. S. Bergarnin, Jose G. Savoy de Castro, Paulo Brúna, Jurandir Bueno Filho, Ana Maria de Biasi, Alfredo Talaat e Marcos A. Tayata**, arqs. Acrópole (357):18-21, dez. 1968.

Hospital-escola; projeto de **Maria Giselda Visconti, Maria Marcia B. Marques e Nelson Wendling**, arqs. Acrópole (368);34-5, dez. 1969.

Hospital para Puerto Cabello; projeto de **Rino Levi, Helena Ruiz e Margot Lampo**, arqs. Acrópole (269):178 mar./abr. 1961.

